



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

MICHELE STEPHANIE SOUZA BARROS

**A PALADINA DO LAR ENTRE O TEXTO E O CONTEXTO: UMA ANÁLISE
DAS PUBLICAÇÕES DA PRIMEIRA REVISTA FEMININA DA BAHIA**

**CACHOEIRA
2019**

MICHELE STEPHANIE SOUZA BARROS

**A PALADINA DO LAR ENTRE O TEXTO E O CONTEXTO: UMA ANÁLISE
DAS PUBLICAÇÕES DA PRIMEIRA REVISTA FEMININA DA BAHIA**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Comunicação
da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia como
requisito para a obtenção do título de Mestre em
Comunicação

·
Orientadora: Prof^ª Dr^ª. Hérica Lene Oliveira Brito

CACHOEIRA
2019

B277p

Barros, Michele Stephanie Souza.

A Paladina do lar entre o texto e o contexto: uma análise das publicações da primeira revista feminina da Bahia. / Michele Stephanie Souza Barros. _ Cachoeira, BA, 2019.

124.; il.

Orientadora: Profa. Dra. Hérica Lene Oliveira Brito.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro Artes, Humanidades e Letras, Mestrado em Comunicação.

1. Mulheres - Bahia. 2. Periódicos brasileiros. 3. Periódicos para mulheres
I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro Artes, Humanidades e Letras. II. Título.

CDD: 056.9

MICHELE STEPHANIE SOUZA BARROS

A PALADINA DO LAR ENTRE O TEXTO E O CONTEXTO: UMA ANÁLISE
DAS PUBLICAÇÕES DA PRIMEIRA REVISTA FEMININA DA BAHIA

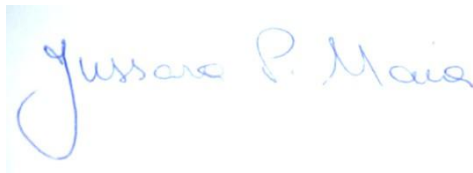
Dissertação apresentada ao programa de
Mestrado em Comunicação da UFRB, sob a
orientação da Prof^ª. Dr^ª. Hérica Lene Oliveira
Brito.

Aprovado, 19 de Dezembro de 2019.

Comissão Examinadora:



Prof^ª. Dr^ª. Hérica Lene Oliveira Brito (UFRB – Orientador)



Prof^ª. Dr^ª. Jussara Peixoto Maia (UFRB – Examinador)

Cachoeira-BA
2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado forças de enfrentar todos os obstáculos até aqui e de ter ao longo desses anos me possibilitado acreditar que era possível apesar das inúmeras forças ao contrário que tive confrontar. Me mantive firme, mas nem sempre forte, mas talvez essa minha sensibilidade tenha sido e seja minha fortaleza.

Agradeço aos meus pais, pelo apoio emocional, financeiro, por serem meus alicerces e acreditarem em meu potencial até mesmo quando eu própria duvidava. Sou grata por cada conselho, cada demonstração de carinho, por me entender nos momentos de cansaço e me fazerem seguir determinada, com fé e esperança de dias melhores.

Agradeço ao meu noivo pela compreensão, pelo amor e preocupação, por ser meu companheiro nas inúmeras tardes, noites e madrugadas, ainda que não resistisse a me acompanhar e dormia, mas valia muito a pena saber que você queria estar perto caso eu precisasse de algo.

Agradeço a minha orientadora por sua disponibilidade e disposição sempre em me ajudar, em contribuir de maneira positiva para a minha pesquisa e de colocar os meus pés no chão em relação a algumas questões da pós-graduação. Sou grata por sua paciência e por ser sempre uma pessoa humana e entender as minhas dificuldades e limitações.

Agradeço a Prof^oDr^a Vanilda Salignac Mazzoni por gentilmente me ceder uma cópia das edições da revista A Paladina do Lar, sem elas a minha pesquisa não teria evoluído.

Agradeço a todos os professores que fazem parte do programa que contribuíram para o nosso crescimento intelectual.

Agradeço a todos os colegas e amigos que fiz durante essa caminhada e sou grata ainda mais aos que permaneceram.

BARROS, Michele Stephanie Souza Barros. **A Paladina do lar entre o texto e o contexto:** uma análise das publicações da primeira revista feminina da Bahia. 125f.2019.Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Comunicação Sociais, Centro de Artes Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, Bahia,2019.

RESUMO

Este trabalho se insere nos estudos sobre história da imprensa brasileira, bem como nos estudos sobre a imprensa feminina brasileira, em especial nos estudos das revistas femininas, no qual foi realizada a análise das publicações da revista *A paladina do Lar* e envolveu uma reflexão sobre o contexto comunicacional dessas publicações feita por mulheres no início do século XX. Levou-se em conta os fatores históricos, políticos, econômicos e culturais do contexto da cidade de Salvador no período de 1910, ano das publicações analisadas. Nesse contexto de transformações surgiu a primeira revista feminina da Bahia, *A Paladina do Lar que* circulou no período de 1910 a 1917, com publicações mensais. As questões que instigam esse estudo são: qual a linha editorial dessa publicação demonstrada por meio de seus textos? Quais eram os temas mais recorrentes abordados? Como os textos podem ser categorizados enquanto gêneros discursivos? Quem eram as autoras ou autores? Qual o tipo de ilustração ou fotografia estava presente? Sobre que perspectiva os assuntos eram desenvolvidos? Qual a relação da escolha dos temas com o contexto histórico do período?

Palavras-chave: Imprensa; Mulheres; Revista Feminina; Religião;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Capa da revista A Paladina do Lar

Figura 2- Contra capa da revista da edição de Janeiro

Figura 3- Texto que tratou dos motivos para a criação da revista

Figura 4- Seção de educação

Figura 5- Artigo sobre saúde

Figura 6- Seção de moda

Figura 7- Nota sobre questões morais e de comportamento

Figura 8- Contracapa da edição de Março

Figura 9- Nota que fala sobre as aptidões de cada mulher

Figura 10- Seções “Arquivo do Bem” e “Notícias e notas”

Figura 11- Publicidade sobre uma escola profissional católica

Figura 12- Contracapa da edição de Maio

Figura 13- Artigo da Conferência da Liga Católica das senhoras baianas

Figura 14- Contracapa da edição de Julho

Figura 15- Coluna 2 de Julho e artigo sobre a Conferência da Liga católica das senhoras baianas

Figura 16- Fotografia de um monumento na cidade de Salvador em comemoração ao 2 de Julho

Figura 17- Contracapa da edição de Setembro

Figura 18- Sumário da edição de Setembro

Figura 19- Contra capa da edição de Novembro

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Principais publicações femininas no Brasil

Tabela 2- Mulheres que tiveram passagem pela imprensa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. A IMPRENSA FEMININA NO BRASIL: SURGIMENTO E CONSOLIDAÇÃO	18
1.1 Surgimento na Europa do século XVI	18
1.2 Século XIX: início no Brasil	21
1.3 A evolução das revistas	30
1.3.1 Como surgem as Revistas Femininas	34
1.3.2 Modernização das revistas femininas	37
2. A PALADINA DO LAR E O CONTEXTO HISTÓRICO DA BAHIA	40
2.1 A cidade de São Salvador da Bahia	41
2.2 A mulher baiana no início do século XX: educação, igreja e caridade	44
2.3 As mulheres à frente de <i>A Paladina do lar</i>	50
2.4 Eis que surge <i>A Paladina do lar</i>	56
3. APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS	60
3.1 Pesquisa documental	63
3.2 Análise de conteúdo	67
4. NAS PÁGINAS DA PALADINA DO LAR	71
4.1 Janeiro de 1910	71
4.2 Março de 1910	83
4.3 Maio de 1910	90
4.4 Julho de 1910	94
4.5 Setembro de 1910	99
4.6 Novembro de 1910	102
4.7 Analisando <i>A Paladina</i>	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	115

INTRODUÇÃO

Consta nos *Anais da Imprensa na Bahia – 1º Centenário 1811-1911*, escrito por Alfredo de Carvalho e João Nepomuceno e publicado em 1911 - e reeditado em 2007 -, que a *A Paladina* foi uma revista mensal, que começou a circular em janeiro de 1910, destinada a propagar ideias moralizadoras e conhecimentos uteis. A redatora era a professora Amelia Rodrigues e a secretária era Maria Eliza Valente Moniz de Aragão. E tinha colaboração franca (CARVALHO & NEPOMUCENO, 2007, p.190).

Em busca dos vestígios da história da imprensa da Bahia, localizamos um acervo pessoal dessa publicação com a pesquisadora Vanilda Salignac de Sousa Mazzoni, durante um evento sobre imprensa realizado no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), no final de 2017. Localizar as edições mudou esta pesquisa¹, cujo projeto inicial tinha um cunho mais biográfico: verificar a participação de Amélia Augusta Rodrigues do Sacramento na imprensa do início do século passado, em especial na do Recôncavo da Bahia. A revista em si constitui um material muito rico de ser pesquisado.

Os estudos sobre a história da imprensa na Bahia ainda são um campo fértil, pois muito há para ser pesquisado, com poucas publicações específicas, como *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*, obra também organizada por Luís Guilherme Pontes Tavares em 2003. No prefácio, o jornalista Jorge Calmon registrou que “urge escrever a história da imprensa baiana”.

O campo dos estudos sobre história da comunicação no Brasil ainda está em construção e enfrenta muitos desafios para se fortalecer como área de investigação (RIBEIRO & HERCHAMANN, 2008). Porém, o interesse por temas históricos da Comunicação tem se apresentado, nos últimos anos, como uma tendência crescente, tanto na Comunicação quanto na História (*ibid.*, p.14).

Essa área no Brasil sofre do que podemos chamar de “presentismo” (HERCHAMANN & RIBEIRO, 2008; BARBOSA, 2017), pois a maioria das pesquisas privilegia aspectos e problemas relacionados à contemporaneidade, como estudos sobre pós-modernidade, globalização, novas tecnologias. A análise histórica da Comunicação, ou dos meios de comunicação, ainda é relegado a segundo plano.

¹ As edições de *A Paladina* do Lar estão guardadas no Mosteiro de São Bento, onde não permitem fazer cópias. A pesquisadora tem as cópias digitalizadas por atuar na área de preservação do papel, no cuidado, inventário, restauração, preservação, encadernação tradicional (couro e pergaminho) de obras raras, revitalizando bibliotecas antigas.

Entretanto, apesar do crescimento das pesquisas, ainda é pouco sistemático o movimento de fortalecimento e institucionalização da história da comunicação como campo de investigação: “Não há um reconhecimento generalizado da sua relevância” (HERSCHMANN E RIBEIRO, 2008, p.15).

Para se caracterizar o campo de estudos históricos da comunicação é preciso, segundo os autores, definir o que seria então a história da comunicação, ou ainda definir primeiro o que é comunicação. Eles partem do pressuposto que a comunicação é um conceito amplo, o qual pode englobar diversas formas de interação social, inclusive as comunicações interpessoais. Isso posto, “[...] a história da comunicação englobaria, além de mudanças nos meios de comunicação propriamente ditos, uma gama de outras possibilidades – estudos das transformações do sistemas orais, da moda, arquitetura”(HERSCHMANN E RIBEIRO, 2008, p.16). Deste modo, a história dos meios de comunicação poderia ser pensada como parte de uma disciplina ou campo de estudos mais amplo.

Para Herschmann e Ribeiro (2008) um trabalho realizado no âmbito da história da comunicação implica por parte do pesquisador uma articulação com diferentes esferas, sejam elas econômicas, sociais e políticas como também dos âmbitos individual e coletivo. Exige, assim, uma elaboração de estratégias metodológicas que permitam correlacionar e analisar a dinâmica da vida social. Os autores enfatizam que o desenvolvimento de trabalhos centrados em temas específicos, como um periódico, por exemplo, como é o caso desta pesquisa sobre a revista *A Paladina do Lar*, são de grande relevância, pois sem esses estudos não seria possível conhecer em profundidade determinadas práticas, instituições e conjunturas. Uma outra característica apontada pelos autores sobre os estudos sobre história da comunicação, e que também é abarcada por essa pesquisa, uma vez que estuda uma revista regional com circulação na cidade de Salvador, é a importância dos estudos regionais e locais. De acordo com os autores, esse tipo de estudo é importante, pois busca dar conta das especificidades da configuração histórica das mídias locais e regionais.

Ademais, Herschmann e Ribeiro (2008) chamam a atenção para o fato de que as pesquisas no campo da história da comunicação adotam uma perspectiva interdisciplinar, no sentido de que não é possível dar conta do conhecimento sobre história da comunicação trabalhando o tema de forma isolada, sem contato com outras áreas do conhecimento, como a área da História, por exemplo. Ao se analisar um

fenômeno comunicacional, ou um periódico de uma determinada época, é importante traçar uma perspectiva histórica, ou seja, deve-se levar em conta as condições de produção do produto midiático, tanto institucionais quanto histórico-sociais mais amplas, uma vez que existe a dificuldade na incorporação de marcos teórico-metodológicos da História no campo da Comunicação (HERSCHMANN; RIBEIRO, p.22).

Sobre as pesquisas sobre história da comunicação, Marialva Barbosa (2018) complementa que neste campo ocorre não apenas um crescimento na perspectiva historiográfica, como também a inclusão de novas abordagens, a adoção de um olhar denso e plural e a utilização da pesquisa histórica como trânsito entre os tempos, que, segundo ela, é fundamental para a compreensão dos processos comunicacionais.

Ela afirma que o olhar histórico sobre os processos e as práticas comunicacionais leva a uma reflexão acerca da forma como devemos considerar cada temporalidade particular, os meios de comunicação e de que maneira aquela sociedade se relacionava com a expressão pública comunicacional. “Há que se especificar o contexto de análise, já que a pesquisa histórica exige a contextualização, sem a qual não estabelecemos referências nem presunções interpretativas no que se refere ao mundo que está sendo analisado” (BARBOSA, 2018, p.22).

Sobre o trabalho de construção da história dos meios de comunicação, Marialva Barbosa (2018) afirma que a tentativa de acessar o passado faz-se por meio da interpretação e análise dos documentos, os quais chegam até o tempo presente através do que ela chama de “aspecto de vestígios”, tudo isso a partir de um esforço que é de, tão somente, perceber o passado. “Um passado que só chega até sob a forma de rastros, que nada mais são do que atos comunicacionais dos homens do passado que perduraram no tempo” (BARBOSA, 2010, p.32).

Deixando uma marca que pode estar depositada em um lugar físico construído para abrigar documentos (os arquivos), mas pode igualmente estar em fímbrias de narrativas que teimosamente continuam nos informando os passos do passado. Aqueles que se dedicam a qualquer história irão sempre selecionar entre esses múltiplos vestígios os que darão conta das perguntas que dirigimos ao passado.

Barbosa afirma que a história da comunicação deve, ao mesmo tempo, valer-se dos postulados teóricos da história e considerar as especificidades dos processos comunicacionais. Para ela reconstruir o sentido de uma obra – e a obra pode ser os

jornais, por exemplo, exige que se considere as relações entre o texto, o objeto que lhe serve de suporte (no caso a impressão) e as práticas que instrumentalizam – a leitura realizada e a reapropriação feita pelo leitor. “Não podemos estudar processos comunicacionais sem a necessária correlação com o tempo social de sua produção e o espaço social de sua realização” (BARBOSA, p.32, 2010).

Este trabalho se insere nos estudos sobre história da imprensa brasileira, bem como nos estudos sobre a imprensa feminina brasileira, em especial nos estudos das revistas femininas. A insuficiência de trabalhos existentes sobre a temática justifica a realização dessa pesquisa, uma vez que grande parte da historiografia da imprensa brasileira é referenciada a personagens masculinos, poucas são as referências sobre a participação da mulher. Ao analisarmos os principais estudos sobre o periodismo brasileiro constata-se a escassez de estudos sobre a imprensa feminina em revistas. Porém, vale pontuar alguns estudos importantes no que se trata da história da imprensa brasileira, ainda que em grande parte desses estudos não se especifique os que abordam as mulheres.

No que se refere a livros publicados, observamos em *Jornal, história e técnica- História da imprensa no Brasil*, de Juarez Bahia (1990), que são apresentadas perspectivas dos períodos históricos desde o surgimento da imprensa no Brasil, porém, não apresentam os jornais femininos, uma vez que esse não é o propósito da obra. Os livros de Marialva Barbosa, *Os donos do Rio: imprensa, poder e público* (2000) e *História cultural da imprensa- Brasil 1800-1900* (2007), trazem a figura da mulher enquanto leitora, além de apresentar as estratégias da imprensa ao inaugurar os folhetins.

Na obra *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no segundo reinado* (2011), organizado por Paulo Knauss, é realizada uma abordagem histórica considerando a importância das revistas, no imaginário social do contexto brasileiro daquele período.

Já na obra de Nelson Werneck Sodré, *História da imprensa no Brasil* (1966), que é uma importante referência nos estudos nessa área, é apresentado um panorama o qual traz referências da origem da imprensa brasileira.

Pontuamos aqui também uma tese de doutorado de Carlos R. Costa (2007), na qual ele apresenta um levantamento das revistas brasileiras do século XIX, fruto de sua pesquisa histórica e iconográfica. Em *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de república* (2008), de Ana Luiza Martins, são apresentadas algumas

publicações femininas da época, na cidade de São Paulo, além de algumas informações sobre o leitor e a força das revistas naquele momento.

Uma outra obra, a *História da Imprensa no Brasil* (2008), da mesma autora em co-autoria com a historiadora Tânia Regina de Luca, apresenta a participação feminina como consumidora, produtora na primeira metade do século XIX como também apresenta alguns títulos importantes.

É necessário também citar algumas obras que são pioneiras sobre os estudos do periodismo feminino e tornaram-se referência para todos os pesquisadores que decidem escrever sobre o tema, como aponta Constancia Lima Duarte, em *Imprensa feminina e feminista no Brasil* (2017), que as mulheres a partir da década de 1980 despertam para o estudo da construção da própria história, momento no qual “o periodismo feminino é descoberto e se torna objeto de inúmeros artigos, dissertações, teses e livros” (DUARTE, 2017, p.17).

Esse livro de Constancia Lima Duarte apresenta um panorama de 143 jornais e revistas que circularam no país ao longo do século XIX. Trata-se de um dicionário ilustrado, ao apresentar fontes raras e de difícil acesso, e contribuiu para, segundo a autora: “preencher lacunas acerca da história da mulher brasileira na busca por seus direitos e na construção de sua identidade”.

Vale ressaltar os trabalhos de Dulcília Buitoni e June E.Hahner, a primeira é autora de *Imprensa feminina* e de *A mulher de papel*, ambos de 1981, os quais realizam um levantamento sobre esse tipo de periodismo e apresenta reflexões importantes sobre a natureza dessa imprensa e sua utilidade. A segunda é autora de *A mulher no Brasil* (1978) e *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas* (1981), obras as quais reúnem documentos até então desconhecidos do período colonial até às primeiras décadas do século XX, além de trazer uma reflexão importante ao questionar a ausência feminina na história oficial.

Uma autora que também contribuiu de forma significativa para os estudos sobre a imprensa feminina brasileira foi Maria Thereza Caiuby Bernardes, com seu livro *Mulheres de ontem? Rio de Janeiro – Século XIX*. Nesta obra, ela questiona o fato de que as mulheres brasileiras viviam sufocadas pela estrutura da sociedade da família patriarcal, além de revelar de que forma elas conseguiam enfrentar as adversidades.

Dentre essa importante literatura sobre a imprensa feminina brasileira existem artigos e ensaios que apontam interessantes reflexões sobre o tema, dentre os quais

destaco o ensaio “Mulher em revista” (2012, p.4447-468), de Tânia Regina de Luca, no qual ela apresenta uma leitura sobre o surgimento e a consolidação das revistas dedicadas ao público feminino, como também o artigo “Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX” (2003, p.226), de Zahidé Lupinacci Muzart, no qual a autora faz uma reflexão acerca de alguns periódicos fundados nesse período.

Situados esses elementos sobre os estudos sobre história da comunicação, história da imprensa, e história da imprensa feminina, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar a revista *A Paladina do Lar*, relacionando o conteúdo dos textos com o contexto histórico da época e como um veículo impresso destinado às mulheres na Bahia.

As questões que instigam esse estudo são: qual a linha editorial dessa publicação demonstrada por meio de seus textos? Quais eram os temas mais recorrentes abordados? Como os textos podem ser categorizados enquanto gêneros discursivos? Quem eram as autoras ou autores? Qual o tipo de ilustração ou fotografia estava presente? Sobre que perspectiva os assuntos eram desenvolvidos? Qual a relação da escolha dos temas com o contexto histórico do período?

Esta pesquisa vai envolver uma reflexão sobre o contexto comunicacional dessa publicação feita por mulheres, levando-se em conta os fatores históricos, políticos, econômicos e culturais. O campo do contexto comunicacional implica sempre situar os processos comunicativos em perspectivas e conjunturas históricas, sociais e culturais (SANTAELLA, 2002, p. 100).

Sobre a metodologia de história da comunicação

A metodologia empregada envolveu pesquisa bibliográfica sobre História da Imprensa no Brasil e na Bahia e sobre a revista pesquisada, entendida como “um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar documentos pertinentes ao tema estudado” (STUMPF, 2005, p.51); o passo seguinte foi analisar as edições de *A Paladina do Lar*, e, para tanto, tomou-se como suporte teórico-metodológico a Análise de Conteúdo.

O enquadramento teórico da pesquisa segue os pressupostos para estudos sobre história da comunicação e do jornalismo das obras das autoras Marialva Barbosa (2000; 2004; 2004a; 2005; 2005a; 2006; 2007; 2007a; 2009; 2010 e 2010a; 2011; 2013; 2016;

2017; 2018) e Ana Paula Goulart Ribeiro (2000; 2003; 2007; 2008; 2009; 2011; 2014). Elas ressaltam que a questão da interpretação é o principal postulado da historiografia: não se trata de recuperar o que de fato ocorre (até porque o que de fato ocorre não pode jamais se recuperado), mas interpretar – a partir da subjetividade do pesquisador – as razões de uma determinada ação social (BARBOSA & RIBEIRO, 2005, p. 3).

Ao abordar o conceito de História, Barbosa (2004a) destaca que a operação historiográfica deve ser pensada como um processo, no qual estão envolvidos não apenas os grandes nomes, as grandes datas, os grandes feitos singulares, mas, sobretudo, os particularismos, as repetições, os vestígios, os restos que o passado legou ao presente. E, sobretudo, os anônimos.

É a partir de restos e vestígios que chegam do passado ao presente também que se pode recontar as histórias que envolvem prioritariamente as ações comunicacionais do passado. Muitas vezes nessas ações, o objetivo último é prefigurar os sistemas de comunicação existentes em dado momento e lugar. Nesse instante, a história que afinal é comunicação, se torna história da comunicação (BARBOSA, 2007).

Consideramos, como ela, que a História é comunicação. “Se considerarmos que toda história refere-se ao fracasso ou ao sucesso de homens que vivem e trabalham juntos em sociedades ou nações, com pretensão ou ao verdadeiro ou ao verossímil, a história é, na verdade, o fragmento ou o segmento de um mundo da comunicação” (BARBOSA, p. 3, 2007). São os atos comunicacionais dos homens do passado o que se pretende recuperar como verdade absoluta ou como algo capaz de ser acreditada como verídico. É, nesse sentido que Barbosa afirma que a história é sempre um ato comunicacional.

A questão da interpretação é o principal postulado da historiografia: não se trata de recuperar o que de fato ocorre (até porque o que de fato ocorre não pode jamais se recuperado), mas interpretar – a partir da subjetividade do pesquisador – as razões de uma determinada ação social (BARBOSA & RIBEIRO, 2005, p. 3).

Marialva Barbosa (2007, p.15; 2009, p.10) nos diz que construir a história da comunicação é, pois, fazer mesmo movimento da “escrita da história” (CERTEAU, 1982). É perceber a História como processo complexo, no qual estão engendradas relações sociais, culturais, falas e não ditos. É preciso perguntar pelos silêncios e identificar no que não foi dito uma razão de natureza muitas vezes política. Pensar historicamente pressupõe contextualizar os espaços sociais numa cadeia de fatos,

eventos, ocorrências, costumes, instituições que se conformam como um fluxo (antes e depois).

Barbosa (2004a) insere a produção de uma história da comunicação dentro de um campo claramente configurado e que se denomina história cultural. Difícil de ser definida, sendo muitas vezes confundida com história das ideias ou dos pensadores ou outras vezes com história das práticas culturais, a história cultural deve, na definição de Roger Chartier (1990), identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma dada realidade é construída, pensada e “dada a ler”. É preciso perceber que qualquer história é reinterpretação, reinvenção, reescritura. Não há possibilidade de recuperação do passado tal como ele se deu.

Barbosa (2009, p. 10) segue a metodologia proposta por Robert Darnton (1990), que propõe a realização de uma história social e cultural da comunicação impressa. Assim, o estudo dos meios de comunicação no seu sentido histórico deve envolver todo o processo de sua construção e este movimento termina na interpretação dos leitores. Ao escrever a história da imprensa, destaca ela, é fundamental visualizar a invenção criadora do público no instante em que realizam o processo de recepção e também caracterizar práticas que se apropriam de modo diferente dos materiais que circulam em determinadas sociedades, identificando-se as diferenças.

Fazer história da comunicação, em sua visão, é estudar um *corpus* específico de textos ou de textualidades, considerando também a relação dos leitores com esses objetos culturais. Assim, Barbosa (2004; 2007; 2011) faz uma proposta teórica e metodologicamente para a construção de uma história da comunicação: em primeiro lugar, levar em conta as premissas da escrita da história e, em segundo, considerar as especificidades de estar se lidando com textos e textualidades.

É preciso, pois, desvendar, quando se fala em história da comunicação, quem escrevia nesses jornais, como procuravam se popularizar – que estratégias, apelos e valores esses veículos invocavam no seu discurso –, como funcionavam essas empresas e de que forma esses textos chegavam ao público (BARBOSA, 2009, p.10; 2011, p. 23-24).

Percorrido esse caminho é preciso ver ainda como os leitores entendiam os sinais na página impressa, quais eram os efeitos sociais dessa experiência. Por outro lado, as inovações devem ser pensadas não apenas como circunstâncias de natureza política, econômica e tecnológica, mas, sobretudo, na relação direta com o público.

Um aspecto que pode ser altamente positivo para a pesquisa histórica é a imersão do pesquisador no seu objeto, nos ensina Barbosa. Longe de postular um distanciamento artificial, o pesquisador deve se inserir no seu próprio relato. Isso porque em qualquer pesquisa está presente a subjetividade do sujeito que a constrói.

A história, portanto, não fala do passado, mas, do presente, tal como a operação da memória. O que ela possibilita é uma dada reconstrução desse passado, feita através de um diálogo que ajuda, sobretudo, a entender melhor o presente. Barbosa destaca que a história não fala do tempo de ontem, mas possibilita apenas a sua reconstrução.

Sobre a organização dos capítulos

Este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro abordaremos o surgimento e a consolidação da imprensa feminina no Brasil. Inicialmente fazendo um panorama do surgimento dos primeiros registros de periódicos, como também pontuando os veículos mais importantes. O cenário social do surgimento dos primeiros periódicos, além da importância da iniciativa das mulheres em estarem à frente de publicações destinadas a elas mesmas.

Ainda nesse capítulo, vão aparecer Revistas femininas, apresentando seu contexto de surgimento, sendo destacadas as principais e mais importantes publicações da história da imprensa feminina, no período do século XIX e XX. Além de definir o que é o formato revista, apresentando suas características e importância, bem como o percurso de evolução e modernização das principais revistas da história.

O segundo capítulo traz a trajetória da *A Paladina do lar* ao longo de seus quatro anos de existência, bem como o contexto de seu surgimento e quais as características predominantes desse periódico. *A Paladina* se apresenta dentro de um contexto de transição da própria imprensa, a qual estava passando para uma nova fase, a de transformações industriais. Neste momento, a mulher passou a ter maior participação nas ruas, inclusive pela adesão nas campanhas da Igreja de realização da caridade. Neste período, ocorreu uma retomada da Igreja Católica por seus fiéis, momento qual o Estado se autodeclararia laico, após a proclamação da República.

Ainda nesse capítulo é traçado um breve perfil de suas três editoras, Amélia Rodrigues, Maria Elisa Valente e Maria Luiza de Souza Alves, destacando a importância de cada uma dentro da sociedade do período, bem como a contribuição para

a criação das revistas dentro daquele contexto histórico. Na Bahia, as mulheres participaram desse processo atuando ao lado dos eclesiásticos nesta tarefa e, assim desenvolveu-se um modelo feminino de imprensa em consonância com a doutrina cristã. Ao emitir opinião sobre temas que se tratavam diretamente das mulheres ou se diziam interessar a elas, as revistas femininas tentavam delinear um perfil feminino, que a *Paladina* tentou difundir. No terceiro capítulo apresento o caminho metodológico utilizado para a análise das publicações da revista, bem como as categorias de análise definidas para tal.

E no último capítulo é apresentado o resultado da análise de seis publicações do primeiro ano de vida da revista, *A Paladina do Lar*, na qual, através da relação com o contexto histórico da Bahia desse período analisado, o ano de 1910, adentrar neste universo da imprensa feminina.

Deste modo, pretende-se identificar como o contexto influenciou a produção das matérias, em específico o contexto vivido pela própria Amélia, contexto do qual faz parte da história da atuação de uma mulher do Recôncavo Baiano nas páginas da primeira revista feminina da Bahia. Bem como, identificar como a revista foi organizada, a forma pela qual a narrativa foi desenvolvida nos textos, a partir da escolha do tema das publicações, do tipo de propaganda que é anunciado na revista, quais imagens ou ilustrações são utilizadas, qual a predominância de temas pautados e se a linguagem e a forma como ela é construída na revista se diferencia ou se aproxima da prática social, nesse caso o contexto.

1. A IMPRENSA FEMININA NO BRASIL: SURGIMENTO E CONSOLIDAÇÃO

Como pode-se definir historicamente imprensa feminina? Em que se distingue do jornalismo em geral? No *Dicionário de Jornalismo – século XX* (2010), Juarez Bahia apresentou o verbete *Jornalismo Feminino* como:

Faixa do mercado editorial que reúne as publicações especializadas, na sua maioria, destinadas à mulher, nas áreas de moda, beleza, decoração, culinária, turismo, comportamento, trabalho, ciência popular etc. Informação predominantemente de serviço, em geral no formato de revista e, em menor escala, localizada em cadernos, páginas ou seções de jornal, programas de rádio e TV. Por preconceito chamado de “jornalismo menor”, o jornalismo feminino é, em todo o mundo, objeto de expansão, precisamente por refletir hábitos e tendências da mulher em sua luta pela conquista de novos espaços na sociedade (BAHIA, 2010, p. 213).

O objetivo deste capítulo é justamente abordar o estabelecimento de uma imprensa feminina no contexto do Brasil e da Bahia, bem como o surgimento de revistas femininas no país, listando algumas das mais importantes.

A fonte principal para a apresentação dos dados históricos do surgimento da imprensa feminina no Brasil foi Dulcília Buitoni, que, em seus livros *Mulher de papel* (1990) e *Imprensa Feminina* (1986), faz um levantamento do percurso das publicações para o público feminino. A autora é uma das pioneiras dos estudos relativos à imprensa feminina e em sua obra mostra como, após a primeira metade do século XIX, surgiram no Brasil variados periódicos voltados para mulheres.

Para Adriana Braga (2016), a imprensa feminina é um produto de demanda social e de um contexto histórico que foram responsáveis por definir seus rumos, e cuja história, muitas vezes, é confundida com o início da imprensa a partir da invenção da prensa por Johannes Gutenberg, em 1450.

1.1 Surgimento na Europa no século XVI

Um dos primeiros registros de publicação voltada ao público feminino data de 1554 e circulou em Veneza com o título “*Il libro della bella donna*”, de F.Luigi. E a partir do surgimento da imprensa feminina, em especial das revistas femininas, Braga (2016) evidencia o fato de como esse segmento, ao longo dos anos, foi conquistando

espaço e, atualmente, faz parte de um mercado responsável por dinamizar a economia, movimentando números e estimulando a concorrência.

De acordo com Buitoni (1990), a primeira publicação, no contexto do surgimento da imprensa feminina surgiu na Inglaterra no ano de 1693, se chamava *Ladies Mercury*. Esse periódico trazia seções de conselhos sentimentais, um espaço reservado a cartas e respostas das leitoras, as quais poderiam relatar suas desventuras amorosas.

Já na segunda metade do século XVIII surgiram também na Itália, Alemanha e Áustria periódicos femininos, similares ao da Inglaterra, que tratavam de temas como horóscopo, moda e literatura. Buitoni (*ibid.*) destaca que na França foi onde a imprensa feminina mais se desenvolveu por consequência da Revolução Francesa, que se configurou como um processo de ruptura com o regime monárquico e modificou o contexto político e social da França.

De acordo com Souza (2003, p.115), as mulheres participaram de forma ativa no processo revolucionário da França, motivadas pelos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, elas reivindicavam educação, igualdades de direitos em relação aos homens, direito ao divórcio, a profissionalização, e nesse contexto de abertura e inserção das mulheres no campo social, surgiram periódicos, muitos deles nos quais se publicavam poemas, crônicas, contos literários, fofocas, como também os assuntos relacionados a moda e teatro, e, até mesmo a publicidade, já fazia parte dos periódicos, por meio de anúncios de lojas.

Ao passo que a imprensa foi se desenvolvendo em todo o mundo, foi nos Estados Unidos onde o formato revista, conhecida também como “magazine”, se desenvolveu de forma significativa, e onde, após a segunda metade do século XIX, a imprensa feminina cresceria em alcance devido ao crescimento industrial. Uma das revistas famosas nesse período foi a *Ladies Magazine*, que trazia em suas páginas reportagens de entretenimento, aconselhamento e serviços.

Com a expansão da imprensa feminina na Europa, nos Estados Unidos, na França, Alemanha, Itália, atrelados aos desencadeamentos históricos/sociais ocorridos nesses países, como a Revolução Francesa e a luta pela independência nos Estados Unidos, surgiram nesse contexto periódicos com conteúdo político, com discursos revolucionários, os quais reivindicavam direitos das mulheres. “Estrutura estatal e jurídica de proteção do trabalho feminino, direitos civis das mulheres, restabelecimento

do divórcio, ação de investigação de paternidade, direito de exercer certas profissões, direito de voto da mulher, foram causas defendidas por esses periódicos” (BRAGA, 2016, p.29).

No início do século XX as publicações femininas já se tornavam de ampla circulação e ultrapassavam a marca de um milhão de exemplares em todo o mundo (BRAGA, 2016, p.30). Uma das razões do crescimento das tiragens das publicações nos Estados Unidos foi o fim da dependência dos Correios, pois, até então, os periódicos dependiam desses serviços para serem entregues. Mas, a partir de 1869, os periódicos passaram a ser vendidos em lojas e livrarias, e não era necessário ser assinante para conseguir obter um exemplar. O primeiro periódico a ter o maior número de tiragem em todo o território mundial foi o *Lady's Home Journal* (1919), pioneiro em introduzir em suas páginas assuntos como arquitetura e decoração. Também nos Estados Unidos surgiram outras revistas de grande sucesso como a *Harper's Bazar*, *Good Housekeeping* e *Mc Call's* (MIRA, 2001, p.60).

As revistas femininas da segunda metade do século XIX apresentavam um perfil da mulher enquanto dona-de-casa, porém com o surgimento do *Lady's Home Journal*, periódico norte-americano, iniciou-se uma “nova filosofia”, segundo Buitoni (1986), que abandonava os ideais de moralismo e o sentimentalismo predominantes nas publicações e sugeria que “... a mulher devia ter ideias práticas, uma certa ambição, melhor aparência física e o gosto mais apurado. (...) As matérias da revista obedeciam a três linhas básicas: aperfeiçoar o gosto, apresentar temas de interesse público e defender certas causa, às vezes triviais, às vezes idealistas” (BUITONI, 1986, p.33).

Como consequência da expansão da imprensa feminina pelo mundo, Buitoni (1986) aponta que ocorreu a “democratização” da moda, em especial nos Estados Unidos e na Europa. Isso decorre do fato da maioria das publicações femininas deste período terem como tema principal a moda, uma relação existente entre publicações femininas e moda que segundo a autora se tornou recíproca de tal maneira que “a moda impulsiona a imprensa feminina e é por ela impulsionada” (BUITONI, 1986, p.14).

Um destaque da imprensa feminina foi a criação da revista *Marie Clarie*, em 1937, na França. Ela ficou conhecida por oferecer ao seu público luxo e sofisticação a um preço acessível, ter uma diagramação moderna com textos pequenos, diferentes tipografias e valorização do branco, como também foi a primeira revista a utilizar um nome feminino como título. Muitas publicações não circularam na Europa durante a

Segunda Guerra Mundial, a *Marie Clarie*, por exemplo, depois desse período, só voltariam a circular em 1954.

1.2 Século XIX: início no Brasil

No Brasil, Buitoni (1986) registra que a imprensa feminina deu seus passos iniciais no século XIX, com a vinda da família Real para o país, responsável por fornecer condições materiais e tecnológicas para a produção de impressos no Brasil, pois até então não existia imprensa oficial e regular, que só passaria a existir com a vinda de D. João VI.

O jornalismo brasileiro foi oficialmente fundado com a chegada da corte portuguesa ao Brasil, em 1808, conforme registra grande parte da bibliografia sobre a história da comunicação no país. No clássico *História da Imprensa no Brasil*, Nelson Werneck Sodré destacou: “Se o impulso que deu aos portugueses o mérito de ocupar o Brasil estava ligado à expansão do capital comercial, foi ele responsável também pelo surto da arte gráfica na metrópole” (SODRÉ, 1999, p.9).

A imprensa foi uma das instituições que a corte portuguesa, o príncipe regente D. João e a rainha D. Maria tiveram de transplantar ou replicar no Brasil após se instalarem no Rio de Janeiro, depois de terem saído precipitadamente de Lisboa e, na sequência, passado por Salvador, na Bahia. Foi preciso implantar também tribunais de Justiça, escolas de ensino superior, repartições públicas e a academia militar.

Durante três séculos, a metrópole proibira a instalação de tipografias e a impressão de obras no Brasil. Mas, em 1808, dadas as necessidades da administração pública, em função da colônia sediar o poder real, foi criada a Impressão Régia e autorizada a circulação da *Gazeta do Rio de Janeiro*, ambas cópias de instituições deixadas em Portugal. Foi também instalada, segundo o modelo de Lisboa, uma Real Mesa Censória (MOLINA, 2015; BAHIA, 2009).

O jornal oficial circulou em setembro de 1808, mas, antes disso, em junho desse ano e durante 15 anos, Hipólito da Costa editou o *Correio Braziliense* ou *Armazém Literário*, em Londres, onde viveu como exilado. O jornal circulava como clandestino. Hipólito se colocava como um correspondente para informar ao Brasil o que acontecia na Europa.

Só existe imprensa, no sentido estrito do termo, a partir do momento em que a transmissão de informações regular se torna pública, ou seja, acessível ao público em geral. “Até então as novidades ou opiniões publicadas, sem qualquer regularidade, não eram transformadas em notícias. Existe troca de informações, mas não existe imprensa” (BARBOSA, 2010, p.20).

A *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808-1822) inaugurou a impressão no Brasil e a circulação regular de periódicos que passaram a ser impressos e se tornaram, gradativamente, acessíveis a um público mais amplo. Ela circulou até 14 de dezembro de 1822. Era uma réplica da *Gazeta de Lisboa*, que fora lançada para divulgar periodicamente os atos do governo. E era vigiada no Brasil pela censura, funcionando como órgão do governo, apesar de suas declarações em contrário (MOLINA, 2015).

As notícias chegavam pelos navios que aportavam o cais da atual Praça XV. Podiam vir nas gazetas que atravessavam o Atlântico ou, o que também era bastante comum, nas cartas escritas e que eram enviadas para a corte. Havia também uma rede de boatos, conversas entreouvidas que podiam vir a ser publicadas no jornal (BARBOSA, 2013, p.44).

Notícia no século XIX não tinha o mesmo sentido de informação nova e recente que terá a partir do século XX. Naquele momento, notícia era ilustração, esclarecimento, conhecimento de algo até então sabido. Não importava se o não sabido era temporalmente próximo ou distante (*ibid.*).

Estabelecia-se assim, segundo Barbosa, um fluxo não apenas de troca de mercadorias, mas sobretudo, de troca de informações:

Há de se acrescentar uma expectativa, uma mentalidade, um desejo de natureza cultural que ultrapassa as fronteiras das razões mais evidentes de natureza política ou econômica. A chegada da família real, em 1808, de fato possibilita o desenvolvimento da cidade, ampliando o universo populacional, entre outras mudanças, materializando condições mínimas indispensáveis para a necessidade de circulação de ideias de maneira mais ampla (BARBOSA, 2010, p.20)

Esse processo de instalação da coroa portuguesa em terras brasileiras foi responsável por transformações na sociedade da época, como a imposição da cultura da corte portuguesa sobretudo com a passagem da sede do governo de Salvador para o Rio de Janeiro, que se tornaria capital do país.

O Rio estava deixando o seu caráter provinciano para ser uma capital em contato com o mundo. Dentro desse contexto a moda assume

grande importância para a mulher que morava nas cidades. As tendências europeias eram copiadas e aí entra o fator imprensa, primeiro com a importação de figurinos vindos de fora, e depois, com a publicação aqui, de jornais e revistas que reproduziam as gravuras de moda. A necessidade estava criada, havia portanto, um mercado (BUITONI, 1986, p.18).

Surgiram assim publicações direcionadas ao público feminino para atender a essa recente demanda que era a moda europeia. Porém, outro interesse também estava presente no imaginário da mulher do século XIX, a literatura, por meio das poesias, contos, novelas e folhetins. As temáticas de literatura e artes seguiam o modelo francês e os valores culturais propagados na Europa. Crescia a demanda de temas relacionados à moda, pois as tendências de Paris ocupavam as publicações de jornais e revistas que reproduziam os modelos em gravuras para a crescente demanda desse novo mercado de leitoras.

O Rio de Janeiro se tornara o centro difusor dos movimentos culturais e políticos da época e foi onde, de acordo com Buitoni (1986, p.19), surgiu o primeiro periódico feminino brasileiro: *O Espelho diamantino*. Foi lançado em 1827, no mesmo ano em que o serviço de vapores entre Rio de Janeiro e Santos começou a funcionar de forma regular, o que contribuiu para esse início da imprensa. Em sua primeira edição, trazia um extenso subtítulo que descrevia as temáticas existentes: “Periódico de política, literatura, belas-artes, teatro e modas, dedicado às senhoras brasileiras”. Era distribuído quinzenalmente e teve no total 14 edições.

Outros periódicos cariocas, de acordo com Buitoni (1986, p.21), também disputariam o título de pioneiro em publicações para mulheres, *A Fluminense exaltada* (1832) e o *Correio das modas* (1839). Assim como no Rio de Janeiro, São Paulo se tornaria em pouco tempo um importante centro editor da imprensa feminina. Porém, em outras partes do Brasil, como Recife, Pernambuco e Piauí também surgiram publicações importantes que contemplaram o público feminino. Podemos ressaltar *O Espelho das Brasileiras* (1831) lançado no Recife, com temáticas relacionadas a moda e literatura.

Nesse início da imprensa voltada ao público feminino no Brasil, Braga (2016, p. 31) salienta que a literatura era a temática principal das publicações, e dividia o espaço com temáticas como moda, artes e variedades. Segundo ela, a mídia que se constituía nesse período já estava voltada para a segmentação de públicos e mercados específicos. Surgiriam assim os folhetins, romances seriados, obras publicadas nos jornais que

estimulavam os sonhos e fantasias e envolviam tramas amorosas e dramas cotidianos. De acordo com *O Dicionário de Jornalismo* de Juarez Bahia, o folhetim surgiu na França em 1820, e foi publicado pela primeira vez no *Journal des Debats*, redigido pelo padre *J.L.Geoffrey*. Os folhetins se apresentavam em um espaço localizado no rodapé das páginas de jornais e revistas, eram dedicados a variedades, teatro, resenhas e crônicas. Criado inicialmente com o objetivo de aumentar a circulação dos jornais e dar mais visibilidade a publicidade, logo se tornou local no qual os romances seriados ocupavam espaço.

As revistas femininas do final do século XIX ofereciam um espaço considerável para os conteúdos literários. Romances de autores/as importantes foram publicados pela primeira vez nas suas páginas. Muitos títulos surgiram em função exclusiva da literatura e também abriram espaço para a produção literária feminina da época. Na virada do século, moda e literatura sustentavam as publicações femininas brasileiras (BRAGA, 2016, p.31).

Heloísa Buarque de Hollanda (1993) ressalta que a imprensa produzida para as mulheres desse período teve importância fundamental na consolidação de uma literatura e do envolvimento da mulher em atividades importantes enquanto produtora, escritora e consumidora da imprensa feminina. A mulher brasileira em especial teve papel essencial na formação dessa modalidade de literatura, o romance brasileiro, tendo em vista que “não só conformaram o novo gênero nos salões domésticos mas também o divulgaram através do exercício de sua tradicional função de contadoras de histórias” (HOLLANDA, 1993, p.17).

A autora destaca que a imprensa dirigida e editada por mulheres cumpriu um papel fundamental no desenvolvimento da “expressão feminina” no sentido de estimular os movimentos feministas e as campanhas republicanas. Se de início a imprensa feminina foi responsável por divulgar a moda e visibilizar os romances, por consequência, de acordo com Hollanda, também seria responsável pela mudança de comportamento das mulheres, de modo a incentivar e valorizar a importância da educação e a busca pela instrução.

Vale ressaltar que até as publicações voltadas ao público feminino não eram produzidas e editadas por mulheres, eram periódicos voltados ao público feminino, porém escritos por homens. Na literatura, por exemplo, como Machado de Assis, José de Alencar e Joaquim Manoel Macedo, escritores que ficaram famosos por ter seus textos (direcionados ao público feminino) publicados em jornais. Entretanto, ainda na

segunda metade do século XIX, surgiram, segundo Buitoni (1986), alguns periódicos audaciosos editados por mulheres no Rio de Janeiro, como o *Jornal das Senhoras* (1852), dirigido por Joana Paula Manso de Noronha, um dos primeiros periódicos a contar com mulheres na redação. A temática trabalhada ultrapassou a moda e a literatura e também contava com publicações críticas à condição feminina e sobre a forma como os homens tratavam as mulheres. Porém, a autora chama a atenção para a forma “tímida” como essas questões eram abordadas, uma vez que as editoras preferiam ficar no anonimato.

Poucos anos depois, também no Rio de Janeiro, surgiu *O Belo Sexo* (1862), dirigido por um grupo de mulheres, que se reuniam uma vez por semana para discutir as matérias que iriam ser publicadas, sobre temáticas que em geral teciam críticas a atuação social da mulher na sociedade frente à falta de instrução e a expectativa pelo casamento. Nesse periódico, diferente do anterior, as responsáveis se expressavam de maneira livre e já não mantinham o anonimato em suas publicações. De acordo com Buitoni (1896) era um periódico que distribuía em média 800 exemplares para uma população de 20.071 mulheres, das quais apenas 1.158 sabiam ler.

O final de século XIX foi marcado pelo surgimento de diversas publicações femininas, sob a direção de mulheres, por exemplo: *O Eco das Damas* (1879), lançado por Amélia Carolina da Silva Couto, *A Família* (1889) editada por Josefina Álvares de Azevedo, ambos no Rio de Janeiro, e *O Sexo Feminino* (1873) dirigido por Francisca Senhorinha Motta Diniz, em Minas Gerais.

A pesquisa de Buitoni (1986) mostrou as principais publicações femininas a partir de 1850, na qual é possível identificar que grande parte das publicações desse período apresenta temas como moda, literatura, beleza, entretenimento e em algumas em particular o papel da mulher enquanto mãe e esposa (*Ver tabela nº 1*).

A Família foi o periódico do século XIX que circulou por mais tempo: de 1888 a 1897. Ele teve duas fases, segundo Buitoni: no primeiro ano de existência, em São Paulo, apresentava questões que ajudavam nos deveres de mulher e mãe; mais tarde, na Proclamação da República, já no Rio de Janeiro, se propôs a ser um jornal que lutaria pela emancipação da mulher.

Buitoni destaca que, se observamos alguns títulos das publicações desse período, *O Lírio*, *A Violeta*, *A Pérola*, *A Borboleta*, *O Espelho*, é possível inferir como a mulher era vista pela sociedade desse tempo, o que colaborava como um eixo na manutenção da

imagem doméstica da mulher, também como mãe e esposa. A autora ainda reconhece que o final do século XIX foi marcado por uma divisão conceitual em relação ao discurso da imprensa feminina, que criou duas direções bem definidas. “A primeira, tradicional, que exalta a vida doméstica e se mostra contra a liberdade de ação fora do lar (...) e a outra que ao contrário se apoia na importância da educação como a única possibilidade da mulher conquistar seus direitos” (BUITONI, 1986, p.47)

Na obra *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade* (2000), organizado por Schuma Schumacher, Érico Vital Brazil, são apresentados um universo de 794 nomes de mulheres que desempenharam papel significativo na história do Brasil, das quais, segundo o dicionário, é possível identificar 46 personagens tiveram passagem pela imprensa, ou seja, escreveram artigos, contos, poesias e outros tipos de textos que compunham as publicações da época (*ver Tabela nº 2*).

O *Dicionário Mulheres do Brasil* apresenta os resultados de uma vasta pesquisa, iniciada em 1997, nas mais variadas áreas do conhecimento, sobre a atuação da mulher no desenvolvimento do país. O estudo surgiu da parceria entre a Organização Não Governamental (ONG) Rede de Desenvolvimento Humano (Redeh) e a Arte Sem Fronteiras com o apoio da Fundação Ford.

Os organizadores da obra, Schuma Schumacher e Érico Brazil (2001), apontam que das 794 mulheres citadas no dicionário 45 apresentaram em sua biografia vínculo, seja por meio de trabalho ou colaboração, com as publicações e veículos que existiam na época em que viveram. Desse total, 29 foram classificadas como jornalistas, sendo que as 16 restantes foram qualificadas como: escritoras (12), ou ainda como políticas ou ativistas (4), feministas (8), poetisas (4), educadoras (3), advogadas (3) e tradutora (1).

No século XX, o país iniciou um processo de industrialização e de crescimento rápido das cidades. O início do século foi o momento da entrada de um grande contingente de imigrantes, uma população que trouxe experiência de trabalho assalariado e uma tradição de trabalho artesanal e técnico. Os quais contribuíram para o desenvolvimento da imprensa no país, seja como técnicos, seja como lideranças de movimentos sindicais que deram origem a muitos jornais operários. Na mesma época assistiu-se à formação de uma classe operária e de uma nova classe média. Novos jornais e revistas foram criados (ABREU, 2008, p.149).

Tabela 1- Principais publicações femininas no Brasil

Ano	Publicação	Conteúdo
1851	Novellista Brasileiro	Novelas, recordações de fatos históricos, viagens, memórias, anedotas, poesias, modas, tetos, bailes, reuniões, etc
1852-1855	Jornal das Senhoras	Moda, literatura, belas-artes, teatros e crítica.
1856	Recreio do Bello Sexo	Moda, literatura, belas-artes e teatro.
1859-1860	O espelho	Moda literatura, indústria e artes.
1862	Bello Sexo	Religião, notícias e críticas.
1863-1864	A bela fluminense	-
1863-1878	Jornal das Famílias	Moda, Beleza, literatura, culinária, receitas.
1863-1875	O Domingo	Recreação, sonetos, cartas de amor e moda.
1875-1877	O sexo Feminino	O primeiro jornal a defender o direito das mulheres
1876	Jornal das Moças	-
1876-1877	O Recreio das Moças	-
1879-1880	O Echo das Damas	-
1879-1904	A estação	Moda parisiense dedicado às senhoras brasileiras.
1879-1888	A Mãe de Família	Educação na infância, família e higiene.
1879	República das Moças	-
1880	A Primavera	Instrução e notícias (semanal)
1881	O beijo	Moda, recitais e poesias.
1885-1888	O Echo das Damas	Reaparecimento da revista de 1879.
1887-1889	O Sexo Feminino	Reaparecimento da revista de 1875. Reivindicava igualdade de direitos entre homens e mulheres.
1889-1897	A Família	Publicação feminista; Defendia a emancipação da mulher.
1890-1896	O quinze de Novembro do Sexo Feminino	Literatura e notícias.
1896	O mimo	Literatura.
1848	A violeta	Literatura.
1854	A Camélia	Jornal acadêmico dedicado a mulher.
1860	O Lírio	Variedades; dedicado a família.
1868	A Crisália e a Borboleta	-
1886	O Leque	Literatura.
1887	A Violeta	Literatura.
1888-1897	A Família	Dedicado a educação e a família.
1889	A Pérola	Dedicado à mulher.
1890	Jornal das Damas	Recreativo.
1890	A Camélia	-
1892	Revista das Modas	-
1897-1900	A Mensageira	Literatura, condição feminina e cultura.
1898	O Ramilhete	-
1898	A Borboleta	-
1898	Álbum das Meninas	Revista literária, educativa, mensal, distribuída de forma gratuita nas escolas

		públicas em São Paulo. A primeira publicação dirigida às jovens adolescentes no Brasil.
--	--	---

Fonte: Tabela elaborada a partir dos dados apresentados por Dulcília Buitoni no livro *Imprensa Feminina* (1896)

Tabela 2 - Mulheres que tiveram passagem pela imprensa

Nome	Período em que viveu	Classificação
<i>Abigail Soares de Sousa</i>	1890 - ?	Educadora e jornalista
<i>Adalgisa Néry</i>	1905 – 1980	Escritora, jornalista e política
Adalzira Bittencourt	1904 – 1976	Advogada e escritora
<i>Adélia de Oliveira Rosa</i>	1908 - ?	Jornalista
Adélia Josefina de Castro	1827 – 1920	Poetisa
<i>Albertina A. Diniz</i>	séc. XIX	Jornalista e educadora
<i>Albertina Correia Lima</i>	1889 - ?	Sufragista, advogada e Jornalista
<i>Amélia Carolina da Silva Couto</i>	séc. XIX	Jornalista e Feminista
<i>Amélia Rodrigues</i>	1861 – 1926	Escritora, jornalista e educadora
Ana Cristina César	1952 – 1983	Poetisa e tradutora
Ana Montenegro	1915 - ?	Feminista, advogada, escritora e ativista política
Andradina de Oliveira	1864 – 1935	Educadora, escritora e feminista
Carmem Dolores	1852 – 1910	Escritora
<i>Carmen da Silva</i>	1919 – 1985	Jornalista , escritora e feminista
<i>Chiquinha Rodrigues</i>	1896 – 1966	Professora, jornalista e política
<i>Corina de Vivaldi Coaracy</i>	1858 – 1862	Jornalista e Tradutora
<i>Elmira Ribeiro Lima</i>	1904 - ?	Ativista política, feminista, jornalista e poetisa
<i>Elvira Gama</i>	séc. XIX	Jornalista e poetisa
<i>Eneida</i>	1904 – 1971	Jornalista , escritora e ativista política
<i>Eugênia Moreira</i>	1898 – 1948	Jornalista , feminista e ativista política
Francisca Clotilde	1862 – 1935	Educadora, escritora e abolicionista
Francisca Isidora	1855 – 1918	Jornalista , escritora

Gonçalves da Rocha		e professora
Francisca Júlia da Silva	1874 – 1920	Poetisa
<i>Francisca Senhorinha da Mota Diniz</i>	Séc. XIX	Escritora, educadora e jornalista
Heloneida Studart	1932 -	Política e escritora
Ivete Vargas	1927 – 1984	Política
<i>Joana Paula Manso de Noronha</i>	1819 – 1875	Jornalista , professora e escritora
<i>Josefina Álvares de Azevedo</i>	1851 - ?	Jornalista e Feminista
<i>Júlia de Albuquerque Sandy Aguiar</i>	séc. XIX	Escritora e Jornalista
Júlia Lopes de Almeida	1862 – 1934	Escritora
<i>Júnia Marise</i>	1945 -	Senadora e Jornalista
Maria Augusta Meira de Vasconcelos Freir	1872 - ?	Escritora
Maria Eugênia Celso Carneiro de Mendonça	1886 - ?	Escritora e Sufragista
Maria Heráclia de Azevedo	séc. XIX	Poetisa
<i>Maria Sabina</i>	1898 – 1991	Declamadora, feminista e jornalista
<i>Niomar Muniz Sodré</i>	1916 - ?	Jornalista e Empresária
<i>Ormindia Ribeiro Bastos</i>	1899 – 1971	Jornalista
Presciliana Duarte de Almeida	1867 – 1944	Escritora e feminista
<i>Revocata Heloísa de Melo</i>	1862 – 1944	Escritora, editora e Abolicionista
<i>Rosalina Coelho Lisboa Larragoiti</i>	1900 – 1975	Poetisa e jornalista
<i>Violante Atalipa Ximenes Bivar e Velasco</i>	1816 – 1874	Pioneira no Jornalismo
<i>Virgilina de Sousa Sales</i>	-	Jornalista e editora de revista feminina
<i>Zuleika Alambert</i>	1922 -	Política, feminista e Jornalista

Fonte: Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade

1.3 A evolução das revistas

A revista é um tipo de meio de comunicação impresso, que de acordo com Marília Scalzo (2003), consegue entrar no espaço privado, na intimidade, na casa dos leitores, “são objetos queridos, fáceis de carregar e de colecionar [...] boas de recortar, copiar: vestidos, decorações, arrumações de mesa, receitas de bolo, cortes de cabelo, aulas, pesquisas de escola, opiniões, explicações” (*ibid.*, p.12).

Mas dentre tantas funcionalidades, afinal, o que é uma revista? Scalzo responde essa pergunta definindo-a como um veículo de comunicação, um produto, um negócio, uma marca, um objeto, um conjunto de serviços, uma combinação entre jornalismo e entretenimento. As revistas possuem características que as distinguem dos outros meios de comunicação, não apenas pela diferenciação em sua forma e disposição de conteúdos, mas também por possibilitar o encontro entre o editor e o leitor. Encontro no qual se estabelece um “fio invisível” que reúne um grupo de pessoas que tem os mesmos interesses, constituindo-se assim uma identidade, na qual são criadas identificações onde as pessoas sentem a sensação de pertencer a um determinado grupo (SCALZO, 2003).

Sérgio Vilas Boas (1996) afirma que o estilo revista se apresenta como uma prática jornalística diferenciada que une a fotografia, o design e o texto, além de compreender uma variedade de estilos e preocupa-se, sobretudo, com a contemporaneidade e atualidade. Ele enfatiza o fato de que as revistas são mais literárias que os jornais pelo modo como o texto é apresentado, admitindo usos estéticos de palavras e recursos gráficos em sua programação visual (*ibid.*, p.71). Ele destaca que podem ser divididas em três grupos: as ilustrativas, as especializadas e as de informação-geral, cada uma possuindo características idênticas entre si:

De certa forma, qualquer revista é especializada, já que pretende um público determinado. As informativas-gerais possuem também algumas características bastante semelhantes àquelas do grupo das ilustradas. A especialização de uma revista pode ser temática ou segundo a segmentação dos leitores (BOAS, p.71, 1996)

Sobre o surgimento das revistas, Scalzo (2003, p.14) aponta que, enquanto os jornais apresentavam uma característica política claramente definida, elas, por sua vez, surgiram com a proposta de complementar a educação, aprofundar assuntos

importantes, para segmentar públicos como também oferecer serviços utilitários a seus leitores.

Revista une e funde entretenimento, educação, serviço e interpretação dos acontecimentos. Possui menos informação no sentido clássico (as “notícias quentes”) e mais informação pessoal (aquela que vai ajudar o leitor em seu cotidiano, em sua vida prática). [...] a revista entra no espaço privado, na intimidade, na casa dos leitores. Há revistas de sala, de cozinha, de quarto, de banheiro (SCALZO, 2003, p.14).

A primeira revista que se tem registro, de acordo com Scalzo (2003), foi publicada em 1663, na Alemanha e se chamava *Erbauliche Monats-Unterredungen (Edificantes Discussões Mentais)*. A pioneira era muito parecida com um livro, entretanto, era considerada uma revista, pois apresentava vários artigos sobre o mesmo assunto, a teologia, e era voltada a um público específico (SCALZO, 2003, p.19).

A criação dessa primeira revista serviu de pontapé para o surgimento de outras e inspirou outras publicações semelhantes, como *Journal des Savants* (1665), na França; *Giornali dei Litterati* (1668), na Itália; *Mercurius Librarius* (1680) na Inglaterra. Inicialmente essas primeiras publicações não utilizavam o termo revista no nome (o que só ocorreria em 1704 na Inglaterra), elas “[...] parecendo-se demais com os livros, deixam clara a missão do novo tipo de publicação que surgia: destinar-se a públicos específicos e aprofundar os assuntos, mais que os jornais, menos que os livros” (SCALZO, 2003, p.19).

Posteriormente, em 1731, surgiu em Londres a *The Gentleman’s Magazine*, uma revista com formato parecido com as que estamos acostumados a ver atualmente, reunia vários assuntos, os quais eram apresentados de maneira leve e agradável, e segundo Scalzo (2003) foi inspirada nas grandes magazines, lojas que vendiam um pouco de tudo. A autora destaca que nos Estados Unidos as primeiras revistas foram publicadas em 1741, foram a *American Magazine* e a *General Magazine*, mas que ao longo do século XVIII centenas de publicações surgiram e se multiplicavam a medida que o país se desenvolvia.

Já no século XIX surgiu a primeira revista ilustrada, a *Illustrated London News* (1842). Ela nasceu em Londres e apresentava em suas 16 páginas uma riqueza de gravuras e ilustrações as quais reproduziam os acontecimentos da época. Outro marco foi o surgimento do *Mercúrio das Senhoras* (1693), definido por Scalzo (2003, p.22) como a primeira de todas as revistas femininas, era uma revista que voltava seus

assuntos aos afazeres do lar e as tendências da moda, apresentando moldes de roupas e desenhos para bordados.

Na história da imprensa de revista Scalzo chama atenção para o fato de que o nascimento da primeira revista semanal de notícias, a *Time* (1923), viria fortalecer e contribuir para o desenvolvimento do gênero de revista. “A ideia era trazer notícias da semana, do país e do mundo, organizadas em seções, sempre narradas de maneira concisa e sistemática, com todas as informações cuidadosamente pesquisadas e checadas” (SCALZO, p.22, 2003).

Podemos observar que em seu surgimento as revistas ganharam espaço principalmente na Europa e nos Estados Unidos e foram responsáveis por ditar moda e com o avanço técnico das gráficas as revistas possibilitou a melhoria na qualidade das publicações trazendo imagens, ilustrações e tornou-se um atrativo para a indústria publicitária. “Além de possibilitar a melhoria na qualidade dos impressos, os avanços técnicos na indústria gráfica permitiram o aumento das tiragens, o que sua vez atraiu os anunciantes dispostos a levar a mensagem sobre seus produtos a um público cada vez mais amplo” (SCALZO, p.20, 2003).

No Brasil, o surgimento das primeiras revistas também está relacionado com a história e do desenvolvimento econômico e industrial do país. As revistas chegaram no começo do século XIX junto com a corte portuguesa que fugiam da guerra e de Napoleão. A primeira revista a surgir no Brasil foi no ano de 1812, na cidade de Salvador, Bahia, e se chamava: *As Variedades ou Ensaios da Literatura*. Trazia assuntos diversificados, falava sobre história antiga e moderna, resumos de viagens, discutia costumes e virtudes morais e sociais, poesia, além de artigos sobre estudos científicos.

O Patriota (1813) é apontado por Scalzo como a segunda revista publicada no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, que tem sua importância por ser uma revista que comprometia em divulgar os autores e temas da terra. Porém, grande parte dessas publicações que surgiram nesse período desapareceram rapidamente, a maioria com poucas tiragens, duravam no máximo dois ou três anos (*ibid.*, p.28).

Essa situação foi alterada com a modernização e inovação das técnicas de impressão, no qual o jornalismo de revista no Brasil pode assim atingir mais leitores e conseguir se consolidar. A entrada desses aparelhos tecnológicos modernos produz uma mudança de comportamento na sociedade e nos periódicos da época:

No início do século XX, na chamada Belle Epoque, ocorre uma série de transformações científicas e tecnológicas que vão refletir na vida cotidiana e na remodelação das cidades. As revistas acompanham essa euforia – centenas de títulos são lançados- e, com as inovações na indústria gráfica, apresentam um nível de requinte visual antes inimaginável. A imprensa começa a se profissionalizar, acompanhando a evolução da nascente industrialização do país (SCALZO, 2003, p.29).

Nesse contexto de avanço e inovação, as fotografias ganham espaço nas páginas das revistas, que se tornou cada vez mais visual. De acordo com Buitoni (1981), com uma diversidade de assuntos, os quais eram apresentados com imagens agradáveis ao olhar; e a revista aos poucos foi “(...) deixando de ser lida apenas pela informação que apresentava, passando a representar um produto de lazer, uma fruição, muitas vezes, o ato de folheá-las já é por si só um prazer” (BUITONI, 1986, p.18).

Com a especialização da fotografia na revistas, surgiu um dos fenômenos editoriais brasileiros destacados por Scalzo (2003): a revista *O Cruzeiro*, criada pelo jornalista e empresário Assis Chateaubriand, que apresentava grandes reportagens e destacava as fotografias em suas publicações. É considerada um marco divisor na história das revistas no Brasil. Inovou em vários aspectos, com a utilização de fotografias, ilustrações desenhadas, sua também relação com a publicidade, a distribuição feita em carros, trens e até avião. Foi a primeira revista a manter correspondentes estrangeiros, de publicação semanal, além de, segundo Scalzo (2003) estabelecer uma nova linguagem na imprensa nacional por meio de grandes reportagens. Na década de 1950 chegou a vender cerca de 700 mil exemplares por semana.

Nessa mesma linha, outra revista importante, que também valorizava os aspectos gráficos e fotográficos foi a revista *Manchete*.

Em 1966 surgiu a revista *Realidade*, considerada como uma das mais conceituadas revistas de todos os tempos, de acordo com Scclazo (2003), depois dela, uma das revistas mais importantes foi a revista *Veja*, da editora Abril. Revista semanal vendida por assinatura, lançada em 1971, nos moldes da revista norte-americana *Time*, é a revista de informação mais vendida no Brasil, ocupando o topo do ranking com média de 1,23 milhões de exemplares em dezembro de 2017 (de acordo com dados do Instituto Verificador de Comunicação).

1.3.1 Como surgem as Revistas Femininas

Houve um momento na história da civilização, no qual segundo Buitoni (2009), surgiu um tipo de veículo impresso dirigido às mulheres. A autora atribui o surgimento de jornais e revistas femininas com a ampliação dos papéis femininos tradicionais, restritos até então ao lar e ao convento. A evolução do capitalismo também foi um dos fatores que contribuiu para o surgimento de novas necessidades a serem supridas.

Evelyne Sullerot, autora da obra *La presse féminine*, uma das obras mais importantes e abrangentes sobre o fenômeno do surgimento da imprensa feminina na França, destaca que o surgimento desse tipo de imprensa especializada em um público é sintoma da vida social:

A história dessa imprensa é apaixonante porque nela lemos a história dos costumes: não a “pequena história” feita de anedotas sobre os grandes desse mundo, mas um reflexo significativo da vida cotidiana, da economia doméstica, das relações sociais, das mentalidades, das morais e dos esnobismos apaixonados, no seu monótono frenesi de novidade (SULLEROT *apud* BUITONI, p.29, 2009)

Buitoni (2009) acrescenta que o surgimento das revistas femininas no Brasil no século XIX refletia as transformações pelas quais passava a nossa sociedade. Surgiram novos elementos que alteraram a dinâmica político-social como a passagem da sede do governo Brasileiro de Salvador para o Rio de Janeiro e a partir deste momento houve grandes transformações. “O rio estava deixando o seu caráter provinciano para ser uma capital em contato com o mundo” (*ibid.*, p.31).

Os últimos anos do século XIX anunciam drásticas mudanças no cenário da imprensa no Brasil. Envolvido pela ideologia do novo à civilização, comparando-a com atitudes europeias, notadamente francesas, o Rio de Janeiro se cobre não apenas de cenários de concreto que anunciam o novo tempo, como também dos ecos dos jornais e revistas que disseminam pelos quatros cantos o discurso da modernização (BARBOSA, 2010, p.119)

O Rio de Janeiro, a capital da República, foi marcada por uma série de mudanças no cenário político econômico e adquiria, com o aumento da população e o crescimento em extensão territorial, melhoria no nível de instrução, cada vez mais um perfil de cidade cosmopolita. “Modernizar é a palavra de ordem no Rio de Janeiro para de igualar aos europeus, buscando um ideal de civilização, novas avenidas e novos

prédios são construídos e derruba-se, em contrapartida, tudo que lembra o atraso colonial” (BARBOSA, 2010, p.119).

E é nesse contexto que surge o caráter noticioso nos jornais, junto a fotografia e a impressão *offset*, e em se tratando de publicações femininas surgiu também a *Revista da Semana*, lançada em 1901 e trazendo em suas páginas a novidade da fotografia e muitas ilustrações. O cinematógrafo, o fonógrafo, o gramofone, os daguereótipos, a linotipo, as Marinonis são algumas das tecnologias que invadem o cenário urbano e o imaginário social na virada do século XIX para o XX, introduzindo amplas transformações no cenário urbano e nos periódicos que circulam na cidade (BARBOSA, 2007, p.21).

O Rio de Janeiro iniciou o século XX modernizando seu centro urbano, no qual os periódicos, ao implantar os aparatos tecnológicos, alteraram a maneira como os periódicos eram produzidos. “Os periódicos transformaram gradativamente seus modos de produção e discurso com que se auto-referenciam. Passam cada vez mais ícones da modernidade, numa cidade que quer ser símbolo de um novo tempo” (BARBOSA, 2007, p.22).

Essas mudanças influenciaram o segmento da imprensa feminina a escolher o formato de revista como veículo representativo. A maioria dos periódicos desse período apresentava o nome de jornal, mas eram revistas, em especial pelo conteúdo apresentado, que a diferenciava do jornal.

Nesse espaço de modernização da imprensa e crescimento das revistas em todo país, Scalzo (2003) sinaliza que as revistas femininas em geral, durante o século XIX e a primeira metade do século XX, traziam as novidades da moda, dicas e conselhos culinários, artigos de interesse geral, pequenas notícias e anedotas. A primeira revista feminina que seguiu essas características, e é apontada por ela como a primeira de todas elas, surgiu na França, em 1693 e se chamava *Mercúrio das Senhoras*.

Já no Brasil, Scalzo apresenta a revista *Espelho Diamantino*, como a pioneira entre as revistas femininas que abordou temas variados como política, literatura, moda, música, dentre outros, objetivava “[...] deixar a mulher à altura da civilização e seus progressos” (*ibid.*, p.28).

Scalzo (2003) destaca que sucessivamente surgiram outras revistas que voltavam sua atenção para o público feminino, como a *Revista da Semana* (1901), no Rio de

Janeiro, que tinha uma seção chamada de “*Cartas de mulher*”; a revista *Fon-Fon* (1907), também do Rio de Janeiro, e a revista *Cigarra* (1914), de São Paulo. Eram revistas destinadas as mulheres, porém não eram veículos dirigidos exclusivamente por mulheres e não traziam publicações que interessassem apenas a elas.

Quem vai apresentar essas características é a *Revista Feminina*. Lançada em 1914, em São Paulo, por Virginia de Souza Salles, ficou conhecida por ser a maior revista brasileira direcionada para mulheres até então. Era uma escrita e dirigida por mulheres e que, de acordo com Scalzo (2003, p. 29), foi considerada um marco na imprensa especializada para esse público, além de ser a pioneira na utilização de fotografias. Continha em média 30 páginas, com diversas ilustrações, era dividida em seções e o seu diferencial era trazer temas em defesa dos direitos das mulheres. Além disso, a *Revista Feminina* soube utilizar a publicidade ao seu favor, pois funcionava à base de assinaturas e estimulava as leitoras a participar de campanhas e concursos.

A publicação chegou a alcançar a tiragem de cerca de 30 mil exemplares e circulou até o ano de 1936. Uma curiosidade explicitada por Braga (2016) é que revista era propriedade da Empresa Feminina Brasileira, que fabricava e comercializava produtos destinados às mulheres, em uma das edições do veículo foi anunciado pela primeira vez no Brasil uma tinta para colorir os cabelos.

Ao abordar o fenômeno do contexto brasileiro, cabe ressaltar o surgimento e o desenvolvimento da revista feminina enquanto produto de cultura são indicativos das condições que possibilitaram seu estabelecimento. A revista feminina é um fenômeno social, um sintoma social. Ela só surge quando a sociedade na qual ela se constituiu oferece as condições técnicas, humanas, econômicas e saberes necessários para a sua manutenção (BRAGA, 2016, p.30).

Segundo Buitoni, antes da *Revista Feminina* não existia na história da imprensa feminina uma publicação tão completa que fosse dedicada inteiramente à mulher, com uma variedade de assuntos, dentro do ambiente doméstico, como também focada no aspecto comercial. Como produto editorial, essa publicação se destacou: “pela sua formulação mais completa, qualidade que os veículos até então dedicados às mulheres ainda não havia encontrado”. Foi um veículo que explorava mais a potencialidade de seu público (BUITONI, 1986, p.39).

1.3.2 Modernização das revistas femininas

Outro marco da imprensa feminina brasileira foi o lançamento da revista *Capricho*, em 1952, da então recém-criada Editora Abril. Apresentava uma característica que a fazia sobressair diante das concorrentes: a publicação de uma fotonovela completa em uma única edição que era desenhada na forma de quadrinhos. As demais apresentavam a história por capítulos, da mesma maneira em que eram divulgados os folhetins.

Para Angelucia Habert (1974: 134), “a fotonovela e as revistas têm a função de transmitir padrões urbanos e integrar seus leitores no novo mundo, no mundo do consumo”. As fotonovelas fizeram muito nos anos 60 e no início dos 70 com vários títulos e editores. Nos anos 1980, as fotonovelas entraram em decadência e praticamente se extinguíram no Brasil e no mundo. *Capricho* precisou se reinventar, virando em 1988 uma revista comportamental para meninas adolescentes. Carla Bassanezi destaca que “especialmente no período de 1945-1964, as revistas femininas eram importante fonte de informação para muitas mulheres. Eram publicações bastante difundidas que se dirigiam a um público leitor feminino de classe média urbana e que tratavam de assuntos e valores correspondentes a esse grupo social”. Esta importância das revistas pode ser entendida como um reflexo do próprio crescimento e desenvolvimento do país, com a diminuição do analfabetismo, a urbanização, o início da inserção da mulher no mercado de trabalho e das mudanças que se processaram no mundo todo, e também no Brasil com suas particularidades.

A revista cresceu de forma acelerada, chegando a 500 mil exemplares na década de 1950. Pouco depois, a revista *Capricho* muda sua linha editorial e passa a ser voltada para o público adolescente permanecendo desta forma até o dia de hoje, posicionando-se no “recentemente” descoberto mercado editorial *teen* (teenagers), destinado ao público adolescente.

A partir da consolidação da indústria cultural no Brasil, em 1960, que a imprensa de revista cresceu com mais força e se instalou de forma sólida e definitiva. Nesse momento histórico as mulheres passaram a se mobilizar e dinamizar os movimentos femininos, em busca da igualdade entre homens e mulheres, a assumir cargos “estratégicos” no mercado de trabalho e se destacar no cenário social. Esse movimento

motivou o crescimento da imprensa destinada as mulheres e fez crescer a demanda por produtos e serviços destinados a esse público:

A questão da mulher afetava a estrutura social e o crescimento da imprensa feminina aconteceu como sintoma da importância, do vulto que o gênero feminino desenvolvia dentro desse contexto. A mulher, considerada como grande dispositivo de consumo, respaldou a formação de um mercado, onde a imprensa se instalou (BRAGA, 2016, p.33)

Buitoni (1981) revela que nessa década as publicações dirigidas para o público feminino assumem um perfil comercial, dentro do qual a mulher assume um papel relevante na sociedade de consumo, que pode ser observado pelo amplo número de anúncios que eram publicados nas revistas, como também pela dinâmica de organização das revistas, com fotografia, páginas coloridas e reportagens sobre moda.

Nos anos 1960, as revistas femininas traziam, cada vez mais, anúncios, que provavam o poder de compra das mulheres. Surge, então, em 1961, *Cláudia*, a primeira revista feminina brasileira com nome de “gente”, lançada pela também Editora Abril. Suas publicações visavam atingir o segmento feminino da classe média urbana, tratando de temáticas femininas, bem como estimular o consumo.

A editora de *Cláudia*, Carmen da Silva, foi a primeira a tratar, sem preconceitos ou moralismo, do assunto sexo, que se tornou o tema principal na década de 1970. A revista *Cláudia* foi destaque, segundo Braga (2016), no cenário da imprensa da América Latina e no segmento da imprensa feminina como a publicação mais importante. Com tiragem mensal, cerca de 150 páginas e circulação de 419.355 exemplares.

Surgiriam nos anos de 1970 as revistas *Nova* e *Carícia*, como resultado de uma demanda feminina sobre informações de sexo, uma vez que o movimento “Sexo, drogas e rock’nrol” começou a pregar o sexo livre e o tema passou a ser bastante discutido. A revista *Nova* é um exemplo de como as revistas que privilegiavam um aspecto do assunto “sexo” em cada edição. Ela faz parte da rede *Cosmopolitan* internacional que se apresentava como uma das mais vendidas no mundo.

Nos anos 1990, a mulher já se apresenta como membro ativo da economia do país, porém continua recebendo salários inferiores aos dos homens. As revistas pregam a independência do sexo feminino e apresentam as novidades da beleza como a cirurgia

plástica. No final da década, há um “boom” de revistas femininas vendidas a preços populares, entre elas *Ana Maria* e *Viva Mais*.

Em 2001, a Editora Trip lançou a revista *TPM – Trip Para Mulher*, visando atender um público feminino diferente, que não se sentia atendido pelas opções oferecidas: as mulheres que não querem ser tratadas como objeto, que se interessam por algo além da estética.

Nesse processo de especialização da mídia feminina, em especial as revistas, Braga (2016) afirma que existiu uma crescente segmentação e sofisticação dos mercados e dos veículos de modo a atender esses públicos:

Em um processo que ganhou contornos mais definidos depois da segunda metade do século XX, essa mídia especializada se caracteriza por regionalizar um conhecimento sobre a mulher, funcionando em harmonia com um mercado sofisticado, que atende as demandas específicas. A multiplicidade dos títulos que aparecem a cada dia, o mercado fiel conquistado para esse segmento de imprensa, a constatação das cifras que ultrapassam milhões formando um mercado notável, reflete a importância cultural e sociológica do fenômeno imprensa feminina no Brasil (BRAGA, 2016, p.35).

As revistas femininas existem desde que surgiram revistas no país. Elas começaram a aparecer aqui e ali sem muito alarde, geralmente feitas e escritas por homens. Traziam as novidades da moda, importadas da Europa, dicas e conselhos culinários, artigos de interesse geral, ilustrações, pequenas notícias e anedotas. (SCALZO, 2003, p.33). Esse modelo foi repetido, com pequenas diferenças, durante todo o século XIX e a primeira metade do século XX. Houve, também, nesse período, publicações feitas de mulheres para mulheres, preocupadas com sua condição na sociedade e seus direitos, mas são poucas e a maioria tem vida curta.

2. A PALADINA DO LAR E O CONTEXTO HISTÓRICO DA BAHIA

Quais fatores ajudaram a fomentar o surgimento da revista *A Paladina do Lar*? Para entender o surgimento da imprensa feminina na Bahia, sobretudo o aparecimento dessa revista deste gênero no Estado, faz-se necessário entender o contexto histórico e as transformações sociais ocorridas nesse período. A urbanização no Brasil foi um fator que contribuiu para o surgimento dos periódicos femininos em meados do século XIX.

A sociedade brasileira como um todo passava por transformações, bem como a ampliação do papel social da mulher, que até o momento se restringia a dona de casa, esposa e mãe. Influenciados pelos movimentos abolicionista e republicano, os ideais de igualdade e liberdade estavam em alta no Brasil, e com o avanço da era capitalista no Brasil, abriu-se espaço para se pensar questões sobre a educação da mulher, como também sua maior participação na sociedade.

Foi nesse cenário de mudanças e inclusão da mulher no meio social, e não apenas no doméstico, que surgiram as primeiras publicações femininas como um espaço de contato e diálogo com o público feminino, bem como em defesa de seus direitos, e onde suas reivindicações possibilitaram “[...] a abertura de uma discussão que, transpondo as fronteiras do lar, alcançou o espaço público e mostrou que o sexo subordinado e até então confinado a domesticidade passava a exigir direitos e maior liberdade, o que modificou hábitos e costumes” (ALMEIDA, 1998, p.33).

Na Bahia, o surgimento dos primeiros jornais destinados às mulheres ocorreu na segunda metade do século XIX, nos quais em sua maioria trata-se de periódicos de cunho literário, com a publicação de poesias e textos literários.

Simone Marinho (2010), em sua dissertação de mestrado “A imprensa e a norma para o bello sexo: o periodismo feminino na Bahia (1860-1917)”, afirma que *A Paladina do Lar* foi a primeira publicação para mulheres editada na Bahia, que, além de representar um veículo de entretenimento, buscou também normatizar o comportamento feminino e orientar a mulher no desempenho do seu papel de “esposa-mãe-dona-de-casa”.

A autora indicou que o surgimento dessa imprensa especializada para mulheres foi fruto do momento histórico que possibilitou a fundação dessa revista. “Se levarmos em consideração esta constatação e confrontarmos com a iniciativa ousada de muitas mulheres ao longo do país, ainda no século XIX, fundando periódicos femininos,

devemos nos questionar que condições sociais permitiram que isso acontecesse?” (MARINHO, 2010, p.27).

O objetivo deste segundo capítulo é compreender o contexto do surgimento de *A Paladina do lar* e suas características predominantes, bem como o contexto histórico e as transformações sociais ocorridas nesse período na cidade de Salvador – Ba.

2.1 A cidade de São Salvador da Bahia

Foi na em São Salvador da Bahia², localizada na Bahia de Todos os Santos, onde, em 1910, surgiu a revista *A Paladina do Lar*. No período do final do século XIX para início do século XX, a cidade passa por um processo de modernização e urbanização. No final do século XIX, representava um dos maiores centros urbanos do país, que se desenvolveu após as lutas pela independência na Bahia.

O processo de modernização da cidade do Salvador, como aponta Eloísa Pinheiro (2011, p. 175-266), não se limita ao período de sua reforma urbana que ocorreu no período de 1912-1916. A autora aponta que a cidade se desenvolveu, sobretudo, ao longo do século XIX para atender a uma necessidade de estruturação urbana, bem como para ampliação de sua área, dentre outros objetivos: “[...] aumentar o número de habitações, erradicar as epidemias, melhorar a salubridade, facilitar a circulação de pessoas e de mercadorias, implantar os transportes e os novos serviços urbanos” (p.204).

Pinheiro (2011) aponta que essas intervenções urbanas ocorreram ao longo de todo o século XIX, o que permitiu modificar a imagem da cidade colonial, ainda baseada na estrutura escravista, para uma cidade na qual, com a introdução de novas tecnologias do mundo moderno e adaptações a um sistema capitalista de produção, alteraram o modo de vida das pessoas.

A autora ressalta que, a partir do final do século XIX, ocorreu uma mudança progressiva nessa estrutura social, na qual, segundo ela, o núcleo é a família, que era normalmente numerosa, pelos muitos filhos e pelos que se juntam a ela como agregados. Ao longo do século XIX, Salvador muda, adaptando-se aos novos padrões

² Desde os seus primórdios, a cidade é do Salvador, como a batizou o rei D. João III, “a cidade de Jesus Cristo, o Salvador”. As variações do batismo da primeira capital do Brasil eram cidade de Salvador, ou de São Salvador, ou Salvador da Bahia, ou Bahia de Todos os Santos, ou simplesmente Bahia, como é chamada pelo povo (DOREA, 2006, p. 263-264).

de vida que se vão se impondo. No que diz respeito à economia, o comércio era a principal atividade desenvolvida na cidade, então exportadora de açúcar, algodão e tabaco, e importadora de produtos manufaturados.

Os autores Barbara-Christine Silva e Sylvio Carlos Silva (1991) dividem a evolução urbana da Bahia, em especial a da cidade de Salvador, em quatro períodos. O primeiro período se situa entre sua fundação em 1549 e a expansão inicial da capital em finais do século XVI. O segundo, do século XVII até meados do XVIII, com a expansão territorial. O terceiro período, o da consolidação da cidade, de meados do XVIII até finais do século XIX, caracterizando-se pela formação de novos bairros, e com a modernização dos transportes.

Já no quarto período, a autora sinaliza que a cidade atravessou um desenvolvimento de forma lenta, na qual as reformas urbanas, como a inauguração de serviços elétricos em 1903 em algumas partes da cidade, as transformações em sua estrutura socioeconômica, com a ampliação de sua área urbana, a introdução dos novos serviços de infraestrutura e dos novos meios de transporte, foram os pontos-chave desse período, que compreende o início do século XX até princípios da década de 1950 (SILVA, 1991, p.57).

As transformações sociais e estruturais ocorridas nos últimos anos do século XIX, como a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República, bem como a diminuição do número de escravos a partir da extinção do tráfico até a abolição total, a pressão internacional, são fatores que contribuíram para as transformações na dinâmica social da cidade de Salvador.

O início do século XX, como aponta Pinheiro (2011), foi marcado pela tentativa de adequar a área urbana às demandas de uma sociedade que estava se adaptando a viver sem a mão de obra escrava, bem como às novas tecnologias e às transformações sociais e estruturais ocorridas nos últimos anos do século anterior, como a abolição da escravatura e a Proclamação da República. “Além disso, no início do século XX, a Bahia vive um período de recuperação econômica, ocupando, em 1905, o primeiro lugar na produção de cacau, um novo produto de exportação” (PINHEIRO, 2011, p.217).

Salvador, por outro lado, nesse período de transição do século XIX para o XX, como afirma Alexandre Saes (2007), era uma cidade de contrastes. Era a terceira maior capital brasileira, apenas atrás de Rio de Janeiro e São Paulo, com 232.396 habitantes em 1899, e antiga capital da colônia portuguesa, e ainda concentrava uma elite

enriquecida pelo comércio de importação e exportação, pelo extinto tráfico negreiro e pelas emergentes empresas urbanas e indústrias. Apresentava duas faces, de um lado alguns aspectos modernos, como destaca Saes (2007), foi a primeira cidade no mundo a inaugurar o primeiro elevador público, em 1873, o elevador Lacerda. De outro lado a cidade “[...] que sofria com a decadência e estagnação da economia regional, com o empobrecimento de grande parte da população local, e com o fato de ser capital do estado e ter de lutar diariamente contra surtos epidêmicos” (*ibid.*, p.220).

Outro aspecto importante é que Salvador, como sinaliza Mario Santos (1990), ingressava em um novo regime político, o regime Republicano, o que acarretou inovações políticas, como também uma maior dinamização da economia acompanhando a tendência do capitalismo. “As características desta etapa foram expansão física e modernização urbanística ligadas ao crescimento vegetativo da população, à expansão do comércio local e aos investimentos externos [...]” (SANTOS, 1990, p.21).

A república trouxe consigo os ideais de progresso e modernização para o estado da Bahia, em especial para Salvador. Ocorre o que Leite (1998, p. 166) denomina como “surto urbanizador”, o que para muitas camadas da sociedade representava uma forma de se adequar aos modelos de civilização europeu. Esse referencial europeu, de acordo com a autora, influenciava e era seguido em diversas áreas, como educação, saúde, a moda, o tipo de lazer praticado, os esportes, as danças e comportamentos.

Para alguns setores da elite baiana modernizar a cidade era sinônimo de ordenar e embelezar o seu espaço físico, educar as pessoas, prescrever normas para o seus comportamentos, rever os costumes considerados incultos e coloniais, enfim, colocar-se em pé de igualdade com as sociedades europeias, consideradas modelos de civilização (LEITE, 1998, p.166).

A chegada do novo século e a mudança de regime político trouxeram mudanças que foram responsáveis por alterar a dinâmica da sociedade baiana, bem como o comportamento e posição social dos diferentes atores sociais, sobretudo o comportamento das mulheres e da sua nova postura frente ao novo papel mais participativo (além das atividades domésticas e a dedicação à família) que passaram a ocupar na sociedade:

No ambiente baiano da República Velha (1890-1930), existiram diferentes lugares para as mulheres. De acordo com a sua posição social, elas foram chamadas a exercerem papéis variados, deixando de ser meras expectadoras e

coadjuvantes da história, e criando sociabilidades próprias em seus grupos de origem (LEITE, 1998, p.167).

Para Leite (1998, p.166), esse novo cenário que surgiu foi fundamental para que as transformações na conduta das mulheres soteropolitanas ocorressem, e no qual valores de uma sociedade tradicional foram sendo lentamente transformados. A autora aponta que o comportamento, o cotidiano, a cultura e o lazer das mulheres foram sendo modificados e assumiram novas formas e modelos que alteraram a esfera pública de modo a abrir espaço para receber essas novas personagens.

2.2 A mulher baiana no início do século XX: educação, igreja e caridade

Como vivia a mulher deste período? E qual papel que elas ocupavam na sociedade? Com o processo de ocupação e urbanização da cidade de Salvador, a presença feminina no espaço público se tornou cada vez mais comum, uma vez que os costumes da cidade sofriam transformações em sintonia com as mudanças ocorridas em todo o país.

As experiências e vivências do sexo feminino na sociedade se modificaram de tal forma que a imagem da mulher como dona de casa e do lar também passou por transformações:

A imagem da mulher reclusa em seu lar, unicamente preocupada com a rotina doméstica, desinteressada por qualquer instrução ou ocupação laboriosa e limitada nas suas diversões, não está de acordo com as vivências femininas no contexto da Bahia republicana. [...] O horizonte urbano funcionou para as mulheres como lugar de exercício de uma certa liberdade, onde elas podiam planejar ações executar tarefas concomitantemente aos homens (LEITE, 1998, p.165).

A mulher baiana começou a ocupar novos espaços na sociedade. O trabalho de assistencialismo foi inicialmente a atividade que permitiu que as mulheres realizassem atividades fora do ambiente doméstico, possibilitado certa autonomia para elas. Ainda que existissem na sociedade fortes traços de certa cultura moralista, responsável por determinar o papel de homens e mulheres, a sociedade, ao passo que acompanhava as mudanças econômicas e políticas de todo o Brasil, sofreu mudanças de hábitos e atitudes das mulheres. O desenvolvimento do papel da mulher na sociedade foi acompanhado de dois elementos que, segundo Leite (1998), são a quebra do isolamento

familiar feminino e a conseqüente aparição delas em público, fatores estes que seriam responsáveis por alterar a relação com o espaço social.

Um dos aspectos destacados por Leite (1998) como responsável por contribuir para o que ela chama de “socialização feminina”, bem como para uma diversificação do papel da mulher na sociedade nesse período do final do século XIX para início do século XX, foi a escolarização formal. “As mulheres introjetaram maneiras de viver, tentando ficar mais próximas das suas congêneres no velho continente, sendo, portanto, protagonistas das mudanças de hábito na cidade” (LEITE, 1998, p.167).

A modernização e a aceleração da economia baiana foram fatores que contribuíram para a modificação da estrutura urbana de Salvador, bem como a diversificação de serviços, como o comércio, as opções de lazer e trabalho, o desenvolvimento de uma cultura de consumo e a introdução, por exemplo, de elementos como casas de espetáculo, teatro e cinema:

De qualquer forma o início do século XX inaugura na capital da Bahia as ilusões e pretensões modernizantes, que só muito lentamente foram sendo concretizadas. As mulheres agora, longe da reclusão e inseridas no processo de escolarização formal mais amplo, iam modificando os padrões morais vigentes (LEITE, 1998, p.168).

As mudanças na sociedade alteraram a “sociabilidade das mulheres”, ou seja, as práticas femininas foram sendo modificadas e foram evoluindo na medida que a sociedade se modificava. Porém ainda que elas estivessem ganhando espaço no meio social, a imagem da mulher, mãe, dona de casa e esposa não era deixada de lado, havia ainda uma supervalorização da presença feminina no ambiente “lar”, como Leite (1998) aponta que se criou uma perspectiva que a mulher deveria conciliar sua “vida social” e sua “vida íntima”.

A mulher ocupava um novo espaço, porém, ainda acumulava todas suas “antigas” responsabilidades. Leite (1998) afirma que em momento algum suas obrigações familiares e maternas foram subestimadas em detrimento de uma vida voltada para o social. “Para muitos, havia uma contabilidade natural, podendo a mulher, sem prejuízo de suas atividades domésticas, preocupar-se com a aparência, a saúde do corpo e as diversões” (*ibid.*, p.173).

Aos poucos as mulheres foram adentrando o espaço público que até então era exclusivo dos homens e onde sua atuação era valorizada e tratada como natural. Leite

(2001, p.89) revela que o processo de socialização feminina em Salvador ocorreu sobretudo na passagem do século XIX para o século XX e classifica este movimento como abrangente, que ocorreu de forma desigual, uma vez que foi marcado por diferenças entre as condições financeiras e posições que essas mulheres ocupavam na sociedade, além das barreiras étnicas e sexuais. As diferenças e condições sociais marcaram a forma e os motivos pelos quais as elas adentraram o ambiente do mercado de trabalho, como também a forma e o status com que passaram a ocupar os espaços sociais:

No início do século XX, grupos distintos de mulheres pobres continuavam a exercer os seus ofícios na cidade; elas entravam com sua renda ou para sustentar inteiramente ou para complementar as despesas da casa. Para as mulheres das camadas abastadas, a inserção no mundo do trabalho e da rua ocorreu de modo diferente. São outros os motivos que levaram senhoras e senhorinhas à esfera pública (LEITE, 2001, p.90).

Os motivos que levariam as mulheres da elite e das camadas intermediárias ao meio social apontados por Leite (2001) seriam a busca por uma educação formal, a possibilidade de ocupar uma profissão liberal, além de ter uma participação mais ativa na família. “A presença feminina em ocupações de filantropia e o assistencialismo social, na literatura, no magistério, nos divertimentos, evidencia as formas de sociabilidades que servem para avaliarmos as suas práticas e o significado dos seus papéis” (*ibid.*, p.90).

A união e colaboração entre mulheres, igreja e assistencialismo foi uma junção que deu certo e possibilitou que as mulheres passassem a ocupar espaços e posições importantes e de destaque no meio do qual faziam parte. Essa possibilidade de estar fora do ambiente doméstico, com o apoio de uma forte instituição religiosa que era a Igreja Católica funcionou, segundo Leite (2001), como um novo tipo de sociabilidade e reforçou a imagem que a mulher da elite deveria assumir. “Essa atividade possibilitou-lhes um contato mais aberto com os homens na comunidade, exigiu-lhes decisões fora do âmbito doméstico, colocou-as frente a uma realidade desconhecida” (*ibid.*, p.90).

Com as transformações que começavam a se operar na sociedade baiana e a diversificação dos papéis femininos que, como Aras e Marinho (2012, p.96-115), apontam foi aos poucos operando modificações e conseqüentemente levou a mulher da reclusão do lar à profissionalização:

Uma nova imagem feminina precisava ser construída diante do projeto civilizador. A mulher foi alçada à categoria de rainha do lar graças aos positivistas e higienistas. Aliás, a imagem da mulher apresentada pela República, inspirada na filosofia comteana: a mulher-mãe (ARAS & MARINHO, 2012, p.100).

As autoras indicam que, nesse período do final do século XIX para início do século XX, a valorização da função da mulher enquanto mãe deu à figura feminina uma posição de destaque na sociedade. A inserção da mulher no meio público também ocorreu por meio da sua participação em atividades assistencialistas, como doações, atividades de caridade a instituições que na maioria das vezes eram ligadas a igreja católica. “Desta maneira sobre o signo da religião, eles ajudaram a manter o elemento feminino sob controle, pois incutiram e legitimaram o ideal de submissão e renúncia” (ARAS & MARINHO, 2012, p.106).

Ainda que com a instauração da república houvesse ocorrido um enfraquecimento da relação entre igreja e estado, Aras e Marinho afirmam que as mentalidades deste período ainda estavam impregnadas pelos valores cristãos da fé católica, que ainda representava uma instituição de prestígio e poder na hierarquia social e nas relações entre os indivíduos na sociedade, em especial a igreja católica se aliou as mulheres como estratégia de se manter e reafirmar seu poder em busca da manutenção dos seus dogmas em defesa da moral, da família e dos “bons costumes”.

Com a implantação da República no Brasil, o que ocorreu por consequência foi a desvinculação da Igreja Católica da figura do Estado, deixando de ser a religião oficial do Brasil. Essa separação, além de outros fatores, como a modernização das cidades, a Revolução Russa, o crescimento do protestantismo, a evolução da ciência, contribuíram, como aponta Oliveira (1998, p.189), para o enfraquecimento dos alicerces da Igreja Católica que, deste momento em diante, passou a buscar mecanismos para se fortalecer, recuperar sua força e prestígio na sociedade.

A cidade de Salvador nesse período da república, segundo Oliveira, ainda conservava uma economia predominantemente rural, com forte influência no sistema patriarcal aliado a religião católica fortemente conservadora. “A partir desse momento de rápida modernização, a Igreja Católica passou a arregimentar as mulheres para as suas obras de postulado e para a orientação religiosa da família – a mulher funcionaria como sua melhor estratégia” (*ibid.*).

Deste modo, a igreja nesse período de virada do século é considerada por Leite (1998, p.175) como espaço de socialização feminino no qual ambos buscam alcançar seus objetivos: a igreja por um lado retomar sua força e as mulheres de ocupar um lugar de destaque na sociedade. “A aparição feminina neste espaço estava condicionada a uma série de requisitos [...] a igreja, espaço de socialização feminina, há muito tempo conquistado, era agora ocupado de maneira diversa [...]” (*ibid.*).

Nesse contexto da instituição do regime da República, Matos e Passos (2014, p.21) afirmam que a Igreja Católica continuava prevalecendo, pois seus preceitos religiosos eram responsáveis pela educação moral da família, aquela em que os pais passavam aos filhos e filhas que, segundo as autoras, só poderiam adquirir valores morais retos e disciplinares conhecendo e respeitando as leis do catolicismo. “Era preciso educar a natureza, disciplinar, moldar o indivíduo”.

São três os elementos que, de acordo com Matos e Passos, são responsáveis por constituir e formar o papel da mulher nessa sociedade e nesse contexto da República, a família, a educação e a Igreja Católica são principais pilares que sustentam o “projeto” na mulher engajada e presente no meio social:

As instituições formadoras da mulher: família, escola e Igreja Católica reforçavam o padrão já então colocado sobre a mulher. A educação feminina era estabelecida numa relação mecânica entre diploma e casamento. Essa era a proposta das filhas da elite quando ingressavam em instituições privadas (MATOS e PASSOS, 2014, p.21).

As mulheres unidas a igreja católica, com a justificativa de prestar o trabalho de assistencialismo social, passaram a ocupar espaços importantes na sociedade. O trabalho dedicado à caridade, de acordo com Alves (1996, p.186), era realizado por um grupo de mulheres católicas que fora do ambiente familiar atuou junto à igreja na assistência de pobres, crianças e idosos. E assim surgiram algumas associações de caridade que tinham o apoio da igreja e se firmaram na sociedade como instituições de grande respaldo. “Sendo formada por senhoras de boas famílias, a associação tinha nos seus estatutos um programa amplo de filantropia social” (LEITE, 2001, p.92).

Por sua vez, Kátia Mattoso (1992, p.51) pontua a importância das mulheres soteropolitanas nos grupos de caridade que existiam em diversas partes da cidade, e sua importância no processo de propaganda católica: “elas foram chamadas a participar do movimento reformista da Igreja Católica, principalmente no que se refere à prática dos

sacramentos e das novas devoções e utilizadas como instrumento de catequese dada sua influência na família”.

Outro ponto a ser considerado nessa relação entre a ocupação do espaço público da mulher, igreja e caridade era a também relação com o fator financeiro, pois, segundo Leite (2001, p.93), para cumprir com as obrigações da caridade era necessário fazer doações em quantias de dinheiro ou por meio de joias, contribuições que eram consideradas exemplos de generosidade e mostravam uma atitude “[...] de espírito elevado e desprendidas do luxo e da riqueza material poderiam praticar a caridade”. Fator este que representa que as mulheres ligadas a esses tipos de iniciativa eram aquelas que tinham um poder aquisitivo significativo para contribuir, que se encaixariam na “ética humanística” idealizada para as mulheres desse período.

Podemos perceber que imaginário republicano construiu um modelo de mulher ressaltando uma série de virtudes e qualidades consideradas naturais às mulheres, muitas delas que tiveram origem no padrão defendido pela igreja e convalidado pela sociedade que até muito recente apenas valorizava a figura masculina enquanto atuante na cena social. A imagem da mulher enquanto ser frágil, restrita ao ambiente familiar e do lar começava a ser alterada, no sentido que, esta, mesmo que ainda de forma tímida, começava a ocupar alguns espaços, por meio da caridade, estava mais presente nas ruas, nos centros, nas instituições de caridade, e aos poucos começou a ocupar também espaços no mercado de trabalho, ainda que muitas vezes em defesa da fé e dos valores cristãos, como vamos observar mais adiante, com o surgimento de uma revista feminina dirigida por mulheres, o que já representava um grande avanço, porém essas mulheres propagavam o que foi chamado de “feminismo cristão”, a liberdade de reivindicar alguns direitos, respeitando os dogmas cristãos e buscando preservar a família e a moral.

Como Leite (2001, p.101) explicita o paradoxo existente entre essas duas imagens de mulher: de um lado uma mulher de natureza fragilizada, passiva, dependente e do outro lado uma mulher de natureza forte, decidida, ágil e competente que estava à frente dos eventos de caridade, que buscava através da participação em associações filantrópicas cumprir o seu “papel social” e ajudar os necessitados, as crianças, os pobres, os enfermos.

É um contexto onde se desenvolvem as reflexões feministas entre os grupos de mulheres atuantes nas campanhas filantrópicas. Mesmo considerando os

limites deste feminismo, ainda muito superficial e atrelado ao conservadorismo cristão, ele foi a base para a organização do movimento a partir da década de trinta na Bahia (LEITE, 2001, p.101).

Este trabalho, contudo, não pretende fazer um estudo sobre o surgimento do feminismo na sociedade baiana, nem discutir se o modo como a revista *A Paladina* se posicionava tinha um tom feminista ou não, mesmo porque os elementos levados em consideração, que como pudemos observar foram os elementos que se apresentam relevantes no cenário da Bahia, em especial na cidade de Salvador, no início do século XX, na primeira década são sobretudo, a relação das mulheres com os valores da igreja católica e essa inicial ocupação da mulher no espaço/cenário urbano e social, que muito diz sobre as tensões e o contexto histórico do período.

Ademais podemos afirmar que o trabalho assistencialista assumiu um papel importante para as mulheres no que diz respeito ao exercício de deveres socialmente impostos, mas também possibilitou que elas comessem a ser reconhecidas socialmente, pois os trabalhos de caridade levaram-as à rua possibilitando a entrada delas na cena urbana. “Essa nova sociabilidade que vai aos poucos sendo construída proporciona efetivamente às mulheres mudanças no seu comportamento, bem como uma ocupação mais sistemática no espaço público” (LEITE, 2001, p.101).

Como vimos, os aspectos fundamentais das estratégias católicas de organização, mobilização para preservar sua influência na sociedade passavam pelo discurso de seus fiéis também fora dos templos, e a imprensa fazia parte desta estratégia, principalmente as voltadas para o público feminino como veremos mais adiante com o surgimento da revista *A Paladina do Lar* e a postura das suas editoras frente ao tratamento de questões tão latentes na sociedade Baiana do início do século XX.

2.3 As mulheres à frente de *A Paladina do Lar*

E quem eram as mulheres à frente da revista *A Paladina do Lar*? É importante entender o posicionamento dessas mulheres para analisar e a lógica, por exemplo, da escolha dos temas, da maneira como eles eram abordados na publicação.

Durante os oito anos em que circulou na cidade de Salvador *A Paladina* teve duas redatoras-chefes: Amélia Rodrigues e Maria Luiza de Souza Alves. A primeira esteve à frente da revista de janeiro de 1910 até janeiro de 1912, enquanto a segunda assumiu o lugar de Amélia que permaneceu até as últimas edições da revista. Duas

outras mulheres participaram e aparecem na revista publicando textos, poemas, artigos bem como passando algumas informações sobre as assinaturas e valores do periódico, eram elas Maria Elisa Valente, a secretária da revista, era ela quem recebia as correspondências das leitoras, e Rita de Athayde Cunha, a tesoureira.³

Em sua tese de doutorado intitulada *Maria Luiza de Sousa Alves e a Educação Feminina na Bahia* (2013), Jane Luci Ornelas Freire mostrou que a atuação dessa educadora e escritora na sociedade baiana envolveu a militância em favor do “feminismo conservador” junto aos ideais católicos defendidos nesse período. Ela foi uma das editoras-chefes da revista *A Paladina*, poetisa, tradutora, professora e grande divulgadora do catolicismo, assunto sobre o qual mais produziu até o ano de sua morte.

Maria Alves nasceu em 27 de agosto de 1862, na cidade de Salvador, onde morreu aos 83 anos, “ [...] no seio de uma família de brancos pobres, uma classe que na Bahia do século XIX situava-se entre a aristocracia de terras e os escravos” (FREIRE, 2013, p.98). Ela foi educada no Colégio das Órfãs do S.S. Coração de Jesus teve uma instrução na qual aprendeu a falar e escrever bem a língua francesa. Aos 19 anos foi diplomada como professora do ensino primário e, desde então, construiu uma carreira em constante evolução:

A discussão de caráter histórico sobre os pensamentos filosóficos e pedagógicos de Maria Luiza se deu em decorrência do destaque por ela obtido na sociedade baiana, bem como por sua atuação, enquanto educadora, no período compreendido entre 1860-1945. No que concerne à educação feminina na Bahia, no início do século XX, esta educadora, tida como militante de um feminismo conservador, seguia a orientação da doutrina cristã (FREIRE, 2013, p.101).

Maria Luiza viveu as transformações do final do século XIX ao início do XX, atravessou um contexto sócio e histórico que Freire afirma ser bastante peculiar, um período em que o Brasil buscou se inserir na modernidade caracterizada pela industrialização, como também buscava uma identidade para a nação e a Igreja Católica se mostrava enfraquecida com a então proclamação da República (FREIRE, 2013, p.102).

³ Sobre essas últimas não iremos nos alongar apresentando mais informações, uma vez são raras as informações adicionais sobre a vida de ambas. Além disso também não são objeto do nosso trabalho; o foco é apresentar mais informações sobre a vida e papel de Amélia Rodrigues, haja vista foi quem estava à frente no período que será analisado no próximo capítulo, o primeiro ano de vida da revista.

Inseridas nesse contexto de profundas necessidades de transformações sociais e políticas à nação, Matos e Passos (2014, p.7) pontuam que as diversas publicações de Maria Alves, entre o período de 1910 a 1917, mostram que no discurso da época “ [...] a trilogia: família, pátria e religião era requisito básico para o desenvolvimento humano. A família, primeiro grupo social de todo indivíduo, com a orientação da “rainha do lar”, será o espaço onde se aprenderá a lidar com a vida social” (*ibid.*)

Ao analisar as publicações de *A paladina* e a atuação de Maria Luiza Alves, Freire conclui que o ponto alto da carreira da escritora foi quando ela escreveu para *A Paladina do Lar* cerca de cinquenta artigos e poemas. Publicações as quais seu principal objetivo era conscientizar as mães e educá-las, no sentido de proporcionar uma educação moral baseada nos princípios cristãos.

Nesse contexto, surgiram e passaram a circular na sociedade baiana, em 1910, segundo Freire (2013) diversas publicações coordenadas por diferentes mulheres, com o incentivo e o apoio da Igreja, uma dessas mulheres que também teve papel importante em se tratando de *A Paladina* foi Amélia Rodrigues, também educadora, escritora e editora desse periódico.

Amélia Augusta Rodrigues do Sacramento foi uma mulher que desempenhou papel importante na história da imprensa baiana, em especial a do Recôncavo da Bahia. Anos após a sua morte, foi homenageada e seu nome utilizado para batizar um município, localizado a 80 km de Salvador, que no ano de 1944 deixou de se chamar “Traripe” e passou a se chamar “Amélia Rodrigues”.

Inicialmente, como alerta Alves (1997, p.180), não se pode deixar de resgatar a formação e a posição que Amélia Rodrigues ocupou na sociedade local e sua classe de origem, condições que marcaram profundamente seu discurso. A autora ainda complementa que se sabe muito pouco sobre a vida dessa personalidade, uma vez que os dicionários e histórias literárias que registraram sua atuação na vida cultural, sobretudo na Bahia, indicam poucos elementos (ALVES, 2007, p.35).

Filha de Félix Rodrigues e Maria Raguelina Rodrigues, Amélia Rodrigues nasceu em 26 de maio de 1861, na Freguesia de Oliveiras dos Campinhos, município de Santo Amaro. Mais tarde viria a se deslocar para o então Arraial da Lapa (atualmente Amélia Rodrigues), local onde iniciaria seus estudos orientados pelo religioso Alexandrino do Prado Valadares e em seguida com os professores Antônio de Araújo Gomes de Sá e Manuel Rodrigues Martins, com os quais aprofundaria o estudo da

língua vernácula e da matemática, dos clássicos e do latim, além das línguas estrangeiras inclusive o alemão.

A futura escritora teve formação privilegiada e superior a maioria das mulheres da época por ter parentes no clero que puderam ensiná-la regularmente. Assim pode ser instruída, lendo clássicos em latim e capacitando-se em línguas como o francês e o alemão, fato que possibilitou a ela se transformar em tradutora de inúmeras obras e romances escritos na língua alemã (ALVES, 1997, p.180).

Aos 18 anos, Amélia foi aprovada em primeiro lugar no concurso para lecionar na cidade de Santo Amaro. Neste período, a jovem já escrevia poemas para alguns periódicos santamarenses, como os folhetins *O mameluco* (1882), *A promessa* (1896) e *Mestra e mãe*, de 1898 (ALVES, 1998).

Em 1891, Amélia passou a morar em Salvador, cidade na qual também ocupou cargo público na área da educação. A partir desse momento, além de lecionar, a professora iniciou a sua contribuição para o jornalismo, ainda que a princípio participando da imprensa religiosa. Ela colaborou com a Igreja Católica na produção de textos de caráter militante e religioso. Entretanto, escreveria também para diferentes periódicos da Bahia e do Brasil, destaca-se sua atuação na criação da primeira revista feminina da Bahia *A Paladina* (1910).

Percebendo as mudanças que se operavam, na sociedade brasileira, com a República, a escritora assume a tarefa de congregar as senhoras da sociedade para uma atuação efetiva dentro e fora do lar – sendo esposa e mãe, o que significava ensinar e formar os filhos na doutrina católica – e na sociedade – ajudando nas campanhas para os asilos, confeccionando roupas, proporcionando uma profissionalização, como costureira, chapeleira, bordadeira, às moças das camadas pobres (ALVES, 1998, p.83).

A sua atuação nessa imprensa considerada por Alves (1998) como religiosa, seria uma estratégia de Amélia, que pelo fato de ser de origem pobre e não possuir certo patrocínio para seu empreendimento como escritora, não queria ser relegada a publicar textos utilizando pseudônimo, como era comum na época. “Mas essa estratégia irá fazê-la aproximar-se cada vez mais da imprensa religiosa e a levará a ideários e temáticas mais próximos da fé” (*ibid.*, p.184).

Sobre a participação de Amélia Rodrigues na criação de *A Paladina*, Alves afirma que a editora-chefe, ao escrever sobre as reivindicações de sua época, aos ideais de religião, a busca pela instrução, educação e formação profissionalizante da mulher, também “se propõe a discutir a condição subalterna da mulher na sociedade, ao mesmo

tempo que busca reverter os preconceitos científicos ainda vigente na mentalidade local” (ALVES, 1998, p. 84).

Por outro lado, durante a primeira década do século XX, Amélia se preocupa em formar um grupo feminino católico, o qual agiria fora do cenário do lar, atuando junto à Igreja Católica na assistência aos pobres, crianças e idosos. “Cada vez mais envolvida na luta em favor da mulher, em 1909, a escritora funda a liga das Senhoras Católicas, que reúne mulheres da classe alta em torno do assistencialismo católico e no ano seguinte a primeira revista escrita e produzida por mulheres” (ALVES, 1997, p.188).

Amélia Rodrigues, como ela própria afirma no artigo que inaugura a revista, tem o desejo de modificar a atitude da mulher cristã, aumentando seu espaço na cena pública, pois até então o campo de atuação da mulher era limitado, restringindo-se a esfera privada.

Podemos notar que, nesse texto de abertura e de certa forma inauguração da revista, Amélia Rodrigues apresenta a necessidade de uma publicação direcionada às mulheres. Ela ainda apresenta a sua preocupação em deixar evidente os objetivos que a revista visa alcançar, como também reafirma o seu compromisso em manter o que ela chama de “moral e bons costumes da sociedade”. Nesse texto, Amélia pontua também a importância no papel das mulheres frente as transformações pelas quais a sociedade baiana enfrentava. Ela utiliza o termo “trabalhadoras da paz” quando se refere as mulheres que à frente da revista buscavam ocupar um lugar na imprensa com o objetivo de lutar pela defesa da moral.

Amélia evidencia a importância das mulheres na sociedade moderna e afirma que elas estariam lutando para ocupar seu espaço e seus direitos, que “Se feministas somos é no bom sentido, no sentido cristão”, o que revela a iniciativa da revista em pregar e difundir os valores morais defendidos pela Igreja Católica. Alves aponta que como Amélia era envolvida nas obras da igreja e já percebia as mudanças que se operavam com a República, a escritora assumiu a tarefa de reunir as mulheres da sociedade para assumir um duplo papel: “uma atuação efetiva dentro do lar - sendo esposa e mãe - o que significava ensinar, formar os filhos na doutrina católica - e na sociedade ajudando nas campanhas para asilos, confeccionando roupas, etc” (ALVES, 2007, p.38).

As mulheres idealizadoras da revista tinham por objetivo despertar pensamentos de autonomia e independência feminina, propagando ideais de que as mulheres

precisavam ter acesso à educação e necessitavam ser respeitadas perante a sociedade, além de refletir sobre os espaços sociais em que poderiam atuar. Alves complementa e afirma que o conteúdo das produções deste período histórico representava as características do contexto social e político vivido:

Por consequência do discurso da modernidade, onde está embutido a ideia do progresso enfatizado a partir da República do Brasil, a representação da mulher modifica-se passando a ser responsável pela harmonia da família e pela divisão de trabalho pela sociedade burguesa, também responsável pela formação e educação dos futuros cidadãos, que, bem formados, irão contribuir para o progresso da nação (ALVES, 1997, p.257).

No que diz respeito ao período em que Amélia ficou à frente da revista (1910-1912), podemos observar que os textos editoriais em sua maioria são assinados por ela e abordavam temas referentes a modernidade e seus reflexos na família católica baiana. São um total de 22 editoriais escritos por Amélia Rodrigues nos 24 meses nos quais ficou como editora-chefe do periódico. Oliveira (1998) aponta que os textos escritos por Amélia em *A Paladina* davam uma atenção à educação moral e religiosa e à preservação de valores cristãos:

O anticatolicismo é condenado com veemência e a mulher representa um papel fundamental junto a Igreja, à família e a sociedade no combate às ideias mais transformadoras. No momento em que a mulher funda ligas e associações, participa de congressos, ela está atuando diretamente a favor da preservação da família e dos ideais patrióticos (OLIVEIRA, 1998, p.192).

Amélia Rodrigues foi uma mulher engajada com as questões sociais, como afirma Passos (2005), e demonstrava esse engajamento quando colocava suas preocupações tanto em sua prática quanto nas ideias defendidas. Durante a sua trajetória a educadora deu visibilidade a assuntos que eram pouco discutidos, sérios problemas sociais como: a seca no Nordeste brasileiro, a escravidão, o racismo, a situação de gênero, o abolicionismo, a condição a qual os pobres viviam e a situação da mulher.

Nesse sentido, Alves (1998) salienta que Amélia viveu em um período de grandes transformações no Brasil, dentre eles, o segundo reinado, a abolição da escravatura, a República, além da ruptura do governo com Igreja Católica. “Dentro dessas mudanças, que imprimiram fortes modificações no comportamento e atitude dos indivíduos ela dentro de sua formação intelectual e religiosa contribuiu para ampliar os horizontes das mulheres baianas” (ALVES, 1997, p.256).

A escritora dois anos mais tarde da criação e de sua saída da *A Paladina*, fundou, ainda na cidade de Salvador, um periódico chamado *A voz*, que fazia parte da Liga das Senhoras Católicas Baianas da qual Amélia era integrante. De todo modo, as escritoras Amélia Rodrigues e Maria Luisa de Souza Alves, como aponta Oliveira (1998, p.195), representaram uma importante função no desenvolvimento da imprensa feminina, pois em seus textos valorizavam o papel desempenhado pela mulher na família e na sociedade. Ainda que a Igreja Católica estivesse apoiando a imprensa feminina no sentido de tentar manter sua influência na sociedade, as mulheres, por outro lado, através desse espaço concedido, contavam com a possibilidade de poder se manifestar publicamente, ainda que mediadas pela religião, expor suas opiniões e pontos de vista, não apenas em questões referentes à igreja, como também questões sociais, artísticas, literárias, culturais e de lazer.

2.4 Eis que surge *A Paladina do lar*

Na Bahia as revistas dirigidas às mulheres circularam na segunda metade do século XIX, antes disso os periódicos que circulavam no estado eram redigidos por homens. A imprensa de revista na Bahia surgiu como um instrumento de ação que foi tomado por algumas mulheres frente às transformações da sociedade baiana, em busca de um “ideal civilizatório”. Esses periódicos contribuíram para o desenvolvimento da imprensa feminina na Bahia.

As transformações técnicas ocorridas na Bahia nesse período são similares as que ocorreram no país. O desenvolvimento da indústria gráfica relacionou-se ao avanço do capitalismo, e que segundo Sodré (1999) também se associou a ascensão da burguesia. Na Bahia, o início do século foi marcado pelo ideal de civilização pelo qual as capitais do império haviam passado. Era necessário submeter às cidades a um projeto de reformulação do qual a palavra de ordem era civilizar, entendida como ajustar ao modelo europeu.

Foi um período de desenvolvimento dos meios de comunicação, com o desenvolvimento da indústria gráfica e o avanço técnico permitiu a utilização da imagem como apoio ao texto. Nessa nova etapa de reformulação dos padrões técnicos da imprensa e da utilização de fotografias em suas publicações, as revistas femininas do

início do século traziam geralmente fotos de pessoas e eventos. De acordo com Buitoni (1981, p.19), foi desenvolvida uma relação entre a imagem (textual) e o texto (imagético) que funcionou, em especial nas revistas femininas, pois as fotos antes de documentar a realidade eram percebidas como fantasias, corporificação de um ideal a ser imitado, eram imagens que pretendiam a persuasão, a ilusão, uma vez que sugeriam emoções e sentimentos.

Nesse contexto, em 1910, surgiu a primeira revista feminina da Bahia, *A Paladina do Lar*. Circulou no período de 1910 a 1917. Foi fundada e dirigida por mulheres cujo público intencional eram as mulheres. Surgiu da iniciativa de algumas mulheres católicas, porém contou também com a direção da Igreja Católica. As duas responsáveis por sua criação foram Amélia Rodrigues e Maria Luiza de Souza Alves, faziam parte da Liga Católica das Senhoras Baianas. O objetivo da fundação da revista foi colocado na primeira edição: “propagar ideias moralizadoras e conhecimentos úteis [...] por isso grande de grande auxílio às mães de família na tarefa de educar os seus filhos” (*A Paladina*. Bahia, anno1. nº. 1. Jan.1910).

A revista contava também com a direção de líderes da Igreja Católica e por esse motivo, além de ter o cunho da inserção das mulheres na imprensa, também se inseria como um veículo pertencente à imprensa católica. Esse elemento é essencial para entender o posicionamento da revista na escolha de temas e publicações textos, bem como na forma das questões relacionadas ao universo feminino e ao papel da mulher na sociedade.

Podemos ressaltar que nesse período da fundação da revista, a Igreja Católica passava por um momento de enfraquecimento de seu poder enquanto instituição religiosa, como também uma perda de fiéis, e viu na figura da mulher, em junção com a religião, uma possibilidade de aplicar a renovação e mudança de seus moldes. Na revista *A Paladina* é possível notar esse aspecto de colaboração das mulheres com a Igreja Católica, na medida em que eram apresentados certo tipo de propagandas católicas, e a defesa de valores defendidos pela religião, como a moral e os bons costumes.

A Paladina do Lar foi uma representante do novo estilo de publicações que mesclam texto e imagem. Ela era apresentada no tamanho aproximadamente 22x16 cm, com formato médio e geralmente contendo 32 páginas, dentre as quais continham seções sobre literatura, educação, moda, ciências, artes, notícias, crônicas e algumas

notas informativas. A revista trazia temáticas tradicionais, segundo as quais Buitoni (1981, p.11) afirma serem características desses primeiros periódicos femininos: “é continente para tudo que se relacione com a mulher”.

A contra capa em geral trazia a fotografia de uma criança, que era filho de algum membro importante da sociedade, pois era apresentado o nome da criança, e em algumas fotografias existiam também o nome do pai e sua profissão.

Durante o período no qual circulou *A Paladina* era adquirida por meio de assinaturas, que poderiam ser nos formatos anual ou semestral, ou também poderia ser comprada de forma avulsa. A revista era vendida dentro e fora do estado da Bahia, e no ano de 1911, passou a ser vendida em outros estados do Brasil. Sobre sua tiragem a própria revista trouxe algumas informações que indicam que alcançou ainda no primeiro ano a faixa de 751 assinantes com forte circulação nos estados da Bahia e do Ceará (informações publicadas em *A Paladina* nº 3 de 1911).

Nas edições da revista observa-se que ela circulou em diversas cidades do Recôncavo e do interior da Bahia, como as cidades Feira de Santana, Alagoinhas, Cachoeira, Santo Amaro, Caitité, Inhatá (hoje conhecida como Amélia Rodrigues). Isto pode ser notado por meio da coluna “*Recebemos e agradecemos*”, que era um espaço dedicado a receber cartas de leitoras que ao trazer as mais diversas informações, desde eventos religiosos, até elogios sobre a revista, informavam de qual cidade escreviam.

Desta mesma editoria, conclui-se que o periódico circulou em cidades de outros estados como, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, e como também mantinha relação devido ao seu caráter religioso com órgãos estrangeiros, como a Liga da França, do Uruguai e da Espanha. Estes fatores indicam que a revista que surgiu na cidade de Salvador, no que diz respeito ao seu alcance, extrapolou os limites da cidade, bem como o do Estado da Bahia, estando presente em diversas cidades do país.

Como a revista surge nesse período de transformações e desenvolvimento técnico e industrial da imprensa, é frequente encontrar em suas páginas imagens e gravuras, em especial o uso de fotografias de pessoas. As cores também são usadas em uma espécie de projeto gráfico da revista, ainda que o texto seja apresentado em preto e branco. As cores aparecem em detalhes e ornamentações nas páginas, em geral em amarelo, verde e vermelho, na capa, contra capa e nas páginas onde existiam poesias. Percebe-se que há uma preocupação na parte gráfica e na arte da revista como uma maneira de “decorar” as páginas, quebrando a rigidez das letras em preto e branco,

trazendo as cores como um modo de atrair as mulheres e tornar a revista visualmente atraente.

A revista apresentava uma capa, vale ressaltar que era a mesma em todas as edições, que geralmente era composta por um sumário, no qual eram apresentadas as seções, e umas informações gerais sobre o ano, edição; a borda era constituída pelo desenho de flores e folhas coloridas, variando a espécie e estilo delas.

Na capa aparecia também um desenho de uma mulher vestida de branco, com uma espécie de bata, com aquele tecido que se assemelha as que vemos nas obras do período renascentista, que simbolizam pureza e virgindade. Nas costas dessa mulher é possível ver asas, como as de anjo, e ela estava voando sobre o planeta, e caem de suas mãos objetos semelhantes a pétalas de rosa, espalhadas por todo o planeta. Nos pés dessa ilustração há a palavra “Pax”, e mais acima, no que parece ser o sol, a palavra “Veritas” (Ver a Figura 1).



Figura 1 - Capa da Revista *A Paladina*

3. APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Nesta pesquisa consideramos o periódico *A Paladina do Lar* como fonte histórica, além de representar uma fonte documental que marcou determinado período da História da Imprensa.

Segundo Renée Barata Zicman (1985, p. 89-102), nas relações da História com a Imprensa existem dois grandes campos de estudo. O primeiro é o da “História da Imprensa”, o qual busca reconstruir a trajetória dos órgãos de imprensa mostrando suas principais características e importância para um determinado período. O segundo campo é aquele que a pesquisadora chama de “História através da Imprensa”, no qual pertencem os trabalhos que tomam a imprensa como fonte primária para a pesquisa histórica. No nosso caso, adotamos a escolha metodológica de utilizar a revista *A Paladina* como fonte primária para a pesquisa da história da imprensa feminina.

Estudar a imprensa é uma prática rica em dados elementos a serem analisados, e como afirma Zicman (1985, p.90), muitas vezes é a única fonte de reconstituição histórica, o que proporciona um conhecimento mais claro das sociedades de determinado período, em nível de suas manifestações culturais, políticas, e sobre suas condições de vida. A autora ainda aponta algumas vantagens na utilização da imprensa como fonte documental da História, das quais destacamos duas. A periodicidade, uma vez que os periódicos se apresentam segundo a autora como “arquivos do cotidiano” e são responsáveis por registrar e armazenar de certa forma a memória do dia-a-dia e o desenrolar das edições permite localizar a ocorrência, bem como a cronologia de determinados fatos históricos.

A outra vantagem de utilizar a imprensa como fonte documental para estudo da história da imprensa é disposição espacial da informação, uma vez que cada período analisado possibilita a inserção de determinado fato histórico dentro de um contexto mais amplo. Uma vez que para a autora tomar como objeto de estudo certas modalidades da imprensa como fonte histórica deve ser o pressuposto necessário para todo trabalho que utiliza, como nesse caso, uma revista como fonte documental.

Esta pesquisa parte do pressuposto que toda pesquisa realizada tendo como base a análise de jornais e periódicos deve levar em consideração as principais características desse órgão. “Mesmo quando não se faz História da Imprensa propriamente dita - mas

antes o que chamamos de História através da Imprensa - está-se sempre esbarrando nela, pela necessidade de historicizar os jornais” (ZICMAN, 1985, p.90).

Levamos em consideramos também nesta pesquisa as contribuições de Marialva Barbosa (2018), que realiza pesquisas na área de História da Imprensa há mais de três décadas, no que diz respeito aos procedimentos a serem adotados em uma pesquisa histórica, como também a importância da percepção histórica para a compreensão dos processos comunicacionais. Segundo ela, o olhar histórico sobre os processos e as práticas comunicacionais deve ser adotado quando nos deparamos com um objeto que faz parte da história. O que nos leva inicialmente a uma reflexão acerca da forma como devemos considerar o objeto histórico, em cada temporalidade particular, a importância de tal meio de comunicação e bem como a maneira com a qual aquela sociedade se relacionava com a expressão pública comunicacional.

Considerar o lugar histórico do qual estamos pesquisando, de acordo com Barbosa, é considerar os fatos e acontecimentos relevantes do contexto histórico do qual estamos pesquisando. “Posteriormente, há que se especificar o contexto da análise, já que a pesquisa histórica exige a contextualização, sem a qual não estabelecemos referências nem presunções interpretativas no que se refere ao mundo que está sendo analisado” (BARBOSA, 2018, p.22).

A pesquisa de uma fonte histórica, que nesse caso é um periódico, perpassa pela tentativa de acessar o passado, como aponta Barbosa, que tal empreendimento se faz pela interpretação e análise dos documentos, compreendidos como a tentativa de entender o que aconteceu em determinado momento da História, sobre o qual já sabemos os desdobramentos, porém estes documentos, em formas de jornais, revistas, chegam até o presente sob o aspecto de vestígios.

As pesquisas históricas contêm a interpretação e traços da subjetividade do pesquisador, como também são marcadas pela época em que foi produzida, e com investigação da pesquisa científica estão sujeitas a novas interpretações, revisões, reformulações. “É com base nessa suspensão constante e nesse aspecto provisório que o conhecimento científico pode avançar” (BARBOSA, 2018, p.22).

Outra questão importante que consideramos nesta pesquisa diz respeito a intenção da produção concerne do documento. “Nenhuma produção documental é neutra e sua durabilidade também indica certa propensão a já ter sido produzida visando a uma possibilidade futura” (*ibid.*). Barbosa afirma que, quando consideramos a

produção midiática como documento de uma época, se faz necessário perceber igualmente que ela tinha uma relação especial com o seu presente histórico, ou seja, a publicação se relacionava com o contexto histórico presente naquele momento. É o que esta pesquisa busca, sobretudo, com a análise das publicações de *A Paladina*: identificar os traços desse presente histórico nos artigos da revista, os assuntos discutidos eram reflexos do contexto histórico do período no qual circulava.

Nas publicações da revista, as autoras ao escrever textos falam de si mesmas e do modo como viviam naquele período e de como a sociedade se comportava frente as transformações e, assim, se constituem como fontes de sua própria história. A análise da imprensa para Marialva Barbosa, em uma perspectiva histórica, adota um cenário metodológico de percepção de um sistema de comunicação complexo, no qual levamos em conta as dimensões interna e externa dos fenômenos históricos. “Os periódicos fazem parte de um sistema de comunicação com temporalidades e territorialidades próprias. Assim, os processos jornalísticos e as práticas dos atores sociais devem ser buscados e interpretados à luz de problemáticas específicas” (BARBOSA, 2018, p.29).

Na pesquisa sobre História da imprensa e por meio da imprensa Candido (2005, p.14) afirma que os próprios periódicos tornam-se objeto da pesquisa histórica e que o pesquisador ao realizar a análise do texto literário deve considerar dois aspectos básicos: o essencial e o acessório. Este último diz respeito a realidade material do documento, o modo em que se encontra, se é papel, ou digitalizado, a caligrafia, o estado do texto, como também considera sua história, por quem, como, onde, quando, em que condições foi escrito. Já o aspecto essencial é representado pela realidade e finalidade daquele documento, seu significado, sua natureza.

Neste sentido, *A Paladina* representa o objeto de pesquisa que possui tais aspectos sinalizados por Candido: é uma revista que apresenta um objeto impresso, mas que foi analisado por meio digital; é possível perceber a idade do documento pelos aspectos da cor do papel e pelos elementos utilizados nas edições da revista; foi considerada a história do aparecimento do periódico, seu contexto de surgimento, a contribuição dos atores que contribuíram para a sua feitura, o papel dessas personagens enquanto mulheres que buscavam o seu espaço num ambiente de transformações e as influências para a produção dos textos, as influências internas, como o apoio da Igreja Católica e influências externas, como as pressões vividas na sociedade soteropolitana na virada do século XIX para o século XX. Os elementos que nos levam a perceber e

identificar a revista como particular e produzida por um determinado contexto histórico, fruto de condições que foram fundamentais para o seu aparecimento.

3.1 Pesquisa documental

Um dos primeiros passos desta pesquisa foi procurar e localizar as edições da revista *A Paladina*, que até então se encontravam apenas arquivadas e sobre os cuidados de especialistas em conservação na sessão de obras raras, no Museu do Mosteiro de São Bento, localizado na cidade de Salvador, onde talvez não fosse possível fotografar tais documentos, uma vez que são centenários e encontram-se armazenados com o maior para preservação, pois representam um patrimônio da História da imprensa feminina na Bahia.

Nesse percurso de busca por nossa fonte e objeto de pesquisa, a revista, conhecemos a professora doutora Vanilda Salignac de Sousa Mazzoni⁴, coordenadora do Ateliê de Conservação e Restauração de Papel Memória & Arte. Pesquisadora na área de gênero, em especial, os estudos bibliográficos de escritoras e biografias femininas de um modo geral. Ela trabalha com o levantamento e preservação de patrimônio, e com o cuidado com os acervos brasileiros e baianos, como também atua na área de preservação do papel e no cuidado, inventário, restauração, preservação, encadernação tradicional (couro e pergaminho) de obras raras, contribuindo para a permanência de bibliotecas antigas.

Vanilda Mazzoni possuía as edições da revista *A Paladina* digitalizadas em um CD, que foi gentilmente cedido para o desenvolvimento desta pesquisa. Na oportunidade ela sinalizou que existia um livro intitulado *Memória literária feminina inventário da revista A Paladina do Lar* (2010) no qual, junto a também Alícia Duhá, havia realizado o levantamento e publicação de tais edições, porém a obra já não estava disponível para a compra. Ela foi fruto dos aprofundamentos dos estudos de ambas pesquisadoras sobre os estudos historiográficos e filosóficos a partir dos documentos existentes na Biblioteca de Obras Raras e no Arquivo do Mosteiro de São Bento na Bahia, com o objetivo de conservar e preservar o patrimônio cultural baiano.

⁴Vanilda Salignac de Sousa Mazzoni é graduada em Letras Vernáculas com Inglês pela Universidade Católica do Salvador (1991), é mestre (2001) em Doutora (2004) em Letras e Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFBA e pós-doutora em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (2007) e pela UFBA (2018).

Neste CD cedido por Vanilda Mazzoni existem cópias digitalizadas das edições de *A Paladina* do ano de 1910 até o ano de 1914. E estão organizadas por ano e mês de publicação, com fotos legíveis de página inteira e algumas vezes de duas páginas em uma só imagem. Como o recorte de estudo foram os escritos da autora Amélia Rodrigues publicados no período de 1910 - data do início de suas publicações, o corpus foi delimitado em analisar seis, dentre as doze publicações desse primeiro ano de circulação da revista, a escolha ocorreu ao acaso, e foi definida analisando meses salteados, respectivamente janeiro, março, maio, julho, setembro e novembro. Trabalhamos com a identificação das editoriais, seleção dos temas mais recorrentes, além de identificar os artigos e poemas da autora nesse periódico utilizando alguns critérios da análise de conteúdo.

Como se trata de pesquisa em documentos históricos, a pesquisa documental foi feita em articulação com a bibliográfica, e funcionaram como métodos que contribuíram com a investigação do discurso da autora, de modo a auxiliar e identificar e interpretar o que os documentos, no caso as publicações indicavam, isto é, o que autora relatava, o que tornou público sobre seus valores, o contexto histórico e os temas levantados na revista.

A pesquisa bibliográfica representa, de acordo com Stumpf (2005, p.51), o planejamento inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente ao assunto. É o conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas e selecionar documentos pertinentes ao tema estudado. Neste trabalho este procedimento serviu para compor o quadro teórico de referências históricas que tratavam da revista, das autoras e do contexto histórico da Bahia, sobretudo da cidade de Salvador no período da virada do século XIX para o século XX, como também da localização, obtenção e identificação do documento histórico e objeto desta pesquisa.

A pesquisa/ análise documental, por sua vez, compreende de acordo com Moreira (2005, p.271), a identificação, a verificação e a apreciação de documentos objetivando determinado fim. É ao mesmo tempo método e técnica. “Método porque pressupõe o ângulo escolhido como base de uma investigação. Técnica porque é um recurso que complementa outras formas de obtenção de dados como a entrevista e o questionário” (MOREIRA, 2005, p.272). É ainda, na maioria das vezes qualitativa, pois verifica o teor, o conteúdo do material selecionado para a análise. Os estudos qualitativos se

caracterizam como aqueles que buscam compreender um fenômeno em seu ambiente natural, e como apontam Kripka, Scheller & Bonotto (2015, p.55), no qual o fenômeno ocorre e do qual ele faz parte. Deste modo, o investigador é o instrumento principal por captar as informações, os quais podem ser obtidos e analisados de várias maneiras dependendo do objetivo que se deseja atingir. “Em um estudo qualitativo a busca por dados na investigação leva o pesquisador a percorrer caminhos diversos, isto é, utiliza uma variedade de procedimentos e instrumentos de constituição e análise de dados” (KRIPKA, SCHELLER & BONOTTO, 2015, p.57).

O desafio que esta técnica quantitativa de pesquisa representa é a capacidade que o pesquisador tem de selecionar, tratar e interpretar a informação, visando compreender a interação com sua fonte ou seu objeto de pesquisa. Quando isso ocorre há, como apontam Sá-Silva, Almeida & Guindani (2009, p.1.), uma ampliação de detalhes à pesquisa e os dados coletados tornam-se mais significativos. “A pesquisa documental, bem como outros tipos de pesquisa, propõe-se a produzir novos conhecimentos, criar novas formas de compreender os fenômenos e dar a conhecer a forma como estes têm sido desenvolvidos” (*ibid.*, p.14).

Na concepção de Oliveira (2007), diferentemente da pesquisa documental, a pesquisa bibliográfica, corresponde a uma modalidade de estudo e de análise de documentos de domínio científico, sendo sua principal finalidade o contato direto com documentos relativos ao tema em estudo. No caso desta pesquisa foram considerados o contexto de produção da revista, o contexto vivenciado por suas editoras-chefes, bem como a importância e papel da revista dentro do contexto de mudança de regime político no estado da Bahia, como modo de entender com o contexto influenciou as publicações da revista.

Em consonância com o que afirma Moreira (2005, p.272), após localizar os escritos de *A Paladina*, esses foram identificados e selecionados de modo a serem analisados na perspectiva de contextualizar um momento histórico, para tanto realizando investigações que não deixam de respeitar a originalidade do documento.

Falando em originalidade, esses arquivos da revista são fontes primárias, definidos como aqueles “pertencem a categoria de escritos pessoais, cartas particulares, documentos oficiais, textos legais, documentos internos de empresas e instituições” (Moreira, 2005, p.272). As publicações obtidas de *A Paladina* se inserem nessa classificação, uma vez que, ainda sendo arquivos digitalizados do original, não perdem

o seu fator de originalidade por conta disso, pois são os próprios textos do período, escritos por suas próprias redatoras.

A pesquisa documental foi elaborada com base no levantamento de dados primários, os materiais que não receberam tratamento analítico, a exemplo dos artigos escritos por Amélia Rodrigues, bem como demais elementos publicados na revista da época, fotografias, poemas, ilustrações, publicidade, que possibilitaram a compreensão da dinâmica da sociedade baiana. Esta pesquisa delimitou o trabalho do período inicial de surgimento do periódico, que marcou não só o início da produção feminina para mulheres, como também perpassou a produção intelectual da autora/educadora, Amélia Rodrigues, fato que não desconsiderou sua trajetória anterior, tampouco as publicações posteriores em outros periódicos, com diferentes enfoques, a exemplo de alguns romances e poemas publicados por ela.

Estudar ou como coloca Oliveira (2008, p.8), recontar os textos literários como uma fonte que pode contribuir na construção do discurso histórico é uma questão muito complexa a qual requer “[...] penetrar nos significados produzidos no passado, acessar o que era inteligível por determinados códigos que hoje se revelam incompreensíveis, procurar ver porque certos textos continuam a ter sentido no presente, com certeza não são tarefas fáceis”. Ele ainda alerta para o fato de que estudar tais fatos históricos através de textos problemas devem respeitar uma questão central, certo distanciamento entre quem o estuda e o seu objeto.

A análise documental e interpretação desses dados se deram por meio da Análise de Conteúdo dos documentos de autoria da educadora Amélia Rodrigues, obedecendo ao corpus definido e quantidade de edições delimitadas nesta pesquisa.

3.2 Análise de conteúdo

A Análise de Conteúdo é apontada por Wilson Fonseca Júnior (2005) como constituinte do campo comunicacional. Uma vez sua presença data dos trabalhos iniciais da *communication research* às pesquisas recentes sobre as novas tecnologias, passa pelos estudos culturais e de recepção, demonstrando, segundo o autor, grande capacidade de adaptação as mudanças e desafio presentes no campo comunicacional. “Em determinados momentos quando se pensava que havia esgotado toda a sua capacidade de proporcionar análises consistentes e pertinentes, eis que ressurgiu a

análise de conteúdo com novas técnicas e novos elementos a serem investigados” (JÚNIOR, 2005, p.280).

O aparecimento da Análise de Conteúdo está relacionado ao desenvolvimento das Ciências Sociais a partir dos anos de 1920 (ZICMAN, 1985, p.94). A princípio era uma análise que se dedicava aos estudos quantitativos da imprensa e foi responsável segundo a autora por desenvolver trabalhos voltados ao material jornalístico; e era definido como “uma técnica de pesquisa para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação” (*ibid.*). Ao longo dos anos, mais especificamente nas décadas de 1950 e 1960, em paralelo ao desenvolvimento dos estudos linguísticos, a aplicação das técnicas de análise de conteúdo foram sendo aplicadas nas mais diversas áreas de conhecimento como a Sociologia, História, Psicologia, Ciência política.

A análise de conteúdo, para Moraes (1999), constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de variados tipos de documentos e textos, pois, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens. No seu contexto de evolução, a análise de conteúdo tem oscilado entre o rigor da objetividade dos números e a utilização da subjetividade. Entretanto, ao longo do tempo, os estudos que utilizam a análise de conteúdo como metodologia “[...] tem valorizado as abordagens qualitativas, utilizando especialmente a indução e a intuição como estratégias para atingir níveis de compreensão mais aprofundados dos fenômenos que se propõe a investigar” (MORAES, 1999, p.7).

A matéria-prima da análise de conteúdo pode, como aponta Moraes (1999), ser proveniente de qualquer material sendo ele de comunicação verbal ou não verbal, por exemplo, cartas, cartazes, jornais, revistas, informes, livros, relatos autobiográficos, discos, gravações, entrevistas, diários pessoais, filmes, fotografias, vídeos etc. Os dados advindos dessas mais diversas fontes chegam ao investigador em estado bruto, necessitando, então, serem processados de modo a facilitar o trabalho de compreensão, interpretação e análise.

A análise de Conteúdo, para Zicman (1985), representa um instrumento metodológico que apresenta a função de tentar decifrar o discurso através da observação e investigação do conteúdo de documentos históricos, podendo eles ser textos impressos, artigos de revista, publicações de determinado meio de comunicação:

O método da Análise de Conteúdo consiste num conjunto de técnicas e instrumentos metodológicos capazes de efetuar a exploração objetiva de dados informacionais ou “discursos” fazendo aparecer no conteúdo das diversas categorias de documentos escritos - artigos de imprensa, documentos históricos, textos literários, etc - alguns elementos particulares que possibilitam a elaboração de um certo tipo de caracterização (ZICMAN, 1985, p. 94).

Dos quatro tipos existentes de análise de conteúdo, utilizamos nesta pesquisa a que trata da Análise temática, ou seja, trata dos significados dos discursos independente de sua forma linguística. De acordo com Zicman é o método que se desenvolve a partir de temas e itens de significação relacionados ao objeto de estudo e analisados considerando-se a sua presença e frequência de aparecimento nos textos analisados. “Ele é definido pelo tipo de documento analisado e pelos objetivos de cada trabalho” (ZICMAN, 1985, p.95).

Ainda que existam diferentes abordagens de autores que proponham diversificadas descrições do processo da análise de conteúdo, nesta pesquisa tomamos por base algumas características do modelo proposto por Lauren Bardin (2011), em sua obra referência nesse tipo de investigação. Elencamos cinco categorias dentre as quais Bardin apresenta como passos a serem seguidos para realizar a Análise de conteúdo: 1) Preparação das informações; 2) Definição do Campo de observação; 3) Definição das categorias de análise; 4) Descrição; e 5) Interpretação.

Alguns dos passos a cima já foram alcançados e supridos com a pesquisa documental, como é o caso da preparação das informações e a definição do campo de observação, o que seria a delimitação do corpus da pesquisa. Que como já foram indicados anteriormente são seis publicações referentes ao primeiro ano de vigência da revista *A Paladina*, no qual tinham a direção da escritora Amélia Rodrigues.

A respeito do terceiro item a ser levado em consideração, que é definição das categorias de análise, Zicman afirma ser uma das etapas mais importantes e consiste em classificar os elementos do texto considerando o interesse da pesquisa. Neste caso as categorias de análise foram definidas a partir das editoriais da revista e dos temas mais recorrentes encontrados nelas. Além de considerar também outros aspectos importantes como: as ilustrações, as fotos, desenhos, a capa da revista, o texto do editorial que pelo menos no primeiro ano, sempre é escrito por Amélia Rodrigues, a composição e organização das matérias, bem como a distribuição das colunas e seções, a utilização de

títulos, a ocorrência de publicidade, a ocorrência da seção de cartas das leitoras, dentre outros aspectos como preço, número de tiragens, proposta editorial da revista e considerando também o tipo de formato revista.

A quarta etapa do processo é a descrição. Uma vez definidas as categorias e identificado o material para análise de cada uma delas, é preciso descrever os resultados dessa investigação. Como esta não é uma pesquisa na qual sua abordagem envolva a organização de tabelas e quadros, com a utilização de percentuais e estatísticas, não haverá esse caráter a dados informatizados. Trata-se de uma abordagem qualitativa na qual a descrição não será centrada em números. Para o resultado do conjunto das categorias de análise um texto foi produzido, descrevendo e sintetizando o conjunto de significados presentes nos diversos artigos e matérias da revista. Trazendo trechos, imagens e citações de algumas passagens consideradas importantes.

Moraes (1999, p.8-9) afirma que este momento da análise ainda não será o momento interpretativo, entretanto poderá haver descrições cada vez mais abrangentes, dependendo dos níveis de categorização. De um modo geral, o autor aponta que a organização desta descrição será determinada pelo sistema de categorias construído ao longo da análise:

O momento da descrição é, sem dúvida, de extrema importância na análise de conteúdo. É o momento de expressar os significados captados e intuídos nas mensagens analisadas. Não adianta investir muito tempo e esforço na constituição de um conjunto de categorias significativo e válido, se no momento de apresentar os resultados não se tiver os mesmos cuidados. Será geralmente através do texto produzido como resultado da análise que se poderá perceber a validade da pesquisa e de seus resultados (MORAES,1999, p.9).

O passo seguinte é o da interpretação que visa por meio dos dados adquiridos na descrição alcançar uma compreensão mais aprofundada do conteúdo das mensagens através da inferência e interpretação. No caso desta pesquisa visa identificar de que maneira o contexto histórico influenciou a produção da revista *A Paladina*.

O termo inferir utilizado na análise de conteúdo refere-se mais especificamente à pesquisa quantitativa. Já o termo interpretação é o termo associado à pesquisa qualitativa, ainda que contenha uma abordagem quantitativa. “Liga-se ao movimento de procura de compreensão. Toda leitura de um texto constitui-se numa interpretação” (MORAES, 1999, p.9). Entretanto, o autor chama atenção para o fato de que o analista de conteúdo deve exercitar o esforço de interpretação e deve fazê-lo sobre os conteúdos

manifestos pelos autores, o que está explícito no texto, como também sobre os latentes, sejam eles ocultados consciente ou inconscientemente pelos autores.

No movimento interpretativo Moraes salienta duas vertentes, uma delas relaciona-se a estudos com uma fundamentação teórica claramente explicitada a priori, ou seja, a análise vai ser realizada à luz de algumas questões teóricas metodológicas, como forma de comprová-las. Na outra vertente a teoria é construída com base nos dados e nas categorias da análise. A teoria, ou as questões metodológicas, surgem das informações e das categorias. Neste caso a própria construção da teoria é uma interpretação: “seja a partir de um fundamento teórico definido a priori, seja a partir da produção de teoria a partir dos materiais em análise, a interpretação constitui um passo imprescindível em toda a análise de conteúdo, especialmente naquelas de natureza qualitativa” (MORAES, 1999,p.11).

Nesta pesquisa buscaremos identificar nos textos, à luz dos procedimentos de pesquisa em história da imprensa levantados por Marialva Barbosa (2018), traços/vestígios do contexto histórico, nos temas abordados, na defesa ou não de ideias, na discussão de determinadas questões, testaremos nosso pressuposto de que as publicações da revista foram influenciadas pelo contexto pelo qual circulava e pelo qual as autoras viviam.

4. NAS PÁGINAS DA PALADINA DO LAR

O que publicava a revista *A Paladina do Lar*? Esta é a questão que instiga a análise sobre essa publicação voltada para as mulheres e que circulou no início do século passado na Bahia.

Neste capítulo final desta pesquisa, vamos analisar conteúdo de seis das doze edições do primeiro ano da revista *A paladina*, destacando os assuntos apresentados no conteúdo das editorias, revelando aspectos históricos, fotos, as reivindicações e os principais temas discutidos na publicação. As edições escolhidas foram as de Janeiro, Março, Maio, Julho e Setembro, Outubro e Novembro, todas de 1910, que foi o ano de fundação da revista.

O periódico apresenta uma média de 30 páginas, composto por diversas seções e artigos que abordam temáticas de moda, música, saúde, ciência, acontecimentos

internacionais e nacionais, notas de conferências de alguns grupos religiosos, mas no geral as temáticas mais recorrentes são as que tratam da fé católica e da manutenção de um comportamento pautado na moral e princípios religiosos.

4.1 JANEIRO DE 1910

A primeira edição da revista *A paladina* foi veiculada em janeiro do ano de 1910, uma edição de inauguração que contou com 28 páginas dentre as quais se explicou o porquê da criação deste veículo bem como o objetivo que pretendia alcançar. Na contracapa da revista (Figura 2) trouxe a foto de uma garotinha sorrindo, e, ao seu lado uma boneca, e no rodapé alguns versos que demonstram que a garota representava a satisfação do surgimento da revista *A paladina* “*Ella apresenta aos bahianos muitos votos de bons annos que A paladina mandou*” (p.2).



**Figura 2 - Contracapa da edição de Janeiro.
 Fonte: *A Paladina* (Jan.1910, p.2, ano I)**

De acordo com Juarez Bahia, no Dicionário de Jornalismo: século XX contracapa é definida como “parte do revestimento do livro, da revista ou qualquer outra publicação em brochura ou encadernação. Compreende face interna, face externa e orelha, e deve manter sempre correção com a capa, quanto aos dizeres e à orelha” (2010, p. 97).

Em seguida a seção *Surge qui dormis*, com o título que anunciou o surgimento da revista como se esta estivesse adormecida e se fizesse presente nesta primeira edição. O texto assinado com as iniciais A.R, de Amélia Rodrigues, exaltou a importância dos ideais e das ideias humanas, bem como da manutenção de valores importantes na sociedade que parecem ser desprezados e muitas vezes esquecidos, ela supervalorizou as qualidades humanas como o caráter, as virtudes, a obediência às leis morais e a consciência, além de condenar as atitudes ruins e consideradas por Amélia como impróprias ao cidadão de bem, o que ela chamou de “Mancha Negra”.

Segue o trecho:

Se cada individuo perguntasse a si mesmo antes de qualquer ação - será isso conforme as leis morais que devo cumprir? - se a consciência lhe respondesse franca e esclarecidamente: - sim ou não, e se elle obedecesse a consciência, não corveariam em redor de nós tantas manchas negras: fraudes, desfalques, homicídios, injúrias, calúnias, injustiças, traições, calúnias, injúrias, enfim, pequenas e grandes, pequenas e grandes que nos enchem de tristeza e desanimo (A paladina, ano. I, p.4, Jan. 1910).

Nesta mesma seção (Figura 3) Amélia Rodrigues ainda abordou os anseios e medos da população, em relação a algumas doenças que se alastravam no período, bem como citou alguns aspectos da situação social e política do período e alertou as leitoras para a urgência de se questionar e reagir frente as transformações e mudanças que estavam ocorrendo no país, como também criticou a postura dos governantes frente aos problemas relacionados à falta de saneamento que se alastravam na cidade de Salvador:

Temos medo da febre amarela, da peste levantina, da tuberculose, de qualquer morbo, em suma. Gritamos contra os governos se, para debelar a epidemia, não dão elles providencias urgentes e radicaes; a avalanche da publica hygiene cae sobre a população, e no interior das

casas a limpeza material se faz immediata, arrancando até vidas para salvar outras (p.5, Jan.1910).

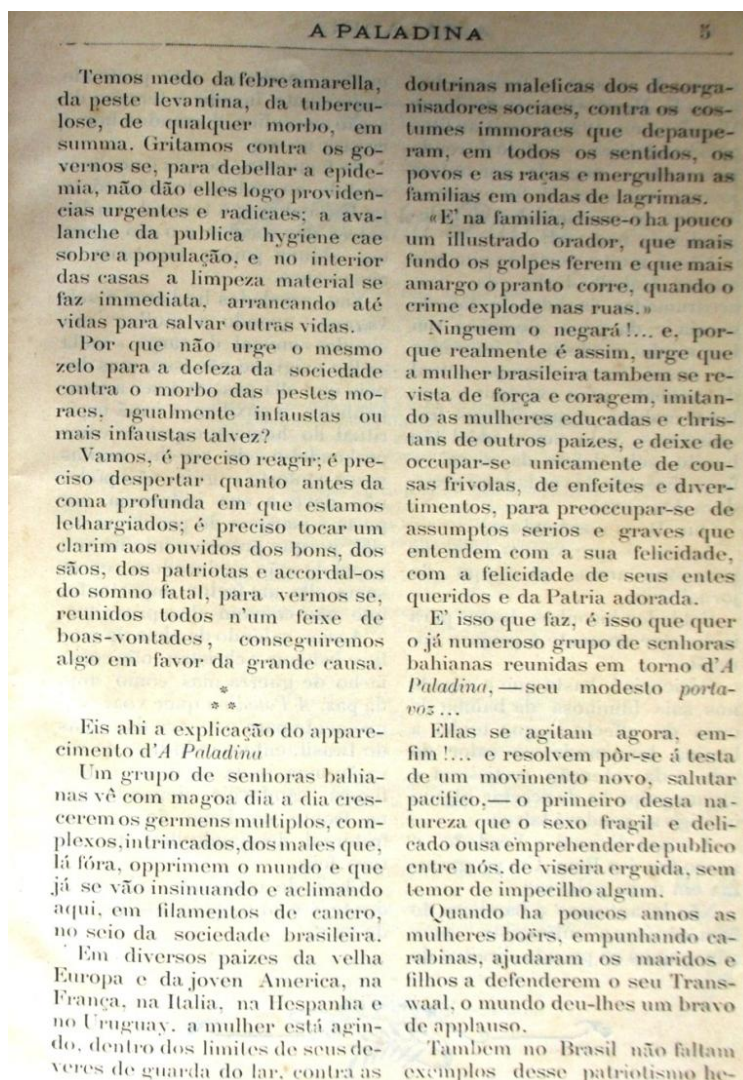


Figura 3 – Texto que tratou dos motivos para a criação da revista Fonte: A *Paladina* (Jan.1910, p.5, ano I)

A seguir Amélia Rodrigues revelou o motivo da criação da publicação e explicou o porquê dela ser um periódico destinado às mulheres e dirigido por mulheres, justificando assim o pioneirismo das “senhoras baianas” à frente de uma revista, uma vez que em outras partes do mundo as mulheres já haviam rompido as barreiras do lar para questionar as injustiças existentes na sociedade e para reforçar os valores familiares, bem como os valores morais e católicos:

Eis aqui a explicação do aparecimento d'A paladina Um grupo de senhoras bahianas vê com mágoa dia a dia crescerem os germes múltiplos, complexos, intrincados, dos males que, lá fóra, oprimem o mundo e que já se vão insinuando e aclimando aqui em filamentos cranco, no seio da sociedade brasileira [...] urge que a mulher brasileira também se revista de força e coragem, imitando as mulheres educadas chistans de outros países, e deixe e de ocupar-se unicamente com coisas frívolas, de enfeites e divertimentos, para preocupar-se de assuntos sérios e graves [...] (p.5, Jan.1910).

Mais à frente a autora do texto ainda afirmou que as mulheres “enfim se agitam” e que o grupo de mulheres à frente da *Paladina* desejavam ser porta voz das mulheres e exemplos de patriotismo dispostas a lutar por sua pátria sem nada a temer. “*Ellas se agitam agora, enfim!... e resolvem pôr-se a testa de um movimento novo, salutar pacífico, - o primeiro desta natureza que o sexo fragil e delicado ousa emprehender de público entre nós, de viseira erguida sem temor de impecilho algum*” (p.5, Jan.1910). E assim Amélia Rodrigues prosseguiu e afirmou que as mulheres à frente da revista buscavam apenas um lugar “modesto” na imprensa em busca do seu ideal: a defesa da moral, além de deixar evidente suas motivações “*[...] nós outras trabalhadoras da paz, acostumadas às lides do lar, da escola e da pena, peçamos um lugarzinho modesto a imprensa de nossa terra pelo nosso ideal tão bonito, pela defesa da moral, força diretriz da verdadeira grandeza entre dos povos*”(p.6, Jan.1910).

No texto assinado por Amélia Rodrigues reflete o estilo mais livre e opinativo que caracterizava a imprensa da época. Ana Paula Goulart Ribeiro (2007), na obra intitulada “Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950”, registra que, no Brasil, durante muito tempo, jornalismo e literatura se confundiam. Até a segunda metade do século XX, o jornalismo era considerado subproduto das belas artes. Somente ao longo dos anos 1950 os jornalistas brasileiros foram adquirindo um sentido de categoria profissional diferenciada dos literatos (2007, p.221).

Durante muito tempo os jornais não tiveram uma técnica própria de contar história. Como não havia um paradigma, um modelo a seguir, os jornalistas se espelhavam na literatura, mas seguiam uma gama variada de estilos e não um estilo comum, padronizado. O texto era de responsabilidade exclusiva do redator, que lhe imprimia suas marcas pessoais. O estilo redacional, por isso, variava muito de um

veículo para outro e inclusive dentro de um único jornal. Não se pode esquecer, destaca Ribeiro (2007, p.222), que havia no jornalismo uma tradição bacharelesca, associada, sobretudo, aos cursos de direito, o que o fazia também herdeiro de certa retórica “empolada” e marcada por um vocabulário pouco usual.

Por isso, ao analisar as edições da revista consideramos os textos não dentro de formatos contemporâneos do jornalismo (notícia, reportagem, editorial, por exemplo). Conforme registra Ribeiro (2007, p.222-223), somente a partir das reformas de jornais dos anos 1950 (ela pesquisou a imprensa do Rio de Janeiro) é que houve uma série de restrições formais que diziam respeito tanto à linguagem quanto à estruturação do texto e que tiveram como consequência a padronização de seu estilo. Forjou-se uma nítida separação entre o discurso jornalístico propriamente dito e os discursos de outra natureza.

Há que se considerar também que o texto de revista é diferente do de jornal, que é mais voltado para o factual (a partir da adoção da pirâmide invertida a partir da segunda metade do século XX), e o tipo de linguagem varia muito de uma publicação para outra (SCALZO, 2003).

Voltando à análise da *Paladina*, na página seguinte ao texto assinado por Amélia Rodrigues, foi apresentado um poema também de sua autoria com o título “*A minha pátria*”, e desta vez o nome não se apresentou abreviado. O poema tem conteúdo patriótico, no qual foram exaltados os aspectos positivos do Brasil como os mares, as terras, uma pátria de muitas riquezas, na qual, segundo a escritora, não seria possível trocar ou morar em um outro lugar. Em outra seção um extenso artigo sobre música e sobre Beethoven e suas sinfonias, explicou de forma detalhada o que cada uma das sinfonias representava. O texto, que ocupou mais que duas páginas da revista, fez uma análise das obras do artista, e foi assinado com as iniciais M.E de Maria Elisa, que pelo conteúdo apresentado no artigo era uma mulher que possui largo conhecimento sobre música clássica. No final desse artigo sobre música foi publicado um poema “*A um desventurado*” assinado por um homem, Damasceno Viera.

De acordo com Juarez Bahia (2010, p. 32), o artigo é um texto jornalístico de caráter opinativo, interpretativo ou personificado por uma autoria, declarada ou não. No

primeiro caso, quem o assina; no segundo, o veículo que o endossa (modernamente, editorial).

A próxima seção foi intitulada de educação (Figura 4), e trouxe também um artigo extenso, de duas páginas, no qual Maria Luisa abordou a importância da educação para o desenvolvimento da sociedade, bem como para o bem estar da família, além de ser considerada um instituto responsável por moldar comportamentos:

Para que se transforme num instituto de educação é preciso que nela se imponham a mocidade, por meio da mais rigorosa disciplina, o sentimento da solidariedade social, o espírito de esforço e sacrifício na subordinação ao dever, à regularidade, a exatidão, a firmeza do porte, de acordo com a firmeza do caracter, em todos os actos da vida (Jan.1910, p.11).

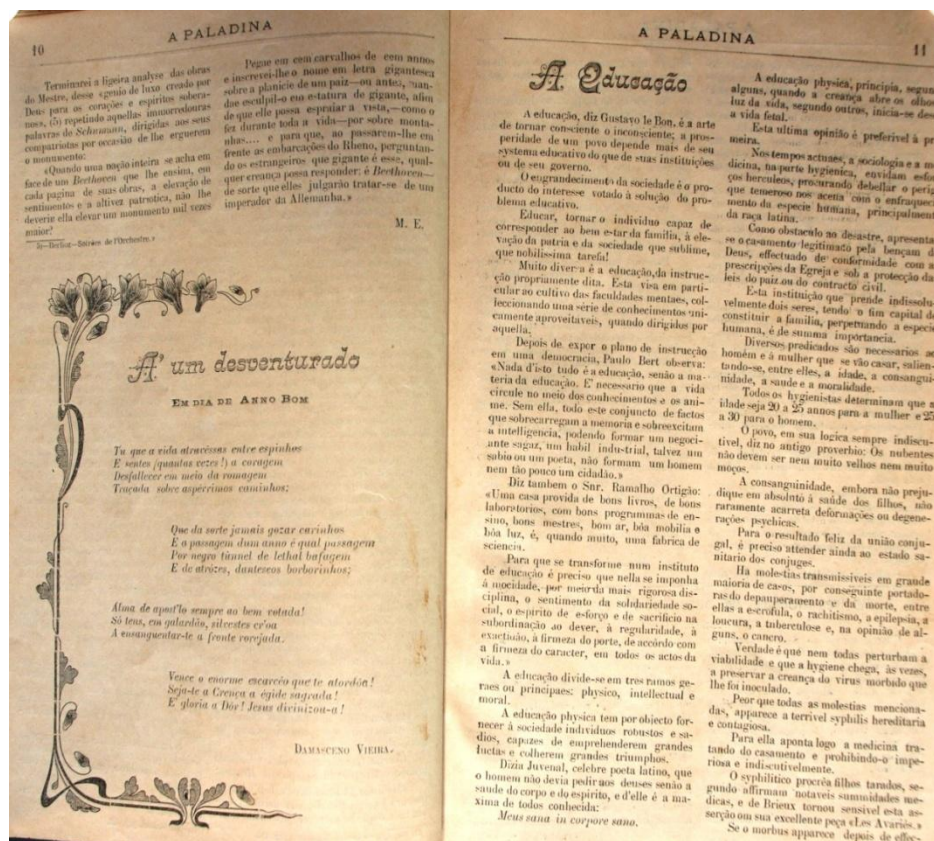


Figura 4 – Seção de Educação. Fonte: *A Paladina* (Jan.1910, p.11, ano I)

Ainda nessa seção sobre educação houve também uma exposição sobre alguns aspectos importantes em relação ao tema casamento, como idade adequada para fazê-lo, forma de realizar a cerimônia, bem como o cuidado com algumas doenças facilmente

transmissíveis, como a sífilis e a tuberculose. Ou seja, é evidente a preocupação em orientar e “educar” os jovens em relação ao matrimônio, bem como na manutenção da família como uma forma de manter a moralidade e a manutenção dos valores católicos por meio do estabelecimento de alguns critérios que deveriam ser obedecidos.

Esta instituição que prende indissoluvelmente dois seres, tendo o fim capital de constituir a família, perpetuando a espécie humana, é de suma importância. Diversos predicados são necessários ao homem e a mulher que vão se casar, salientando-se, entre elas a idade, consanguinidade, a saúde e a moralidade. [...] os nubentes não devem ser nem muito velhos nem muito novos (Jan.1910,p.11).

Em seguida um conto intitulado “As três moedas de ouro dos magos”, escrito por uma figura masculina envolvida com a igreja católica, com o nome de Monsenhor, no qual trouxe no seu subtítulo que foi “especialmente traduzido para a paladina”. Já a próxima editoria (figura 5) tratou do tema saúde e foi escrita por um médico, que disse dedicar as leitoras da revista.

O texto tratou de avanços na ciência e contribuição da mulher ao praticar os cuidados médicos em seu lar com seus filhos e maridos.

De facto, quão inestimáveis serviços não podem prestar as senhoras a par da medicina e hygiene no interior da sua casa, auxiliando e até mesmo orientando a acção do médico, na luta contras as moléstias que atacam os entes queridos de que é guarda e defensora innata. [...] Avaliae portanto, minhas senhoras a melindrosa acção da vossa interferência, a urgência insophymavel dos vossos cuidados inestimável valor do vosso papel, à cabeceira dos vossos paes, do vosso marido, dos vossos filhos, de todos os membros da família da qual deveis ser o verdadeiro anjo tutelar (Jan.1910, p.14-15).

Ainda nessa edição existem mais quatro seções com temas distintos entre si: moda, fé, notícias e notas, carta ao leitor e uma que tratou sobre uma liga da qual faziam parte as editoras da revista, a liga católica das senhoras baianas.

A seção de moda (figura 6) foi escrita por uma mulher que assinou como Dora. Ela confessou o difícil trabalho que era falar sobre moda, uma vez que tomou como referência a tendência parisiense, porém estabeleceu o compromisso de informar as suas leitoras sobre a última moda.

Não é fácil a tarefa de trazer-vos informadas do que é a ultima moda na encantadora cidade onde ela impera e de onde emanam as suas leis para o mundo elegante, ainda mais difícil a escolha de modelos que sejam chics , modernos, muito modernos porém nos quaes não haja exagero nem exentricidade- do que nunca necessita uma senhora para ser realmente elegante (Jan.1910,p.17).

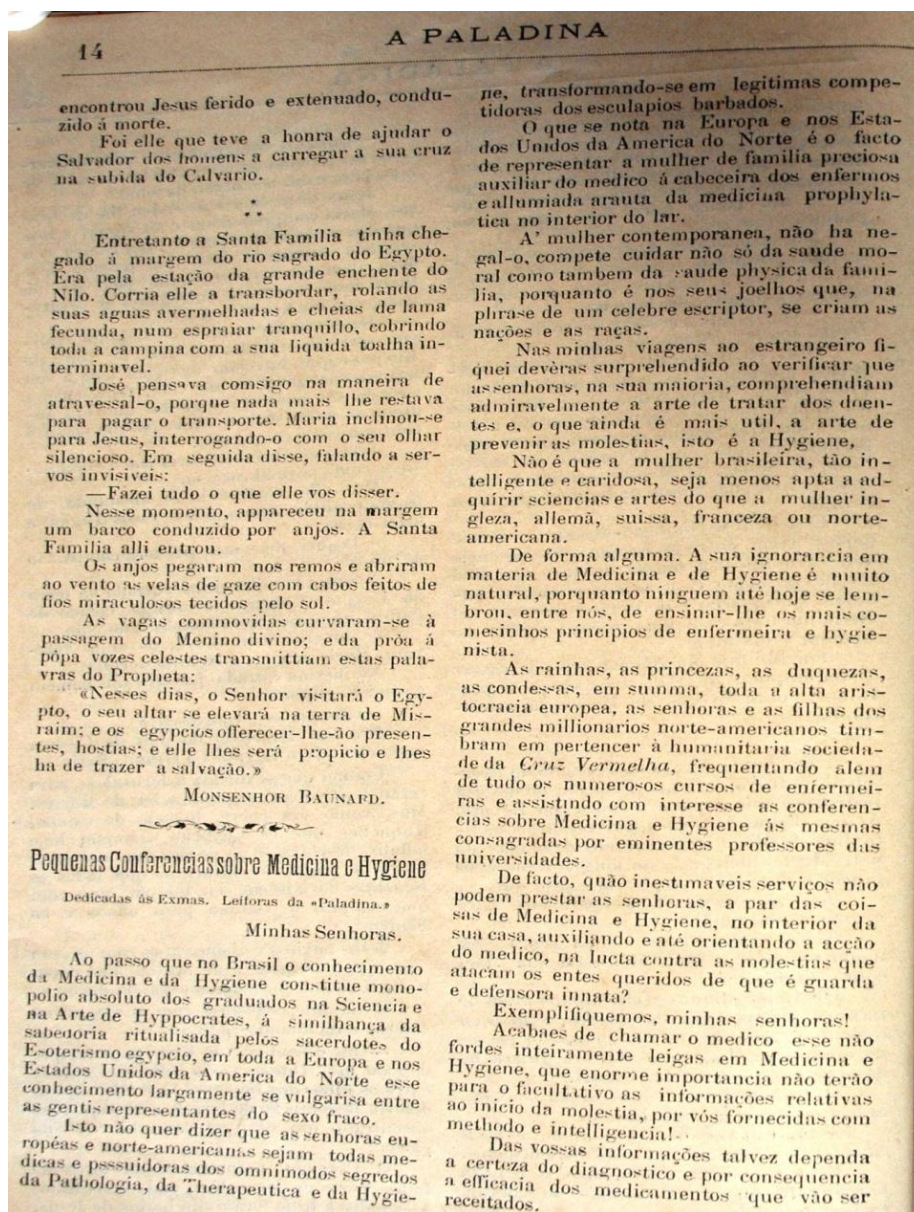


Figura 5 – Artigo sobre saúde. Fonte: A Paladina (Jan.1910, p.14, ano I)

A coluna ainda trouxe indicações de tecidos, estilos de roupas adequados para cada ocasião, e ainda como tentar adequar o estilo de roupa do frio de Paris ao clima tropical do Brasil:

Como fallar das modas em Paris quando lá se procura um tailleur de pesado drap, uma capa forrada de peles para poder sahir à rua, e aqui nos parece que a preocupação da moda deve ser a de propiciar-nos um traje apropriado ao calor abrazador que nos faz sentir?[...] Convençei-vos de que a mais bonita toilette, muitas vezes não é mais dispendiosa, o segredo da verdadeira elegância á adaptar a moda a si, e não escravizar-se a ela (Jan.1910,p.17-18).

Porém, observo que na classificação dos tipos de vestidos para cada momento - o para festa, para reunião e para passeio -, mas não existe um vestido destinado ao trabalho, um tipo ideal para trabalhar, uma vez que as mulheres desse período ainda não estavam integradas ao mercado de trabalho, e as principais preocupações em relação ao vestuário estavam nos ambientes nos quais elas frequentavam como os citados pelo texto.

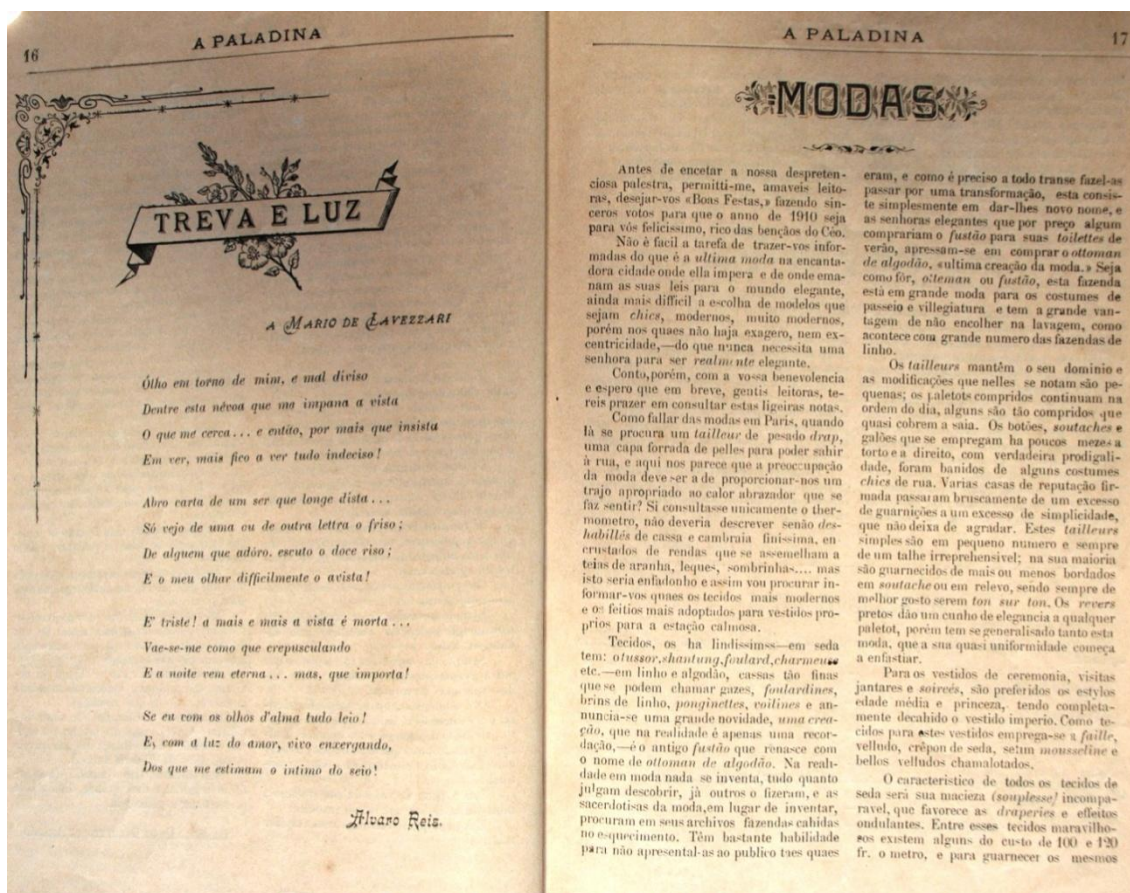


Figura 6 – Seção de moda. Fonte: A Paladina (Jan.1910, p.16-17, ano I)

A seção de carta ao leitor, nesta primeira edição, recebeu o título de novo imposto e foi assinada por uma admiradora que se dirigiu a Amélia Rodrigues

saudando-a pela criação da revista e sugeriu que fosse criado um novo imposto direcionado à caridade, no qual na compra de qualquer artigo relacionado a moda as senhoras economizassem uma quantia que no final seria revestida em roupas e vestimentas para as pessoas pobres:

O que intento propor as vossas gentis leitoras é a criação de um imposto voluntario da caridade sobre a moda [...] Cada vez que cada uma de nós durante o anno (o imposto será creado a 1º de janeiro de 1910) tiver de fazer um vestido, comprar um leque, tirará da quantia destinada a este fim uma pequena parcela [...] e a guardará num pequeno cofresinho destinado exclusivamente a recolher este imposto. No fim do semestre ou do anno, conforme nos approuver, abriremos o nosso cofresinho e com a quantia nelle encontrada compraremos algumas peças de roupa para um pobresinho recém nascido, um chalé para uma tremula velhinha, que o inverno da vida a fez tiritar no frio, um par de sapatos para uma creança, impossibilitada de frequentar a escola por falta deles[...] empregaremos enfim quantia eonomisada quase sem o sentir, em qualquer peça de vestuário para um desherdado da fortuna e em seguida cada uma que quizer manifestar o que sente, dirá que experimentou um momento de satisfação indizível” (Jan.1910, p.19).

O texto seguinte tratou de uma liga da qual faziam parte algumas das responsáveis pela revista: Amélia Rodrigues (presidente da liga), Maria Luiza Alves (vice-presidente) e Maria Elisa Aragão (1º secretária), a Liga das Senhoras Baianas. A matéria anunciou a fundação da primeira liga de senhoras católicas brasileiras na Bahia e explicou a razão de sua criação bem como os objetivos de tal grupo.

Senhoras respeitáveis de elevada sociedade bahiana formam o núcleo que vimos falando, prometendo, se não remodelar, pelo menos medicamentar os espíritos que se vão infeccionando no ambiente abafado da corrupção. [...] A grandiosa obra da a cujo o serviço se propõe a ligas das senhora catholicas bahianas, é por certo difficilima, e lhe vai querer o mais o mais dedicado esforço e a mais elevada coragem. Mas, as nobres senhoras que a compõe hão de vencer, pois vão trabalhar pela causa de Deus, e contra essa causa santíssima não haverá entaves invencíveis (Jan.1910, p.20-21).

Uma pequena nota intitulada *Hygiene Moral* (Figura 7), um termo que aparecia frequentemente nas matérias e artigos da revista, chamou a atenção pelo fato de noticiar e apoiar uma decisão do governo no Rio de Janeiro em proibir que filmes que contenham “pornografia” de serem exibidos no cinema. O texto ainda cobrou que tal medida fosse adotada também na Bahia.

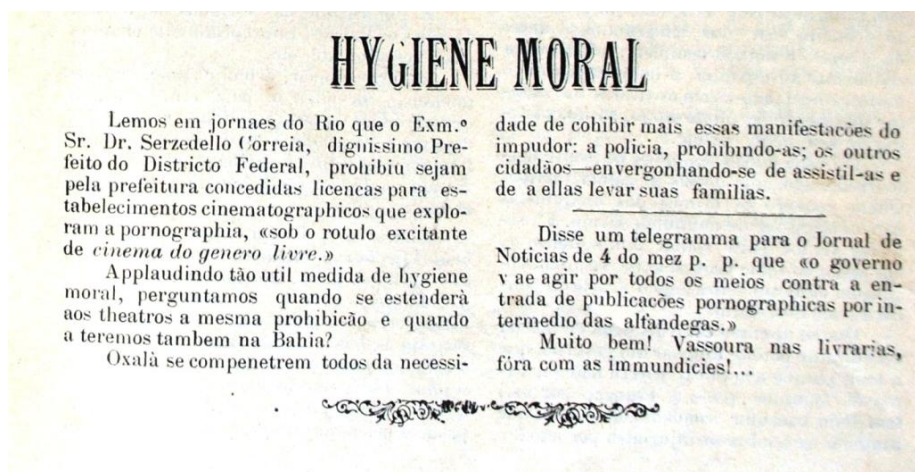


Figura 7 – Nota sobre questões morais e de comportamento.
Fonte: A Paladina (Jan.1910, p.23, ano I)

Segue o teor da nota intitulada *Hygiene Moral* (Figura 7):

Applaudindo tão útil medida de hygiene moral, perguntamos quando se estenderá aos theatros a mesma proibição e quando a teremos também na Bahia? [...] Oxalá se compenetrem todos da necessidade de cohibir mais essas manifestações do impudor: a policia, prohibindo-se de assistil-as e de a ellas levar suas familias. Muito bem, vassouras nas livrarias, fora com as immundices!...(Jan.1910, p.23).

Na seção “*Notícias e notas*”, escrita por Estevão Leão intitulado como sócio correspondente, foi apresentado um texto que foi definido como um protesto apresentado à sociedade de geografia de Rio de Janeiro. Esta por sua vez que havia apoiado ao como foi chamado no texto “anarquista Ferrer”, além de repudiar um atentado ocorrido em Barcelona. O correspondente, que era participante da sociedade, deixou evidente sua insatisfação e anunciou sua desfiliação da sociedade. “*Eu que me préso de pensar livremente, porque me sinto livre na expressão do meu pensamento—julgar-me-ei ipso facto como nãoa mais pertencente a illustre Sociedade de Geografia*” (Jan. 1910, p.25)

A última seção da revista teve como titulo “Fé” e o artigo foi escrito por Ruy Barbosa, que abordou questões religiosas, e exaltou temas como o amor à pátria e a nacionalidade, utilizando exemplos os conflitos ocorridos entre Suécia e Polônia, conflitos na Alemanha e na França, ressaltando que não existe conquista sem que se lute e derrame sangue:

Nunca houve conquista que, menos esforços, menos sangue custasse. [...] Havia, naquela nacionalidade, um reservatório de forças inesperado, a fé o abriu e ao fragor de suas catadupas as armas estrangeiras debandaram espavoridas. Felizes senhor os povos a quem no extremo desespero não retiraste essa benção (p.28).

Podemos ver que os assuntos internacionais aparecerem na revista, como uma maneira de interar e apresentar as leitoras, a cerca dos fatos, eventos e acontecimentos que ocorrem em outras partes do mundo. Essa preocupação com os temas internacionais se mostra em outros artigos e textos da revista, é um dos temas que aparece de forma recorrente ao longo das edições analisadas.

4.2 EDIÇÃO DE MARÇO DE 1910

A edição de Março de 1910 contou com 33 páginas e também apresentou na contracapa (figura 8) uma fotografia com três crianças e no topo a indicação de quem eles seriam filhos: “Filhinhos do Dr. Celso Spinola e logo abaixo da foto um poema feito com base na foto, pois descreveu um pouco a posição e os gestos das crianças. O poema foi assinado por Amélia Rodrigues. *“Na cadeirita- berço com surpresa, Ella ergue a cabecinha; Dir-se-ia uma estrellinha a apontar no horizonte. Que beleza! Mas a cordeliazinha nem sonha que é tão linda!...muito bem! Amelia e Celso a miram, graves, sérios , querendo, talvez decifrar os mysterios do ceo azul d’onde esses anjos veem. A.R.”* (Mar.1910, p.2).

O texto escrito por Amélia teve como título “*Ponto de partida*” e desenvolveu-se ao longo de 5 páginas da revista sobre os desafios enfrentados com a criação da revista, e que a mulher, representando uma figura frágil, buscava suas forças em Deus para superar e enfrentar tais desafios, como uma sociedade que passava por mudanças e transformações:

Puzemos aos hombros uma grande empreza não há duvida. Uns a comprehendem, outros não; uns a animam, outros a julgam baldada. [...] Ai de nos se a grandeza do trabalho nos assusta e se a tentação da desesperança nos afrouxa o nervo da coragem. Não!...Deus está lá, superior as nossa fraquezas feminis, desfazendo o simples sorriso o arrepio de medo que as vezes nos percorre a medula. [...] O scenario, vale dizer- o mundo physico, tem passado por varias transformações; os personagens entretanto são os mesmo de sempre, variando a penas de roupagem e adereços, isto é ideias, conforme as epochas, o meio, a cultura intellectual, o progresso resultante de seus esforços combinados (Mar.1910, p. 1-2).



Figura 8 – Contracapa da edição de Março. Fonte: *A Paladina* (1910, p.2)

Amélia ainda reforçou que o caráter religioso que a revista seguia como uma forma de manter e reforçar as tradições familiares e agir em prol da pátria e em nome de Deus:

Será este pois, o ponto de partida, a ideia mãe que deve presidir, inspirar, guiar a pugna da mulher baiana em prol de sua família e sua pátria: Deus. [...] Logo, o nome de Deus se impõe a nossa tarefa como necessidade, como apoio imprescindível, porque ele representa o que de mais elevado, de mais puro, de mais santo, de mais perfeito pode o homem imaginar para modelo e guia de suas acções (Mar.1910, p.4).

A seção seguinte trouxe a temática “A arte e a sociedade” em uma abordagem sobre a censura a alguns artistas, escritores teatrais que, no seu fazer artístico, muitas vezes passam por cima das regras morais, além de criticar também a arte que se fazia em Paris e o seu distanciamento dos valores defendidos como ideais:

Censurando os artistas em geral e os escriptores teatrais, que na sua única e constante preocupação da forma, se não lembram da desmoralização que provocam na sociedade [...] Mas a medida que essa tendência se pode desenvolver livremente, vemos também começar a decadência da arte e logo após a decadência da moralidade. Pois bem é em presença d semelhante fato que a imprensa deve usar da sua iniciativa para cumprir o seu dever. E a Ella compete zelar pelo que há de mais precioso na sociedade francesa [...] zelar essas grandes verdades morais que constituem tanto na literatura quanto na política, a chama sagrada, cujo abrigo é a alma humana e que nos sobe a intelligencia para illuminal-a e a vontade para onduzil-a e guial-a” (Mar.1910, p.9-11).

Em seguida foram publicadas algumas pequenas notas, um poema e um folhetim com título “Dodô”. Uma das notas teve o título “A’s meninas” (Figura 9) que são dois pequenos parágrafos com algumas “dicas” do que a mulher deve fazer, e como realizar suas atividades do lar, com a justificativa de que nem todas as mulheres estão aptas a exercer uma atividade fora do ambiente doméstico:

Nem todas as meninas podem aprender a cantar, a desenhar, a tocar, porém todas diz um jornal inglês aos quinze annos, devem saber: fechar as portas devagar, conservar o quarto asseado, levantar-se cedo em horas determinadas, cozinhar e fazer doces; pregar o botão cahido de um vestido, em menos de vinte quatro horas; conservar cada objeto no lugar que lhe compete; fazer alguma coisa útil durante o dia; sentar-se a mesa penteada e vestida com decência; usar sapatos limpos e nunca desabotoados ou desamarrados; falar pausado e claro de modo que todos entendam; ser agradável e obserquiadora para todos; mostra-se paciente e nunca agitada (Mar.1910, p.12).

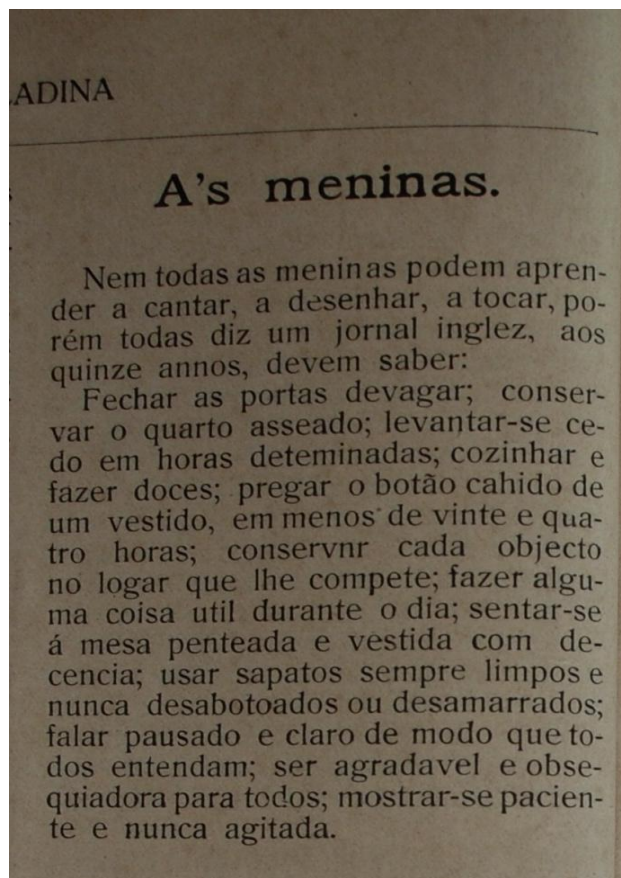


Figura 9 - Nota que fala sobre as aptidões de cada mulher
Fonte: A Paladina (Mar.1910, p.12)

Outra editoria dessa edição, que também apareceu na primeira, é a de Educação, escrita por Maria Luiza Alves. Nesta em particular foi abordada a questão da importância de um sistema de educação baseado na conservação dos deveres morais e dos papeis atribuídos a cada um dos gêneros, falou da mulher e da maternidade, dos cuidados a se adotar durante a gestação, e no pós-parto, com a amamentação e posterior a tudo isso a satisfação de gerar um ser que “se torne útil à família, a pátria e a sociedade”:

Eis, oh mais de família a tarefa que vosso que vosso destino vos poz sobre os ombros, desde que sentis os prenuncios felizes da maior gloria que podeis usufruir na terra. [...] E que gloriosa aureola cinge a fronte da mulher, mai ao aconchegar contra o seio amoroso a creancinha inconsciente, é verdade que, na própria fraqueza e ignorância, exige entretanto que seus progenitores a tornem útil á família, á pátria e a sociedade, que a tornem capaz de viver entre seus semelhantes” (Mar.1910, p.16-17).

Uma outra seção da revista é chamada de “Respingando”, considerada uma nota de redação, na qual são selecionadas notícias de alguns jornais e revistas para compor o texto. “Como mostra o seu título, está pequena secção nada tem de original- tudo é respingado em seara alheia: livros, revistas e jornais nacionais e estrangeiros”. Nesta

edição se questiona a importância da atividade doméstica, uma vez que esta necessita de conhecimentos de economia para gerir o lar de modo a economizar e fazer bom uso da renda familiar:

Parece-me que seria muito para desejar que o tomar conta da casa ou economia domestica tivesse uma base profissional. As donas de casa devem entender alguma coisa de economia domestica antes de formar o seu lar.[...] Para dirigir bem uma casa devemos nos convencer que é um assunto de magna importancia, um grave dever para a mulher e assim nos esforcemos para cumpril-o conscientemente (p.21).

Ainda neste mesmo artigo foram apresentados os direitos e deveres da mulher, além da descrição de como seria o modelo de mulher ideal:

Eis o que são nesse mundo os direitos da mulher, o direito de dar em sua alma guarida ao bem; de tornar puros os corações onde germina o mal; o direito de consolar, orar e amar; o direito de enxugar as lagrimas amargas, de dissipar apprehensoes, temores; de conceder as mãos perdão generoso e pleno, e de levar ao infeliz consolo e luz. [...] A esposa ideal é a mulher que convenceu o marido de que é a melhor mulher que existe, e continua a convence-lo disso (Mar.1910,p. 22).

Adiante encontramos no título do texto com a seguinte pergunta: “A mulher pertence ao lar?”. Esse texto traduzido para a revista foi retirado de uma conferência no congresso de católicos alemães, no qual foi exposta a realidade da Alemanha e a inserção das mulheres no mercado de trabalho devido a situação economia do país. Porém esse novo espaço que a mulher ocupava então era “aceitável” desde que respeitasse a moral e os valores sociais, e nada de aproximar do “feminismo espetaculoso” que era visto em algumas partes do mundo.

Seis milhões e meio de mulheres (a quarta parte da população feminina allemã) são forçadas por circunstancias econômicas, a procurar o sustento em empregos fora do lar. [...] Os últimos decênios crearam diversos misteres novos para a mulher, e a população feminina já tem dado provas honrosas de suas aptidões. O trabalho futuro dilatará ainda mais os limites do trabalho feminino e descortinará novos horizontes a esse sexo. E uma gloria para os movimentos femininos na Alemanha ter tido sempre em mira movimentos caridosos, Moraes e intellectionais e persistir neles até agora, não se lançando arrojadamente, nas águas turvas da política conforme se dá om o movimento feminino no canal da macha e no oceano atlântico, preservando-se assim a forma espetaculosa, das arruaças e tresloucamentos do feminismo político”(Mar.1910, p.25-27).

Nesta edição encontramos, assim como na edição do mês de Janeiro do ano em questão, a seção de moda, assinada por Dora, na qual nesta ocasião reforçou mais uma vez seu compromisso com a caridade e para seguir a linha de tal pensamento indicou às suas leitoras que, ao invés de adquirirem uma nova peça de roupa, reformem as que já possuem. *“Não devemos esquecer que a nossa chronica não é somente destinada as senhoras cuja a fortuna lhes permite seguir, sem preocupações todas as fantasias da moda, como também àquellas cujas as posses mais modestas as obrigam a uma sábia economia”*(Mar.1910, p.28).

E já no final desta edição (figura 10) há a seção “Arquivo do bem” destinada a divulgar as boas ações da liga católica das senhoras baianas, que nesta oportunidade abordou a questão da assistência à infância. E no espaço destinado a “Notícias... e notas” observa-se uma nota de agradecimento da revista aos outros periódicos que apoiaram seu lançamento: *“Muito penhorada, a redacção da Paladina envia sincero agradecimento a todas as redacções de jornaes e revistas que lhe deram benévolo acolhimento”*(Mar. 1910, p.31). E, na última página (figura 11) publicaram um tipo de anúncio publicitário, que não foi publicado na edição de Janeiro, da Escola Lyceo Salesiano, no qual oferece realizar encomendas de impressões.

De acordo com as historiadoras Martins e Lucas (2008, p.150-151), no início do século XX o discurso publicitário, peculiar às cidades modernas, articulava-se às novas demandas da vida urbana dessa época e, no que diz respeito à imprensa periódica, transformou-se numa fonte essencial de recursos. O anúncio trilhou, então, novos caminhos em relação à estrutura e linguagem, enquanto o agenciador individual cedeu lugar, no decorrer da década de 1910, às empresas especializadas, marco na profissionalização da atividade, também atestada, a partir do final do decênio seguinte, pela presença de agências norte-americanas, caso da Ayer e J. W. Thompson.

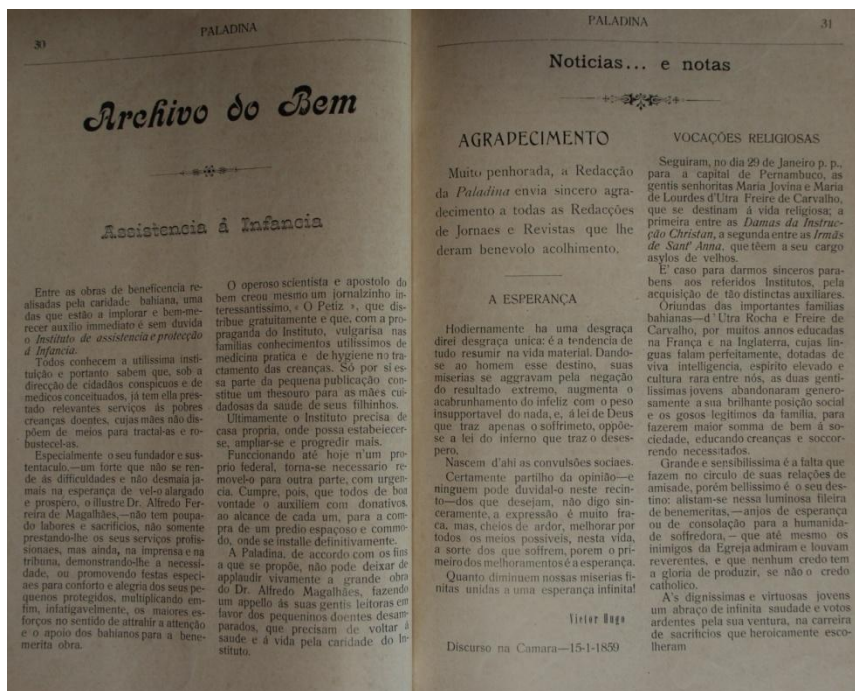


Figura 10 – Seções Archivo do Bem e Notícias e notas
Fonte: *A Paladina* (Mar.1910, p.30-31)

Lyceu Salesiano do Salvador

LARGO CONS. ALMEIDA COUTO—BAHIA

ESCOLAS PROFISSIONAES

Os Orphãos das escolas profissionaes de Typographia, Encadernação, Alfaiataria, Sapataria e Marcenaria deste estabelecimento offerecem-se para a prompta execução das presadas encomendas de seus generosos bemfeitores.

SECÇÃO PENSIONATO

Satisfeitas as exigencias didacticas e com a devida separação do orphanato, a Direcção do Lyceu Salesiano abriu um pensionato com os Cursos Primario e Commercial, para os quaes acceta alumnos internos e externos.

O ensino, de accordo com os programmas officiaes, está confiado a pessoal competente, sendo o da lingua nacional a professores brasileiros—e o das linguas estrangeiras a professores da respectiva nação.

As aulas funcionam de 10 horas ás 4 1/2 da tarde.

Estatutos nas livrarias Catilina, Koch, Queirolo e ás Armas de Paris.

Figura 11 – Publicidade sobre uma escola profissional católica.
Fonte: *A Paladina* (Mar.1910, p.33)

4.3 EDIÇÃO DE MAIO DE 1910

A edição do mês de maio (Figura 12) conta com 30 páginas no total, e como as duas edições analisadas anteriormente, também apresentou em sua contracapa a fotografia de uma criança, dessa vez um menino, Manuel Pedrosa de Souza Teixeira, cujo nome foi apresentado acima da foto, e logo abaixo um poema de Maria Luiza Alves, o qual além de tentar exprimir as sensações do menino, exaltou Deus, a pátria e o lar.



**Figura 12 – Contra capa da edição de Maio.
Fonte: A Paladina (Mai.1910, p.2)**

O texto principal da revista mais uma vez foi assinado por Amélia Rodrigues e seguiu o padrão da edição anterior, com cinco páginas ao todo. O título foi “Um homem superior”, e o texto lamentou a morte de “Dom Rua”, sacerdote da igreja, ativo nas

obras solidarias e fez uma homenagem a esse homem que, segundo o texto, teve sua morte lamentada pela imprensa no mundo todo: “É uma justiça. A memória desse homem superior impõe-se à veneração incondicional dos povos cultos, pois para a sua caridade também não havia excepção nem limites; ele não tinha outro ideal senão o do progresso por meio do bem” (Mai. 1910, p.4).

Nas páginas seguintes (figura 13) podemos observar um texto sobre a conferência da liga católica das senhoras baianas, uma das reuniões na qual os associados discutiram temas de interesse e relacionados a organização. Encontramos uma história caracterizada como uma lenda italiana, cujo título foi “Os pães de rala”, que se assemelha muito a uma passagem da bíblia, uma vez que utilizou a visão de um anjo para orientar o protagonista da história a ser solidário e fazer uma boa ação e contribuir com caridade. Ainda nessa página há um poema que tratou das estações da vida e os sentimentos provocados por cada uma delas.

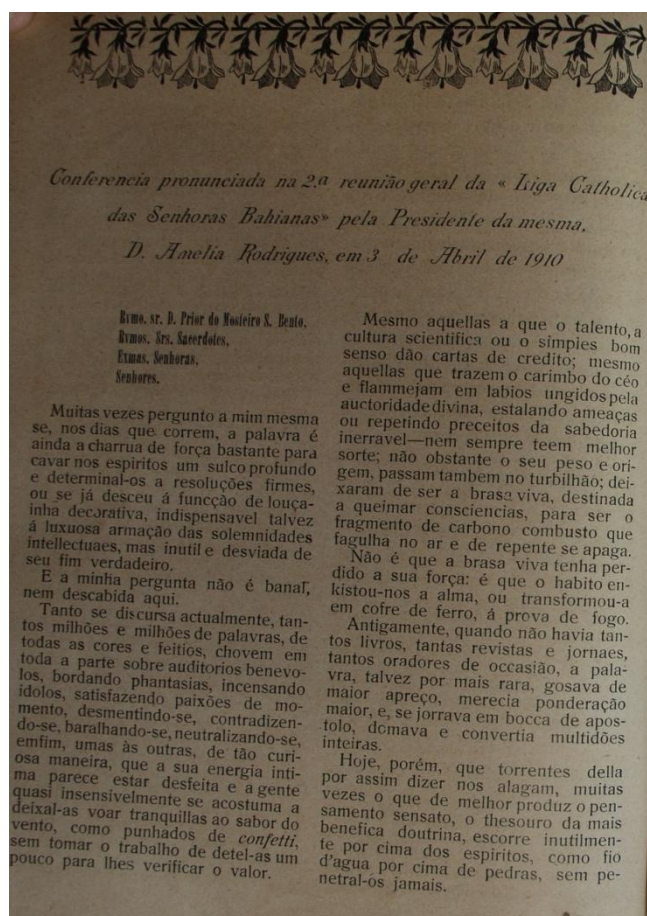


Figura 13 – Artigo da Conferência da Liga Católica das senhoras baianas.
Fonte: *A Paladina* (Mai.1910, p.8)

Em outra seção da revista encontramos um folhetim, intitulado “As conferencias do Revmo.P.Van.Eriht”, é uma história que foi traduzida e dividida em partes que foram sendo adicionadas ao longo das edições.

De acordo com Juarez Bahia (2010, p.158), o folhetim era uma narrativa de sequência periódica, dividida em partes ou capítulos. Era uma matéria literária, em especial romance ou crônica – misto de conto a conversa fiada, em que cabiam a anedota, a crítica, a intriga, a confidência, a filosofia de bolso, a história etc – em linguagem coloquial. Na imprensa de meados do século XIX, o folhetim criou tradição e novas formas de expressão, antecipando novelas de TV e filmes seriados do século XX.

O seu êxito resultou não apenas do fato de que então jornais e revistas vulgarizavam um mercado de leitura ainda inacessível para o livro, considerado artigo de luxo, mas principalmente pelo fato de que o gosto literário de crescentes parcelas da sociedade incorpora as profundas mudanças sociais em curso. Por isso mesmo é que o folhetim – cujo berço foi a França – não se limitou à sua época, mas ganhou extensão geográfica e história, alcançando meios como o teatro, o rádio, a televisão e o cinema, depois de popularizar o romance, fazer-se contemporâneo do conto e cultivar seu próprio estilo. No Brasil, o folhetim frequentou o jornalismo desde a primeira fase da imprensa (1808 a 1880), familiarizando-se com as duas fases do romantismo anteriores a 1930. (BAHIA, 2010, p.158-159).

Observa-se, portanto, que a revista baiana *A Paladina do Lar* seguia a tendência da imprensa brasileira e internacional da época ao abrir suas páginas também para o folhetim.

A seção seguinte a essa foi a “Palestras musicais”, escrita por Maria Elisa Valente, que ocupou três páginas da revista. Essa seção, também publicada na primeira edição da revista, desta vez trouxe como músico clássico de destaque Mozart revelando o estilo musical do artista e caracterizando-o, fazendo um breve histórico de sua vida, pontuando suas qualidades e ressaltando o aspecto religioso que estava presente na vida dele e concluindo que o músico se tornou uma pessoa de sucesso devido ao ambiente familiar e a educação religiosa:

Mozart pode figurar como um exemplo entre os muitos que se nos oferecem todos os dias. Educação numa atmosfera verdadeiramente cristã que lhe impregnava na alma a seiva dos nobres sentimentos, constitue uma prova bem frisante do valor indiscutível da educação no lar (Mai.1910, p.17).

Observamos também alguns poemas e um texto desta edição da revista que fazem menção e homenagem a mãe de Jesus, que podem se relacionar com o fato de Maio ser o mês em que se comemora o Dia das mães. Na página seguinte um conto árabe foi apresentado com o título “Tilly” e uma seção de perguntas curiosas, na qual as perguntas eram relacionadas a personalidades femininas de destaque na sociedade. “*Qual foi a mulher célebre na pedagogia que mandou gravar, em seus livros, uma vinheta representando uma lampada acesa, com essas palavras embaixo: consumo avida para allumiar?*” (Mai.1910, p.21).

As seções seguintes foram “O credo e a ciência”, “Educação”, “Respingando” e “notas e notícias”. A editoria sobre ciência trouxe um artigo que discutiu e tentou explicar a questão das frases utilizadas e repetidas nas orações religiosas e o seu poder de tranquilizar, acalmar as pessoas, como também a origem das forças da natureza e mistérios existentes em relação ao mundo terreno. “*Em todos os campos e manifestações do espírito humano da nossa época, na sciencia, na literatura, na poesia, na arte, ouvem-se estes gemidos angustiados, estas tortura da ignorância e da dúvida*” (Mai.1910, p.23). A ignorância e a angústia mencionadas no texto significam, na ideia defendida, a falta de fé em Deus e o desconhecimento de seus ensinamentos.

A seção de educação desta edição abordou o cuidado que as mulheres deviam ter com o corpo, e, para isso, elas deviam praticar ginástica, uma atividade que ao longo dos anos e séculos foi responsável por auxiliar no desenvolvimento humano, bem como representa, sobretudo uma forma de cuidar da saúde:

Na primitiva idade, o homem, obrigado a disputar a fera o alimento, o abrigo e o vestido, agitava-se e assim e assim fazia inconscientemente o primeiro exercício gymnastio. [...] Pode a gymnastica apresentar dois objectivos: educativo e therapeutico, e quanto ao meio que em que é exercida, impõe variedade nos processos conforme o clima, a idade, o temperamento, o sexo, a idiosynrasia (Mai.1910, p.28).

A coluna “Respingando” nesta edição trouxe a explicação do significado de uma palavra que, segundo o texto, representava um “demônio familiar”, a palavra “dizem” que a depender do contexto em que é usada pode vir a refletir negativamente na

reputação de uma pessoa, uma vez que o termo, como cita o artigo, é uma palavra poderosa de quem transmite fofoca e interfere na manutenção da harmonia familiar.

Tão poderosa que justifica a maledicência, autorisa a calunia, tranquiliza as consciências mais timoratas, faz circular, sem que ninguém lhes possa tolher o passo, boatos que destroem a reputações e preparam a ruína e a infelicidade das famílias [...] Dizem serve de mascara a um espectro da especie daquelles phantasmas dos tempos idos que vinham, durante a noute, perturbar o somno e sugar o sangue dos infelizes escolhidos para as suas victimas (Mai.1910, p.29).

A parte que fechou essa edição da revista foi a “Notícias...e notas”, na qual a revista parabenizou o então diretor geral dos correios por ter atendido e apoiado uma solicitação da proibição de revistas e jornais com cunho pornográfico, como também pediu a colaboração de alguns membros da igreja católica para ajudarem na divulgação da revista.

Tendo a redacção da Paladina enviamos circulars aos Exmos.Revmos.Snrs.Bispos das Diocezes do Brazil rogando-lhes a valiosa coadjuvação na propaganda dessa revista conta a subida honra de ter recebido de vários Prelados cartas de Adhesão e apoio pelo que, penhoradissima, agradece. (Mai.1910, p.30)

4.4 EDIÇÃO DE JULHO DE 1910

A edição do mês de Julho, assim como a anterior, também teve 30 páginas, e semelhante a todas as outras edições apresenta na contracapa a foto de uma criança (figura 14), com a indicação do nome de seu pai, seu nome e um poema escrito por Maria Luiza Alves, representativo das características da criança. “*E graciosa como a luz serena prenuniando o majestoso sol, gorgeia sempre como um rolxinol, trazendo a essa casa de alegria plena [...] Deus guarde e ampare a nossa eduarlinda*” (Jul.1910, p.2).

Amélia ainda fez uma crítica à religião do candomblé, afirmando que esta representa uma “religião imoral”, prejudicando assim a população, além de representar uma maneira de cultivar o mal:

A principal maneira de cultival-a entre nós era antigamente o candoblé africano. Com a lenda da extinção da raça negra, vão rareando as praticas fetichistas, que se substituem pelo espiritismo igualmente imoral, porém existem aqui ainda diversos antros, onde Paes e mães de terreiro, nojentos e grotescos, engasopam um bom número de tolos e preparam drogas para uma clientela

assídua, entre a qual não raros brilham cavalheiros e damas da sociedade(!)
(Jul.1910, p.4).



Figura 14- Contracapa da edição de Julho. Fonte: A Paladina (Jul.1910, p.2)

Amélia acrescentou que a religião do candomblé é fruto dos africanos quando de sua vinda para o Brasil, e que é aceitável seguirem seus costumes religiosos, mas ela se posicionou abominando, considerando como comportamento impróprio que as pessoas “esclarecidas e menos mal educadas” partilhem de tais crenças e participem de tais cultos religiosos:

Que os pobres e boçaes filhos da áfrica prossigam no seu culto primitivo e rude, que nele envolvam as ligeiras noções de christianismo recebidas aqui, formando assim um todo religioso heterogenio, absurdo e disparatado; que em seus ritos de dilecção pelos gêmeos e pela trovoada mettam os grandes santos, martyres Cosme, Damião e Barbara, comprehende-se, porém que gente mais esclarecida e menos mal educada do que elles se resolva acompanhal-os em tal mistifório, não se pode realmente comprehender nem tolerar (Jul.1910, p.5).

Neste texto foi citado com indignação também o fato do candomblé ter atraído certo tipo de publicidade, na parte de anúncios de jornais e revistas de grande circulação

no país. “*Só o jornal do Brasil em cada número vinte e tantos anúncios de cartomantes, sonâmbulas, espiritistas, nigromantes, occulistas, videntes, telephatistas e prophetisas e toda a súcia de intrujonas e intrujões empalmadores do dinheiro dos nescios*”. E finalizou com uma orientação de fortalecimento na crença católica, bem como demonstrou a postura da revista contra as religiões como candomblé e espiritismo e descartou qualquer tipo de publicação na revista em apoio ou propagação dessas religiões:

Debalde, não sabem, não saberão nada jamais, e são apenas joguetes do grande mágico da mentira, que lhes troca os brilhos da visão de Deus pela sua própria treva [...] Os verdadeiros catholocos, obedientes a igreja que os instrui e dirige, é quem nunca vão interrogar satanáas e nada tem a tratar com feiticeiros, nem com sybillas, nem com sábio de fancaria (Jul.1910, p.7).

Nas seções seguintes (Figura 15) podemos observar uma coluna dedicada a data comemorativa do 2 de Julho, a conferencia da liga católica das senhoras baianas, que sempre se faz presente nas edições, como também um conto intitulado “Criada negligente”. Adiante temos a seção que trouxe o seguinte título: “A literatura insalubre”, no qual mais uma vez o tema do combate à pornografia entrou em discussão, desta vez no que dizia respeito a publicações de livros que trazem o tema em suas páginas:

Se quizermos tomar nota do que esta exposto a venda, verificaremos, com profunda tristeza, que quase tudo ou pouco mais ou menos é infecto. Titulos immoralmente suggestivos, capas sugestivamente decotadas; salvo duas ou três excepções, não acharemos um livro que se possa, já não digo dar a ler as filhas de família, mas, ler honestamente(Jul.1910, p.13).

Na página seguinte uma fotografia (Figura 16) que a preenche por completo se tornou destaque, uma vez que foi uma das primeiras edições que apresentou uma segunda foto, nas edições anteriores só foram utilizadas as fotos na contracapa da revista, aquelas fotografias de crianças. Esta edição, ao contrário, foi inserida uma fotografia de um monumento localizado na cidade de Salvador, e como a legenda informa foi construído em 2 de Julho de 1823, em homenagem a retirada das forças portuguesas da Bahia.

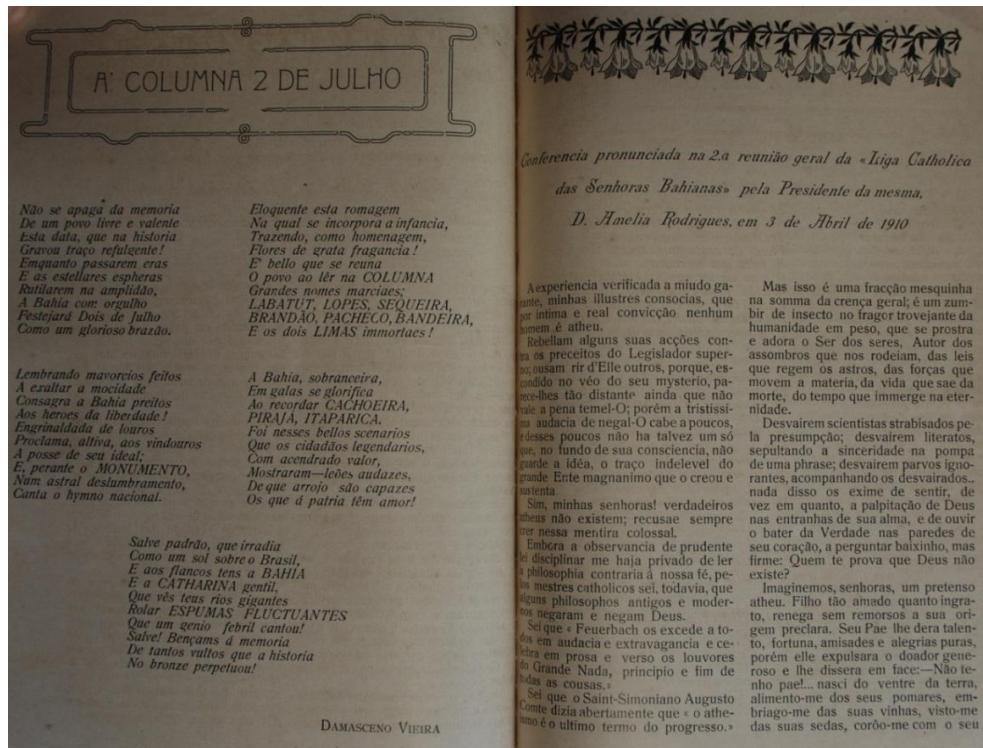


Figura 15 – Coluna 2 de Julho e artigo sobre a Conferência da Liga católica das senhoras baianas. Fonte: *A Paladina* (Jul.1910, p.8-9)

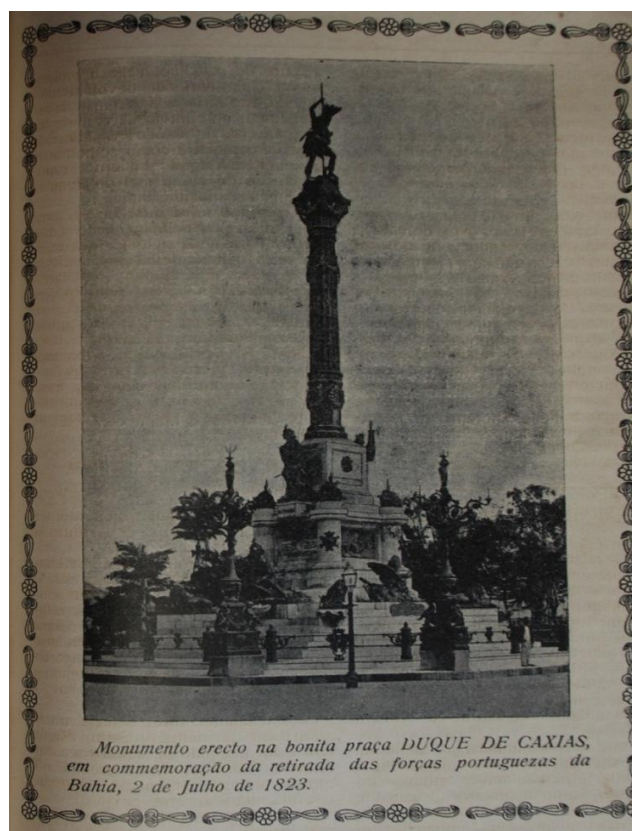


Figura 16 – Fotografia de um monumento na cidade de Salvador em comemoração ao 2 de Julho. Fonte: *A Paladina* (Jul.1910, p.15)

Mais a frente podemos encontrar um poema com o título “Férias”, escrito por Maria Luiza Alves, dois contos, um com o título “O leproso” escrito por Amélia Rodrigues e outro “A palmeira”, no qual o escritor não foi identificado. Vemos também mais um capítulo do folhetim, classificada como “comédia humana”, com o título “As conferencias do Revmo.P.Van Trich”, além na nota “O que dizem de nós”, na qual uma personalidade da igreja parabenizava as redatoras pelo trabalho realizado com *A Paladina*.

Os nomes das suas redctoras muito se recommendam, pois já são bastante conhecidas no mundo das letras, O fim a que se destina, muito merece os nosso encômios e terei grande prazer em trabalhar pela difusão de tão optima revista. Peço a Deus abundantes bençams para suas directoras, bençams que sejam um estímulo para continuarem com coragem nessa batalha santa do bem” (Jul.1910, p.16).

Em seguida o artigo “O theatro e a pornographia”, assinado por Cornelia, reproduziu uma crítica de um jornal ao teatro francês da época, descrevendo-o como imoral, pornográfico e sem originalidade, e como este era um produto consumido pelos brasileiros poderia influenciar o comportamento das famílias.

[...] o snr. L'Echatier afirma ter o teatro Francez, na actualidade, perdido todos os caracteres do classicismo [...] a pornografia n'elle se faz concurrencia com a imbecilidade, substituindo, pelas exhibições suggestivas, os actos immoraes , gracejos inconvenientes, enfim toda a personalidade e originalidade. [...] A França moderna deschristianizada, não póde, na grande maioria dos casos, produzir senão obras favoráveis a dissolução dos costumes e e a desorganização da família (Jul.1910, p.23).

Nesta edição a seção “Respingando” tratou do tema “Conselhos a uma recém-casada” na qual foram apresentadas orientações de como uma mulher devia se comportar e o que fazer, os cuidados que devia adotar na casa e com sua família:

Tende o maior cuidado em manter a ordem mais escrupulosa nos negocios de vossa casa. Deveis verificar vos mesma o emprego das quantias que vos passarem pelas mãos e escrever cuidadosamente todas vossas despesas, para poderdes sempre dellas prestar conta ao vosso marido, si elle o desejar [...] Sêde providencia activa do vosso lar pela vossa previdência: é uma das mais importantes qualidades de uma dona de casa (Jul.1910, p.25).

Em seguida tempos a seção fixa da revista “Educação”, nesta edição ainda abordando sobre a pratica de atividades físicas, um pouco sobre alguns esportes como salto, natação e dança, e ao mesmo tempo tratou da questão do uso do espartilhos e seus riscos a saúde, citando tal cinta como um acessório na busca por um ideal de beleza, que ao mesmo tempo representa um objeto fútil, como também componente da harmonia e da graciosidade da mulher:

O espartilho, diz esse grande educador, pode ser usado com moderação, de outro modo ocasiona diferentes enfermidades, atacando orgams essencialissimos. A violenta compressão do corpo produz syncops, hemorragias, congestões e, as vezes, ate a morte. A preocupação de fazer cintura delgada, é uma preocupação tola e frívola da vaidade mal educada. O ideal de belleza não exclue a harmonia da elegância com a vitalidade e a força (Jul.1910, p.28).

Nas últimas duas páginas da revista foi publicada a coluna “Noticias e notas”, que relatou o ataque a um colégio da Espanha, no qual foram presos, diretos, professores e foram apreendidas fórmulas para a fabricação de bombas. O texto reflete sobre o surgimento das “escolas modernas” frente as tradicionais escolas católicas:

Eis aí o resultado das theorias novas e das escolas modernas, onde se ensinam a revolução e o crime, o preparo de bombas é o meio de destruir populações inteiras. Em quanto as escolas catholica repetem aos seus alumnos: Não mataras! Não furtaras!, aquelas rugem aos seus, Mata! Arrasa! Pulveriza tudo! Toma o que pertence aos outros!” (Jul.1910, p.29).

E na última página foi apresentado parte de uma peça, que é uma comédia em dois atos, chamada “Má cabeça e bom coração”.

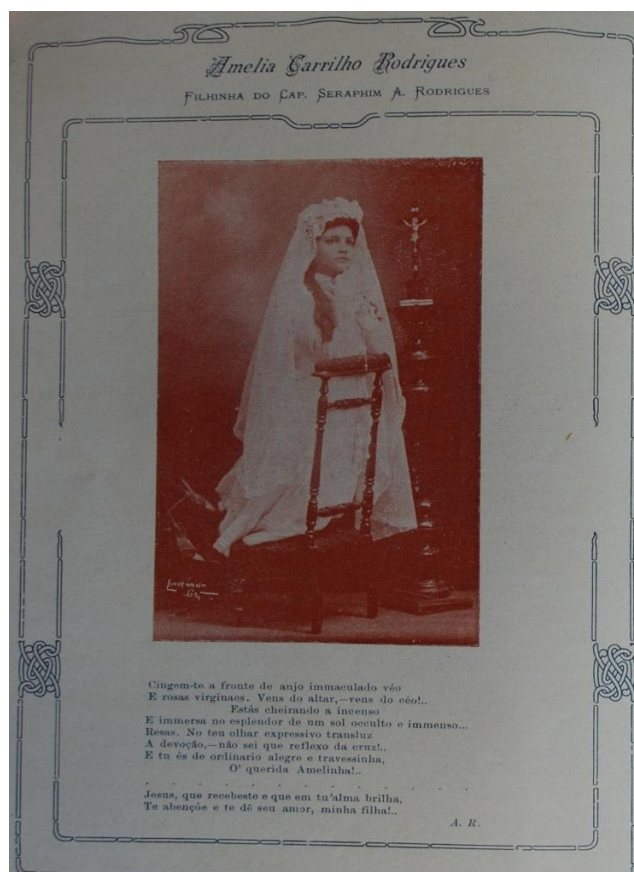
4.5 EDIÇÃO DE SETEMBRO DE 1910

A edição do mês de Setembro, como a anteriormente citada, também teve 30 páginas. Na contracapa mais uma vez se pode observar a foto de uma criança (figura 17), prostrada em um banco de joelhos, orando, carregando um terço nas mãos e com a imagem da cruz ao fundo. Como nas outras edições segue o padrão de acima da fotografia ter o nome da criança e logo em seguida o nome do pai, e abaixo um poema.

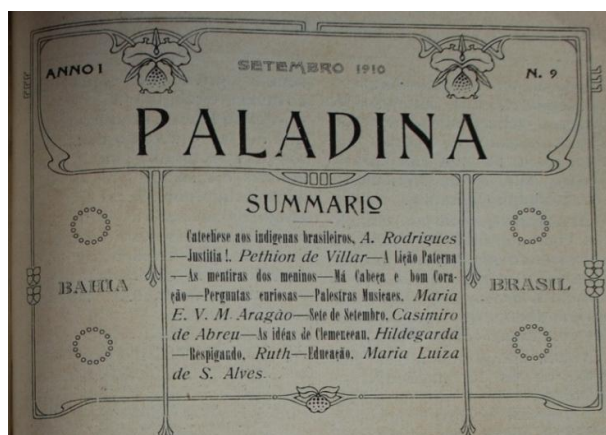
Esta edição apresentou uma novidade: um sumário indicando as principais seções da revista (figura 18), com o nome de quem as escrevia. O texto inicial foi um pouco mais longo do que os demais ocupou seis páginas, e tratou da catequese aos

indígenas brasileiros, e a importância de tal iniciativa para a disseminação da fé católica.

Eis ahi um assumpto que está me tentando agora irresistivelmente a pena. [...] Em modesto livrinho que anda pelas escolas, levemente toquei na grande questão lastimando que os governos passados nunca se houvessem preocupado com os primitivos donos da terra brasileira senão para mandal-os enxotar a balas, quando insurgidos atacavam fazendas e povoações (Set.1910, p.3).



**Figura 17 –Contracapa da edição de Setembro.
Fonte: A Paladina (Set.1910, p.2)**



**Figura 18 – Sumário da edição de Setembro. Fonte: A Paladina
(Set.1910,p.3).**

Amélia Rodrigues acrescentou ainda a contribuição do catolicismo para o desenvolvimento da sociedade como um todo:

Nenhuma religião, como o christianismo, teve em si a força incoercível da expansão e do proselytismo. Porque? Naturalmente só o chistianismo existe a fé sobrenatural, dom de Deus, convicção inteira, esclarecida, profunda, que faz affrontar o martyrio, as humilhações, a morte, os desastres e as derrotas, na certeza de que o seu triumpho não é neste mundo, mas na pátria eterna (Set.1910, p.5).

As seções seguintes foram: uma de versos, como o nome “Ode”, e outras duas, com um conto chamado “Lição paterna”; e a outra seção foi uma palestra ministrada por um padre, com o título “As mentiras dos meninos”. Em seguida, houve a continuação de uma comédia em dois atos, “Má cabeça e bom coração” e seção “Palestras musicais”, na qual, nesta edição, o tema do artigo foi sobre mais um artista da música clássica: Bach.

Mais adiante, a revista trouxe um poema em homenagem ao sete de setembro, escrito por Casemiro de Abreu, mais uma vez a publicação incluiu as festividades como pauta de sua edição. A seção “As ideias de clemenceau” ressaltou a importância da religião católica para a manutenção e ordem social:

Somente o christianismo que dá coragem ao povo para supportar as amarguras da vida e lhe accende, no cérebro e no coração, a chamma confortadora da fé, somente o christianismo, na sua expressão mais perfeita, que é o Catholicismo, é capaz de pacificar a refrega social e contribuir para a perfectibilidade dos povos (Set.1910, p.26).

Em seguida veio a coluna Respingando, que nesta edição trouxe um artigo chamado “Anjos do lar” e como subtítulo “indulgencias”. O texto tratou das influências que o progresso acarreta na vida do homem, e vice-versa, como as atitudes humanas interferem no andamento da sociedade: “*O progresso ou a decadência de uma nação atinge seu bem estar, sua reputação e ate seu valor próprio, o homem que menos nisto cogita. Por sua vez, cada homem, por sua acção pessoal, exerce sobre o conjuncto uma influencia innegavel*” (Set.1910, p.28).

A última seção desta edição foi a de “Educação”, que trouxe o tema do estudo dos sons e seus aspectos como: vibrações, amplitude, timbre e harmonia. Além de destacar a importância dos sentidos humanos, como visão, olfato, audição como ferramentas importantes na percepção musical.

Vale ainda ressaltar uma pequena nota chamada “O que dizem de nós”, na qual um bispo da igreja católica parabenizou a iniciativa de *A paladina* e o trabalho de suas redatoras, bem como ofereceu o apoio a esta entidade e afirmou a promessa de fazer com que os fiéis acolhessem esse novo periódico:

Escreve o Exmo.Sr. Bispo de Campinas: Aqui recebo os números 2 e 3 da Paladina interessante e útil revista que, sob a direção de V.V.EX.ª, acaba de surgir à luz da publicidade nessa Capital. Terei muito prazer em que V.V.EX.ª encontrem da parte de meus diocesanos franco acolhimento” (Set.1910, p.28).

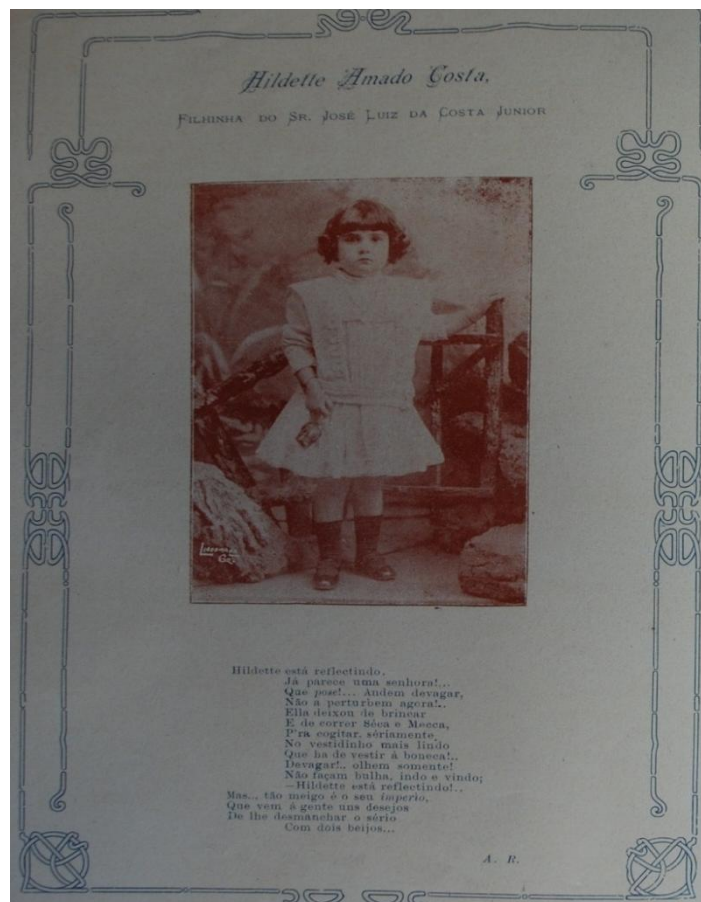
4.6 EDIÇÃO DE NOVEMBRO DE 1910

A edição de Novembro, dentre as analisadas, foi a edição que contou com mais páginas, 34 no total. Esta, por sua vez, teve em sua contracapa, como as outras edições, a fotografia de uma criança (figura 19) e um poema, escrito por Amélia Rodrigues, logo abaixo da imagem, que descreveu e se referiu à criança da fotografia, já na parte superior, o nome da criança e sua filiação.

Hildete esta reflectindo, já parece uma senhora! Que pose! Andem devagar, não a perturbem agora, ela deixou de brincar, e de correr Séca e Mecca, pra cogitar seriamente, no vestidinho mais lindo, que há de vestir a boneca! Devagar!..olhem somente!Não façam bulha indo e vindo. Hildete esta reflectindo! Mas tão meigo é seu império, que vem a gente uns desejos de lhe desmanchar a sério com dois beijos (Nov.1910, p.2).

O texto que abre esta edição teve a discussão de um tema recorrente nas publicações da revista: a pornografia, ou como remete o título, o “*Combate á pornographia*”. Nele, Amélia Rodrigues deixou claro o seu apoio, e o apoio de grande parte da imprensa fluminense, frente à uma ação de um diretor de uma das revistas fluminenses contra a imoralidade, em defesa, de como a redatora afirmou, da honra e da moral:

Para a honra porem dos nossos creditos de povo honesto e moralizado, a maioria, ou melhor, a quase totalidade da imprensa da imprensa fluminense, defendeu brilhantemente o acto do digníssimo director geral, acto que o juiz federal da 1º vara, pretendeu nulificar, setenciando a favor dos pornográficos (Nov.1910, p.3).



**Figura 19 – Contra capa da edição de Novembro.
Fonte: *A Paladina* (Nov.1910, p. 2)**

Amélia complementou afirmando que reintera tudo o que já afirmou sobre a sua posição contra a pornografia e destacou que tal situação liberada pelo Juiz federal só apontou a importância que as senhoras baianas devem adotar dentro de sua família, principalmente seus filhos não tenham acesso a tal conteúdo:

Tudo já foi dito a respeito dessa importante questão e nada me restaria a acrescentar aos ponderados e inatacáveis argumentos da imprensa carioca só, se não fora a necessidade de chamar sempre a atenção das queridas senhoras baianas para a grande tarefa de velar pelos seus filhos, afim de que não se contaminem com as leituras perversas de certas revistas e jornais sem escrúpulos (Nov.1910, p.3).

A redatora ainda condenou a pornografia e o classificou como um mal que vem se alastrando na sociedade e alertou para a necessidade de se evitar que esse “mal” cresça e acarrete consequências como a desvalorização dos costumes e da religião, o que, segundo ela, prejudicaria a vida social como um todo.

A pornographia é um cranco – já parece ocioso dizel-o, a comer sorrateiro a alma dos moços irreligiosos ou simplesmente incaltos [...] Pelo menos a necessidade de prevenir os males oriundos da desmoralização dos costumes que reflectem nos differentes actos da vida social- prejudicando sérios interesses da ordem material desde que produzem moléstias, ocasionando a morte, - parece-me razão bastante para que se movimentem os brasileiros sensatos numa campanha decidida e intransigente contra a pornographia e os pornographos (Nov, 1910, p.4-5).

A seguir foi publicado um poema escrito por João de Lemos intitulado “A melhor colheita” e mais uma publicação da conferência da Liga das Senhoras Baianas, que ocupou quatro páginas da revista, e dessa vez foi realizada por Amélia Rodrigues, presidente da Liga, a qual comemorou o primeiro ano de sua fundação e falou das dificuldades enfrentadas até então: *“Um anno que instalamos aqui, esta obra social feminina. Como todas as obras catholicas ella nasceu pequena e grande: pequena em seus elementos e resumidos e fracos; grande, em seu ideal extra-mundo, em suas aspirações arrojadas, em sua esperança de voo sem limites pelas plagas doiradas do bem” (Nov, 1910, p.8).*

A seção seguinte trouxe um pequeno artigo intitulado “A Jovem captiva”, que abordou a saída de famílias alemãs para a América do Norte e um conto “As ideias de Clemenceau” o qual também sobre a questão dos “recém-chegados” de diversos estados para a América do Norte e para a Europa. Mais à frente, teve a seção “Palestras musicais”, escrita por Maria Elisa, a qual trouxe no seu texto mais uma personalidade da música clássica, dessa vez o músico Bach, contou um pouco da sua vida pessoal e de sua trajetória na música.

Adiante foi publicada uma nota interessante com o título “O decálogo do jornalista inglez”, na qual foram listadas dez regras tiradas de um livro, que de acordo com o texto havia sido publicado recentemente na imprensa britânica, nas quais estabeleciam a forma como um jornalista devia se portar e as regras ele devia obedecer ao escrever uma reportagem. São elas:

1. *Jamais perder de vista a lei sobre a diffamação;*
2. *Antes diminuir do que exagerar nos factos;*
3. *Ser activo e emprehendedor, porém reigeitar tudo quanto pode ser sensational, evitar as fhrases brutais e os pormenores não necessários, de natureza delicada;*
4. *Os títulos dos artigos sejam absolutamente imparciais;*

5. *As notícias jamais daram a conhecer o partido político do jornal. Narrar os factos taes quaes se-deram.*

6. *Ser escrupulosamente objectivo e justo á respeito dos adversários.*

7. *O grande dever de um repórter é a verdade. O grande dever de um redactor chefe é a prudência. O grande dever de um jornal é ter character, e isso depende de sua verdade e prudência.*

8. *Ser generoso em louvar, ser Cortez e discreto e em reprehender. Lembrar-se que o jornal não deve ganhar inimigo e sim amigos.*

9. *Primar em escrever com muita exactidão os nomes próprios. Os indivíduos offendem-se ao verem seus nomes mal orthographados, parecendo assim desconhecidos ou de pouca importancia.*

10. *Nunca fiar-se a um dizem. Pensar em provas. Verificar o que se escreve. Rever tudo, rever sempre” (Nov, 1910, p.19).*

O artigo seguinte se chamou “*Urgente Apello*”, assinado por Judith, no qual ela relatou sobre o contexto vivido e criticou alguns posicionamentos com a perda de fiéis por parte da igreja católica e sinalizou que a solução para tal situação estava situada em três aspectos: a palavra, a associação e a imprensa. “*Eis as três armas de combate, incontestável mais possante no momento actual, em que a lucta entre as boas e más doutrinas se trava com forças desiguaes, preponderando a propaganda contrária-verdadeira, onda demolidora dos bons princípios e que só tem a mira deschristianisar o povo*” (Nov. 1910, p.20).

No texto citou o fato de que alguns fiéis ainda continuam seguindo a fé católica, porém evidenciava que com o aperfeiçoamento e modernização da imprensa surgiu o que chamou de “*imprensa anticatólica*”, ou seja, periódicos que não colocam a fé católica como o centro de suas preocupações:

Apenas um limitado numero se decide a permanecer de pé por entre as refregas do vendaval, sustentando sem desfallecer, a ardente batalha no dia a dia se torna mais renhida. [...] A medida que progride o aperfeiçoamento das machinas impressoras, vae augmentando também seu abuso; dos centro editoriaes mais importantes brotam, com ímpeto de cataracta, dilúvios de tinta venenosa (Nov.1910. p.20).

A autora afirmou que os novos jornais, o surgimento da nova forma de se fazer imprensa estariam sendo os responsáveis por corromper e influenciar os valores do povo católico.

Ah! a imprensa! Ainda não comprehende seu alcance. Nem os seculares nem o clero, della se ocupam como devem. Ouve-se às vezes dizes a homens já de idade, que a imprensa é uma invenção nova e que também se podem dirigir as almas sem se ocupar

muito com os jornaes. Sim; nos tempos passados, era isso possível, mas devemos esquecer que antigamente não estava tão disseminada a má imprensa e portanto o equilíbrio entre esta e a boa imprensa não era então uma necessidade tão absoluta como hoje Não basta, pois, ver como era outrora mas devmos agir como exigem os tempos modernos.E um facto que o povo christão está sendo hoje em dia enganado e corrompido pelos maus jornaes (Nov,1910, p.20).

A reflexão da redatora sobre a imprensa remete às mudanças pelas quais o jornalismo passava no início do século XX. Marialva Barbosa (2013, p.194) registra que “o alvorecer do século viu surgir uma das mais importantes transformações nas práticas e processos comunicacionais com o desenvolvimento do que poderíamos chamar de imprensa de grande tiragem” (BARBOSA, 2013, p.194).

A modernização era a palavra de ordem em um país que queria ingressar no tempo do progresso e esse processo fez surgir, na capital da República, o Rio de Janeiro, jornais diários que se popularizaram sob o ritmo das transformações nos modos de comunicação. “Jornais baratos, repletos de ilustrações, entremeando a informação e a diversão, publicando marchinhas e músicas de carnaval, palpites de jogo do bicho, entre outras estratégias para chegar próximo ao público que gradualmente se torna leitor” (BARBOSA, 2013, p.194).

A lenta e gradual mudança no processo de produção dos jornais é marcante, segundo Barbosa (2013, p.195), sobretudo nos grandes centros urbanos, e segue caminho mais ou menos uniforme até o início dos anos 20 do século XX.

Após o texto de crítica à imprensa, a revista *A Paladina* de novembro de 1910 trouxe a seção “Respingando”, com o título “*Anjos do lar*”, na qual exaltou a qualidade da gratidão no convívio diário e a tratou como uma atitude necessária para fortalecer a instituição família. “*A gratidão atrae novos benefcios e esta suave permuta dos thesouros de dous corações os enternece, faz nele brotar sentimentos delicadíssimos, afasta as pequenas antipathias, as desconfianças injustas, as mesquinhas rivalidades que são, para as famílias,o que os espinhos são para as rosas*” (Nov.1910, p.23).

A seção seguinte foi a de educação, escrita por Maria Elisa, que nesta edição falou um pouco sobre as camadas da pele, como a derme, epiderme, destacando quais as

partes mais sensíveis do corpo. Logo abaixo desse artigo veio uma nota, “*O que dizem de nós*”, na qual mais uma personalidade da igreja parabenizou o trabalho realizado pela revista e declarou seu apoio a ela:

Escreve-nos o Exmº Sr.Bispo de Nicteroy: Tive o prazer de receber ha dias os números de A Paladina e ante-ontem a carta com que V.V.Ex.ª se designaram me honrar. O fim da mencionada revista é de extraordinária utilidade para a gloria da Egreja e felicidade da nossa Pátria pelo que não duvido empenhar meus humildes serviços em favor da sua prosperidade (Nov. 1910, p.25).

A seguir veio a seção destinada à Liga católicas das senhoras baianas, que nesta edição trouxe um relatório lido em uma de suas reuniões, bem como tratou também da sessão solene de inauguração da liga, reafirmando seu compromisso em defender a fé e os valores católicos: “*Luctar é preciso, em quando estivermos calcando o orbe terráqueo, emquanto a vida nos animar o organismo, corrompido desde a origem, porque o mal transformasse, porém subexistirá para triumpho da virtude e premio dos vencedores*”(Nov.1910, p. 27).

As últimas páginas dessa edição foram compostas por de uma comédia em dois atos com o título “O ascendente e a virtude” e a seção notícias e notas, que trouxe três pequenas notas: uma sobre o testemunho de um protestante sobre o poder da igreja católica; outra na qual foram solicitadas doações de livros para uma Biblioteca na cidade de Salvador; e a terceira que destacou a criação de uma liga destinada aos jovens católicos como uma forma de manter o cumprimento dos deveres com a religião com a família e com a pátria.

O fim desta instituição é proporcionar aos sócios um auxilio moral na luta diária da vida, offerecendo-lhes diversões lícitas que, distrahindo-lhes a mente das constantes preocupações, os torne mais dispostos ao estricto cumprimento dos deveres com a família, a pátria e a religião [...] tão própria para encaminhar os moços à pratica do bem e da virtude (Nov.1910, p.30).

4.7 ANALISANDO A PALADINA

A revista *A Paladina* foi um periódico extenso, que em geral tinha de 30 a 35 páginas. Era uma revista composta por poucas fotografias, geralmente apresentava apenas uma na contra capa de cada edição. Nas seis edições analisadas, apenas em uma

edição, a de Julho, apareceu mais de uma fotografia. A segunda fotografia, no caso, foi publicada como uma forma de celebrar uma data comemorativa importante na Bahia, o Dois de julho, que marcou a independência da Bahia. As outras fotografias que compõem as outras edições, uma em cada edição, foram todas de crianças, na qual ora estavam sozinhas, ora estavam acompanhadas de irmão, brinquedos ou de símbolos que representavam a igreja católica, mas na maioria das fotos se apresentavam fazendo pose e com semblante sério.

Os poemas também fizeram parte dessa página destinada às crianças. Eles destacavam aspectos físicos ou características na personalidade das crianças, e foram escritos por Amélia Rodrigues, que assinou em todos eles apenas com as iniciais do seu nome: A.R. Outro ponto destacado nessa parte é o fato de aparecer próximo a fotografia os nomes da criança e o do pai, o nome da mãe não aparece em nenhuma delas. Esse aspecto ocorre pelo fato dos homens nesse período representarem papéis de destaque na sociedade, e serem conhecidos por seus nomes, pois muitos deles ocupavam também posições importantes dentro da sociedade dos anos de 1910. Além de ser a marca de uma sociedade patriarcal, na qual o homem representava figura importante e de destaque, sob o comando da família.

As seções da revista foram nas seis edições deste primeiro ano de circulação escritos por Amélia Rodrigues, a qual sempre trouxe à tona algum tema que considerava importante discutir, por estar circulando pela cidade de Salvador, pelo Brasil ou até mesmo pelo mundo. Esse texto inicial era geralmente extenso, apresentando cinco páginas em todas as seis edições analisadas. Trouxe temas como o cenário de mudança e transformações enfrentado pela população, bem como pelos católicos, críticas a postura dos governantes, relatou alguns problemas vivenciados no contexto do período na cidade de Salvador, relacionados à falta de saneamento, bem como o combate aos “males” que afetavam a manutenção da fé católica no período, como observamos nas seis edições, o combate à feitiçaria, à pornografia, à imprensa, a qualquer força que representasse uma ameaça à manutenção da igreja católica e ainda houve a exaltação frequentemente nos textos de três pilares considerados fundamentais pelas redatoras da publicação, como também pelos convidados a escrever para a revista, eram eles: a religião, a família e a pátria. Esses aspectos são supervalorizados e repetidamente são temas dos artigos, e são trazidos nos textos assim juntos, como os pilares para uma

sociedade e para a manutenção dos valores morais, constituindo uma linha editorial desse veículo.

Ao analisar o conteúdo da revista podemos perceber que existem nos artigos e até mesmo no tema dos poemas e contos publicados uma preocupação de ordem religiosa, na qual a formação religiosa dos leitores, sobretudo, das mulheres, a quem o periódico dizia ser destinado. Os textos da revista faziam ampla divulgação da fé católica e buscavam envolver e atrair pessoas para o catolicismo, de modo a orientar uma prática religiosa baseada na valorização da fé e nos valores morais religiosos como essenciais a vida do ser humano. De acordo com a opinião das editoras/redatoras da revista, para se alcançar a salvação e a vida eterna era essencial conhecer a história da religião católica e colocar seus ensinamentos em prática na vivência do dia a dia.

A revista *A Paladina* se caracterizou como um periódico que se voltou continuamente em seus textos para instruir moralmente a sociedade, em especial as mulheres, jovens, esposas, as mães para que, de acordo com a sua intenção religiosa, melhor educassem seus filhos, fossem boas mães, esposas, boas filhas e que aprendessem o seu papel dentro da sociedade, o de suporte do “Lar” e como figura harmonizadora, frente aos esforços masculinos fora de casa. E deste modo auxiliariam no desenvolvimento e bem estar da pátria, da família e da religião.

O ensino da religião representava um fator de suma importância para a formação cristã da sociedade, como a catequização dos índios, tema de um dos artigos da revista. Porém podemos observar que em alguns textos existia uma crítica ao progresso, a modernização, bem como ao surgimento de outras correntes de pensamento e outras religiões. Criticavam-se estes aspectos, os quais eram postos pelas editoras como obstáculos ao desenvolvimento da sociedade e a manutenção dos valores morais da sociedade, em especial a família.

Voltando à questão da divisão das seções nessas seis edições analisadas, percebemos que existem as que aparecem de forma esporádica, enquanto outras se apresentam de forma fixa, aparecendo sempre na mesma posição e em todas as edições. As seções “Educação”, “Respingando”, Notícias e notas e a Conferência das Senhoras

de Liga católica das senhoras baianas são que apareceram em todas as edições analisadas. A de Educação sempre trazia algum tema científico, sobre alguma parte do corpo, explicação de uma doença ou termos científicos; a coluna Respingando apresentava nota da redação da revista e ideias, críticas ou descontentamento das editoras com alguma questão, que geralmente circulava entre o combate a pornografia, a crítica ao surgimento de uma imprensa que “não respeita os valores católicos” e a necessidade de valorizar a família.

Outras seções que apareceram na revista, mas não eram fixas, foram as destinadas aos poemas, poesia, contos, comédia, pensamentos, carta das leitoras, palestras musicais, fé, higiene moral, moda, notas, arte e sociedade, como também artigos que tratavam de temas diversos. Essas seções se apresentaram em algumas edições, em outras deram lugar a outras, às vezes um conto, comédia ou conferência que foram divididos em partes dentre as edições, de forma a aperfeiçoar o conteúdo e fazer com que não ficasse muito extenso.

Podemos destacar também que todos os textos publicados na revista seguiam a linguagem culta, com as correções e normas gramaticais correspondentes ao período. Outro ponto interessante é que a revista feminina não era escrita apenas por mulheres. Na análise observa-se que em sua maioria existia uma predominância de textos assinados por mulheres, porém os textos assinados por homens e figuras que representavam a igreja católica, como bispos, padres, também se fizeram presentes na revista, além de poemas e contos que também foram escritos por homens.

A Paladina do Lar seguia, portanto, o padrão de imprensa feminina existente na época no Brasil. Como registra Marília Scalzo (2003, p.33), as revistas femininas existem desde que surgiram revistas no país, mas geralmente eram feitas e escritas por homens. Traziam as novidades da moda, importadas da Europa, dicas e conselhos culinários, artigos de interesse geral, ilustrações, pequenas notícias e anedotas. Esse modelo foi repetido, com pequenas diferenças, durante todo o século XIX e a primeira metade do século XX. “É certo que houve, também, nesse período, publicações feitas de mulheres para mulheres, preocupadas com sua condição na sociedade e seus direitos, mas são poucas e a maioria tem vida curta” (SCALZO, 2003, p.33).

Alzira Alves Abreu (2008, p.148) acrescenta que as revistas femininas tinham vida curta, às vezes não ultrapassavam um ano de existência. Tinham um público reduzido, porque eram poucas as mulheres alfabetizadas. Nessas revistas, defendiam o acesso à escola com vistas ao aperfeiçoamento do papel feminino de mãe e esposa. Era comum as redatoras dos jornais femininos assinarem suas matérias com pseudônimo masculino.

Sobre o padrão de comportamento da mulher que era estabelecido pela *A Paladina*, em especial quando se tratava de moda, o parâmetro adotado era o das mulheres europeias, na maneira de se vestir, de se comportar. Nas seções sobre moda, fica evidente a influência que a moda parisiense exercia sobre as mulheres, eram reproduzidos os modelos de vestidos, o tipo de tecido, caimento, e até a forma como adaptá-la ao calor do Brasil, uma vez que a referência adotada vinha de um clima frio. Em relação a esse aspecto do consumo de moda por parte das mulheres citado pela revista, vem à tona também que o público ao qual a publicação alcançava era um público feminino de uma classe social que possuía recursos para atender a tais exigências.

Outro aspecto que foi observado nas edições e que dá pistas sobre seu público leitor foram os textos que falam sobre a caridade, nos quais faziam o apelo para que as “senhoras” fizessem um caixa e economizassem dinheiro para ser destinado aos pobres e necessitados, as crianças e idosos necessitados. O pedido era que a cada dinheiro destinado a compra ou feitura de um vestido novo, as mulheres reservassem uma pequena quantia para a caridade. Isso nos faz pensar e supor que as mulheres desse período que tinham condições de fazer um vestido novo e ainda separar uma quantia para caridade seriam as que tinham uma boa condição financeira e fossem, é claro, alfabetizadas.

Ainda falando sobre temas intimamente ligados a mulher encontramos em alguns artigos o que podemos chamar de valorização do casamento, no qual representa uma instituição que respeitava e mantém os valores disseminados pela igreja católica. Em relação ao casamento, na revista podemos ver alguns artigos que tratavam da importância do casamento na vida do homem, da mulher, a idade certa para fazê-lo da importância de se gerar filhos, de constituir uma família, a forma como a esposa devia

tratar seu marido, como devia cuidar de sua casa, como devia agir frente a seu marido entre outros aspectos que eram apresentados de modo a manter a harmonia familiar e manter os “valores morais”. A valorização da família é também um dos temas que apareceu comumente nas edições, apresentando a importância da família como base para uma sociedade moral, como um dos pilares para manter os valores cristãos, frente a uma sociedade que passava por transformações e dentro da qual a igreja se sentia ameaçada.

Em relação à família as palavras “lar e sociedade” estavam sempre representando o conceito, o qual segundo as publicações seria o ideal a se manter. A pátria assim seria formada por várias famílias, as quais nasceriam de um casamento. O matrimônio representava o primeiro passo para se construir uma família, que era considerada uma das bases do Estado. A *Paladina* incentivava, seguindo os preceitos católicos, as mulheres a se casarem e se tornarem mães, considerando essas atitudes como inerentes do ser mulher, como também como características comuns do gênero feminino, além de também representar a função social da mulher nesse período.

Outro aspecto que podemos destacar da revista, e que diz muito sobre o período do contexto histórico da cidade de Salvador, é que nas seis edições analisadas, houve como assunto de alguns artigos a preocupação com a saúde e a higiene, na medida em que se orientava sobre os cuidados que deviam ser adotados para se evitar alguns tipos de doenças como a tuberculose e leptospirose. O alerta para o cuidado para se evitar o contágio e a disseminação dessas doenças decorre do fato de a cidade de Salvador nesse período não possuir um saneamento básico adequado, devido ao crescimento populacional, e o crescimento habitacional desordenado e a urbanização que se apresentavam em toda cidade, e como resultado para essa negligência, no que diz respeito a oferta do saneamento básico adequado, houve aumento do número de surtos e contágio por doenças.

Nas publicações também é possível notar que os textos atribuem a mudança de comportamento das pessoas como um reflexo das mudanças pelas quais a sociedade passava. A mudança da sociedade que se distanciava, segundo as abordagens, cada vez mais dos valores católicos, e a imprensa, que também era citada por estar se distanciando dos valores morais da sociedade, ao aceitar e publicar determinados temas que a igreja condenava.

À medida que a cultura e a sociedade iam se modificando, as pessoas se distanciariam cada vez mais dos princípios cristãos, o que ameaçava o catolicismo. A Igreja Católica percebeu que a imprensa poderia funcionar como aliada, e começou a apoiar e financiar alguns periódicos, como uma forma de defender seus interesses. Nas edições que analisamos podemos perceber, em especial nas notas, o apoio de bispos, padres, a criação da revista, a forma como os assuntos eram trabalhados, bem como parabenizava a iniciativa do periódico e das editoras, além de recomendar a revista a outros cristãos. A *Paladina* buscou orientar a mulher baiana neste momento de transformações urbanas que alteravam de forma significativa os hábitos sociais.

Um desses temas que foi repetidamente citado e criticado foi a pornografia, ele foi criminalizado pelas editoras em suas diversas formas, no cinema, no teatro, nas bancas de revista. Elas condenavam o tema e discordavam até mesmo de uma decisão de um juiz que liberou tal questão. As editoras apresentaram seu posicionamento contra a liberação de publicação de tais temas, segundo os quais afirmaram ferir os valores existentes na sociedade e a manutenção da fé. Elas ainda se posicionaram contra outros veículos da imprensa pelo Brasil que apoiaram a publicação de tais temas e passaram também a publicar sobre o tema pornografia.

Sobre a crítica à pornografia, podemos relacionar com um termo que também foi comumente utilizado na revista e tido como um posicionamento que objetivava livrar a sociedade dos males que a sociedade “moderna” trazia, a solução era a higiene moral. Esse termo era utilizado como uma maneira de estabelecer um padrão de comportamento que se alinhe com os valores católicos.

O feminismo que era defendido na revista mistura-se com os ideais católicos. Para as editoras da revista, a defesa dos princípios católicos e a luta contra os males que atingiam a sociedade do período, por meio do enfraquecimento dos valores e da fé católica, eram uma das causas pelas quais as mulheres deveriam lutar. Sendo, portanto, o oposto dos ideais do feminismo que surgia em outras partes do mundo, na qual as mulheres, segundo Amélia Rodrigues, estariam disseminando o seu mal. O feminismo defendido na revista era, segundo suas editoras, no “bom sentido”, no sentido “cristão”, de acordo com elas. Para elas existiam dois tipos de feminismo: o revolucionário e o cristão. No primeiro, as mulheres desejavam tomar o lugar dos homens, enquanto no

segundo, que era o que defendiam, desejava-se apenas o destaque da mulher, porém na seara do cristianismo e dos valores morais estabelecidos pela religião.

Outro aspecto que podemos destacar é que os artigos na maioria das vezes traziam informações de outros países, sobre situações políticas, conflitos, principais acontecimentos dos países da Europa. O padrão de tomar como referência o comportamento europeu não se aplicava apenas a moda, como também no comentário de acontecimentos, atualizando as mulheres baianas do que acontecia em outros países que eram tidos como o berço dos acontecimentos no mundo. Os acontecimentos desses países também eram criticados na revista, uma vez que a Europa de modo geral também passava por mudanças, não só no tocante a sociedade, mas também, devido às revoluções culturais que alteraram a forma com a qual a religião influenciava a vida das pessoas e também os valores políticos e sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscamos analisar edições da primeira revista feminina da Bahia, *A Paladina do Lar*, em busca de perceber os vestígios de seu processo comunicacional a partir de seus textos e imagens.

A inter-relação entre texto e contexto se torna central na realização das interpretações, mas visualizando-se cada um deles em uma dimensão particular. O contexto a ser privilegiado em uma história que coloca em destaque ações comunicacionais é exatamente o que denominamos de contexto comunicacional, enquanto os textos são vestígios que duraram daquele passado e que permitem recontar aquela história. Os textos não são meros documentos que revelam ou refletem um tempo e uma cultura históricos coerentes e unificados. O contexto, por outro lado, não é uma realidade pré-linguística, já que esteve sempre presente nos processos textuais e devem, sobre esse prisma, ser alvo do olhar dos historiadores (BARBOSA, 2019, p.27).

A imprensa destinada as mulheres, ao expandir e reproduzir as representações culturais e sociais da identidade feminina do período possibilitou, por sua vez, a sua afirmação enquanto sujeito que tinha um papel dentro da sociedade, ainda que em alguns casos, como em *A Paladina*, fosse orientado pelo signo religioso. Os periódicos destinados às mulheres tinha o objetivo de entreter, orientar e moldar comportamentos, bem como servir como espaço no qual as mulheres podiam escrever sobre moda, literatura, música, como também tinham o importante papel de chamar a atenção da mulher acerca de sua posição social, ainda que muitos periódicos, em especial o analisado nesta pesquisa, fossem consumidos apenas por uma parcela das mulheres da sociedade baiana, as da elite, as quais tinham acesso a uma educação e a um poder aquisitivo maior, que possibilitava até que fizesse e participasse de ações de caridade.

Porém esses tipos de periódicos como *A Paladina* representaram um contexto histórico e foram responsáveis por marcar comportamentos de um período no qual a religião católica lutava para se manter como parte essencial da sociedade. E, a partir das discussões das questões femininas nessas publicações, que surgiram mais tarde veículos destinados as mulheres nos quais existiriam tons de discurso político, e as mulheres

começariam a questionar o seu real papel na sociedade e a buscar mecanismos para sua emancipação.

Na Bahia, por decorrência do comportamento social ser baseado no conservadorismo de uma sociedade fortemente paternalista, o processo de ocupação da mulher em outros espaços e conseqüentemente a sua mudança de pensamento sobre o seu papel na sociedade ocorria mais lentamente.

O fato dos homens terem sido os primeiros redatores dos jornais dirigidos às mulheres baianas diz muito sobre como os contextos históricos e político influenciava no modo como eram feitos os periódicos, bem como no conteúdo presente neles, uma vez que a sociedade baiana do final do século XIX ainda era marcada pela mentalidade conservadora e pautada nos valores religiosos, na família e na Pátria. Em outros estados e em outras partes do mundo, porém neste mesmo período mulheres que já participavam, ativamente, como redatoras de publicações destinadas ao público feminino, o que na Bahia só veio acontecer no início do século XX, quando elas passaram a exercer esta atividade, e é neste início do século que surge a primeira revista feminina do Estado.

Ao analisar as publicações da revista *A Paladina* percebemos que ela reflete justamente o contexto histórico em questão, o período de 1910, no qual a mulher baiana estava marcada por estereótipos, representada nas páginas do periódico como uma mulher religiosa, submissa à religião e ao “poder masculino”, bem educada, esposa e mãe que, seguindo os princípios religiosos, deveria zelar por seus valores morais e por sua família. Como vimos, a lógica paternalista imperava na Bahia, tanto no campo econômico, social, quanto nas relações familiar entre homem/mulher. O que representou um fato que de algum modo interferiu na atuação das mulheres no meio social, que como vimos era mediada pela posição de importância que o homem ocupava na sociedade.

No caso de *A Paladina*, ainda que representasse a primeira revista feminina baiana destinada às mulheres, marcando a participação das mulheres fora do meio familiar e da figura de mãe e esposa, ainda era um periódico que defendia as posições

de uma sociedade na qual a mulher representava o alicerce familiar para o sucesso masculino.

Como vimos no capítulo sobre a história da imprensa feminina, um longo percurso seria trilhado até as mulheres baianas iniciarem o processo de emancipação. Durante o final do século XIX e início do século XX, questões acerca da importância da instrução feminina, bem como o lugar que deveriam ocupar na sociedade, estavam no foco de vários periódicos especializados para o público feminino.

Os anos iniciais da Primeira República quando a onda de modernização se iniciou, foi um dos fatores responsáveis por alterar não só a estrutura da cidade de Salvador, como também o comportamento e o pensamento das pessoas. Por meio do surgimento de uma nova organização da sociedade, se modificava a estrutura da família, bem como a relação das pessoas com a religião. Como percebemos em *A Paladina*, a família e religião muitas vezes eram tidas como metáforas da pátria, pois representavam aspectos importantes para o desenvolvimento e sucesso da sociedade.

Pela posição que as mulheres ocupavam na sociedade, e os papéis que a ela eram atribuídos, ao tomarem a iniciativa de fundar um periódico, recorreram a Igreja Católica, como maneira de garantir respaldo frente à sociedade, bem como se valer da imagem de respeito que a instituição igreja representava na sociedade. Nos capítulos anteriores, quando falamos dos periódicos destinados as mulheres que circularam na Bahia no final do século XIX e início de século XX, podemos perceber como funcionava a imprensa naquele período.

Partimos dos momentos iniciais desta imprensa com um breve histórico da imprensa feminina no Brasil e na Bahia, a imprensa ainda não profissional, na qual se acreditava que o jornalismo apresentava a função de civilizar, emancipar e contribuir para uma maior participação das mulheres na sociedade. Vimos os principais periódicos femininos, destacando os principais, passamos também pelo surgimento das revistas especializadas ao público feminino, refletimos acerca da maneira com que as mulheres eram representadas nesses periódicos. Podemos afirmar que o jornalismo desse período era informativo, mas se dedicava, sobretudo, ao jornalismo de opinião, uma vez que os

assuntos em pauta eram os que se destacavam no cenário social e refletiam na vida das pessoas.

Deste modo, buscamos refletir sobre as publicações de *A Paladina* a partir da sua interação com a sociedade e do contexto na qual a revista estava inserida, e como vimos, esses aspectos se mostraram como influenciadores da produção de conteúdo, dos posicionamentos adotados, das ideias defendidas e dos temas escolhidos para serem abordados nos textos. Analisamos a imprensa feminina entendendo que ela funciona não apenas como fonte de informação, mas também como agente no processo histórico que influencia e é influenciada pelos fatos acontecidos de uma sociedade. *A Paladina* exerceu influência na sociedade baiana no início do século XX, na medida em que a conjuntura histórica influenciava a produção das publicações, e estas por sua vez buscavam orientar o comportamento das mulheres da elite em consonância com os valores católicos.

Podemos afirmar também que o surgimento de *A Paladina* significou para aquelas mulheres os primeiros passos rumo a uma maior participação na sociedade, a ocupação de novos papéis, contribuindo mais tarde para sua emancipação. A revista discutia questões e preocupações do universo feminino daquele momento, os princípios de uma educação alinhada aos valores católicos, regras de comportamento, o lugar que deveriam ocupar no espaço urbano, bem como temas relevantes pertencentes ao contexto de uma sociedade que se urbanizava, se modernizava, que buscava o progresso e criavam modelos de uma civilização moderna.

Afinal podemos entender as publicações analisadas da revista *A Paladina* como frutos do contexto histórico da sociedade baiana de 1910, sobre as quais existia uma tentativa de manter, moldar e definir comportamentos femininos tidos como naturais e inerentes a toda e qualquer mulher. Representa também um importante passo dado em direção à emancipação da mulher, ainda que marcado por ideologia católica, mas de certa maneira possibilitava que as mulheres pudessem começar a pensar em buscar oportunidades de profissionalização e um espaço mais ativo e participante na sociedade.

O surgimento de periódicos como *A paladina* indica que a mulher que antes permanecia reclusa ao ambiente do lar, podia e deveria estudar buscar uma profissão,

atualizar-se de notícias e informações que não apenas diziam respeito ao lar e a família, uma vez que as tendências que se desenhavam no Brasil e no mundo era que a mulher também deveria ocupar o ambiente fora do ambiente do lar. Estes fatores influenciariam não só a dinâmica da sociedade, mas também a forma como as mulheres começariam a ocupar outros papéis na sociedade, não apenas como mãe e esposa, mas como seres capazes de ocupar e desenvolver papéis que antes eram destinados apenas às figuras masculinas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes primárias:

A Paladina. Bahia, ano1. nº. 1. Jan.1910.

A Paladina. Bahia, ano1. nº. 3. Mar.1910.

A Paladina. Bahia, ano1. nº. 5. Mai.1910.

A Paladina. Bahia, ano1. nº. 7. Jul.1910.

A Paladina. Bahia, ano1. nº. 9. Set.1910.

A Paladina. Bahia, ano1. nº. 11. Nov.1910.

Fontes secundárias:

ABREU, Alzira Alves de. *Mulheres e imprensa: passado e presente*. In: GOULART, Ana Paula Ribeiro & HERSCHAMNN, Micael (orgs.). **Comunicação e história: interfaces e novas abordagens**. Rio de Janeiro: Mauad X: Globo Universidade, 2008.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Imagens de mulher: a imprensa educacional e feminina nas primeiras décadas do século**. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília. MEC/INEP.79(191): 31-41, jan./jun. 1998, p.33.

ALVES, Ívia. (org.). **Amélia Rodrigues: Itinerários percorridos**. Salvador:, NICSA/Bureau, 1998.

ALVES, Ívia. *Amélia Rodrigues posições e estratégias*. In: COSTA, Ana Alice Alcantara & ALVES, Ívia (orgs.). **Ritos, mitos e fatos. Mulher e gênero na Bahia**. Salvador: NEIM/UFBA, 1997, p.178-195, Coleção baianas.

ALVES, Ívia. **O possível espaço público de uma escritora: Amélia Rodrigues**. In: *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*-v.3, n.1, Jan./Jun.2007, p.35-49. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/525>. Acesso em 22 de maio de 2019.

ARAS, Lina Maria Brandao de & MARINHO, Simone Ramos. **A imprensa feminina: normatização da conduta feminina nos jornais para mulheres**. In: *Revista Historiae*, Rio Grande, 3º, 2012, p.96-115.

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica: História da Imprensa Brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009, 5 ed., volume 2.

_____. **Dicionário de jornalismo Juarez Bahia: século XX**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARBOSA, Marialva. **Os donos do Rio – Imprensa, poder e público**. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000, 257p.

_____. **Jornalistas, “senhores da memória”**. Trabalho apresentando no Núcleo de Pesquisa de Jornalismo, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. **In:** ANAIS do VII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Porto Alegre – PUC do Rio Grande do Sul, 30 de agosto a 3 de setembro de 2004.

_____. **Como escrever uma história da imprensa?** Trabalho apresentado no GT de História do Jornalismo no II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, realizado em Florianópolis, de 15 a 17 de abril de 2004a.

_____. **O que a história pode legar aos estudos de jornalismo**. **In:** Contracampo. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação - UFF, Niterói 1º sem. 2005, n. 12, pp. 51-63.

_____. *Jornalismo e a construção de uma memória para sua história*. **In:** BRAGANÇA, Aníbal & MOREIRA, Sônia Virgínia (org.). **Comunicação, acontecimento e memória**. São Paulo: Intercom, 2005a, p.102-111.

_____. **Mídias e usos do passado: o esquecimento e o futuro**. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 12, p.13-26, dez. 2006.

_____. **Meios de Comunicação e História: elos visíveis e invisíveis**. **In:** ANAIS do Congresso Nacional de História da Mídia – São Paulo – 31 maio a 02 de junho de 2007.

_____. **História Cultural da Imprensa – Brasil – 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007a.

_____. **História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

_____. **Múltiplas formas de contar uma história**. Alceu (PUCRJ), v.10, n.20, p.25-39, jan./jun.2010a. Disponível em: http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Alceu20_Barbosa.pdf. Acesso em 22 de maio de 2019.

_____. **O método e a análise histórica do jornalismo**. **In:** ANAIS do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, AM, 4 a 7 de setembro de 2013.

_____. **Uma história da imprensa (e do jornalismo): por entre os caminhos da pesquisa**. **In:** Intercom-RBCC- São Paulo, v.41, n.2, p.21-36, mai./ago 2018.

_____. **Meios de comunicação: lugar de memória ou na história?** *Contracampo*, Niterói, v. 35, n. 01, pp. 07-26, abr./jul., 2016.

_____. *Tempo, tempo histórico e tempo midiático: interrelações*. **In:** MUSSE, Christina F., VARGAS, Herom & NICOLAU, Marcos (orgs.). **Comunicação, mídia e temporalidades**. Salvador-BA: Edufba, 2017.

BARBOSA, Marialva & RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **“Combates”: por uma história da mídia e do jornalismo no Brasil**. **In:** ANAIS do Intercom 2009 – do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba-PR, 4 a 7/09/2009.

_____. *Comunicação e História: um entre-lugar*. In: BARBOSA, Marialva & RIBEIRO, Ana Paula Goulart (org.). **Comunicação e história: partilhas teóricas**. Florianópolis: Insular, 2011.

BARDIN, Lauren. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRAGA, Adriana. **Corpo-verão: jornalismo e discurso na imprensa feminina**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

BOAS, Sergio Vilas. **O Eslilo Magazine: o texto em revistas**. São Paulo: Summus, 1996. (Coleção novas buscas em comunicação; v.52)

BONOTTO, Danusa de Lara; KRIPKA, Rosana Maria Luvezute; SCHELLER, Morgana. **Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização**. In: Revista de investigaciones UNAD Bogotá - Colombia No. 14, jul-dez 2015, p.55. Disponível em: <http://hemeroteca.unad.edu.co/index.php/revista-de-investigaciones-unad/article/viewFile/1455/1771> . Acesso em: 9/04/19.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa Feminina**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

BUITONI, Dulcília Schoeder. **Mulher de Papel**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

BUITONI, Dulcília Schoeder. **Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira**. 2ª. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2009. v. 1. 240p

CANDIDO, Antonio. **Noções de análise histórico-literária**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

CARVALHO, Alfredo & TORRE, João Nepomuceno. **Anais da Imprensa na Bahia – 1º Centenário 1811-1911**. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2007, 2ª edição.

CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DOREA, Luiz Eduardo. **Histórias de Salvador nos nomes das suas ruas**. Salvador: Edufba, 2006. (Coleção Bahia de Todos os Santos).

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX: dicionário ilustrado**. 1º edição. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

FREIRE, Jane Luci Ornelas. **Maria Luiza de Sousa Alves e a Educação Feminina na Bahia**. Salvador, 2013. Tese Doutorado em Educação. Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia.

GRILL, Rosalind. *Análise de Discurso*. In: BAUER, Martin W. e GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002, 3ª edição, p.244-270.

HABERT, Angeluccia Bernardes (1974). **Fotonovela e Indústria Cultural**. Petrópolis: Editora Vozes.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de.; ARAUJO, Lúcia. **Ensaístas Brasileiras (org.):** mulheres que escreveram sobre literatura e artes de 1860 a 1991. Rio de Janeiro: 1993.

JÚNIOR, Wilson Correa da Fonseca. **Análise de conteúdo.** In: DUARTE, Jorge Duarte & BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005, p.280-304.

LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros. *As Damas da caridade: sociabilidades femininas na Bahia republicana..* In: SARDENGERB, Cecília M.B., VANIN, Iole Macedo & ARAS, Lina M. Brandão de (orgs.). **Fazendo gênero na historiografia baiana.** Salvador: NEIM/UFBA, 2001, p.89-102.

_____. *Socialização feminina: cultura e lazer da mulher de elite em Salvador na primeira república.* In: PASSOS, Elizete, ALVES, Ívia & MACÊDO, Márcia (orgs.). **Metarmofosis: gênero nas perspectivas interdisciplinares.** Salvador: UFBA, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a mulher, Coleção Baianas 3, 1998, p.165-180.

MARINHO, Simone Ramos. **A imprensa e a norma para o bello sexo: o periodismo feminino na Bahia (1860-1917).** Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em História, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia. Salvador-BA, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/12714/1/Simone%20Ramos%20Marinho%20-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso: 20/01/19

MATOS, Maria Eliana Almeida; PASSOS, Elizete Silva. **A triologia: família, pátria e religião como condição para o desenvolvimento humano na visão de Maria Luiza de Souza Alves.** In: Revista Cairu, Nº 3, Ano 3, Dez. de 13/ Jan. de 2014. Disponível em: <https://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/2014/TRILOGIA%20maria%20eliana%20e%20elizete.pdf>. Acesso em: 21/01/2018.

MATTOSO, Kátia M. de Queiroz. **Bahia: século XIX uma província no império.** p.50-72. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1992.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX.** São Paulo: Olho d'Água/Fapesp, 2001.

MOLINA, Matías M. **História dos jornais no Brasil: da era colonial à Regência (1500-1840), v.1.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo.** In: Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html#ftn1. Acesso: 22/02/2019.

MOREIRA, Sonia Virgínia. *Análise Documental como método e técnica*. In: DUARTE, Jorge Duarte & BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p.269-279.

OLIVEIRA, Aline Paim de. *A paladina (do lar) e a situação da mulher no princípio do século*. In: PASSOS, Elizete, ALVES, Ívia Alves & MACÊDO, Márcia (orgs.). **Metarmofosis: gênero nas perspectivas interdisciplinares**. Salvador: UFBA, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a mulher, Coleção Baianas 3, 1998, p.189-196.

OLIVEIRA, Marcelo Souza. **Amável redentora: modelos femininos em Letícia Anna Ribeiro**. In: Revista de História e Estudos Culturais. Jul/Ago/Set- 2008. Vol.5. Ano V. Nº3. Disponível em: http://www.revistafenix.pro.br/PDF16/ARTIGO_13_MARCELO_SOUZA_OLIVEIRA_FENIX_JUL_AGO_SET_2008.pdf. Acesso: 17/03/19.

PASSOS, E. **Amélia Rodrigues** (1891- 1926). Salvador: EDUFBA: FAGED, 2005

PINHEIRO, Eloísa Petti. **O caso da cidade do Salvador**. In: *Europa, França e Bahia: difusão e adaptação de modelos urbanos* (Paris, Rio e Salvador) [online]. 2nd ed. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 175-266. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/gpp3z>. Acesso: 11/04/19.

SAES, Alexandre Macchione. **Modernização e concentração do transporte urbano em Salvador (1849-1930)**. In: Rev. Bras. Hist. vol.27 no.54 São Paulo Dec. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000200012. Acesso: 10/04/19.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação & pesquisa – projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

SANTOS, Mário Augusto da Silva. **Crescimento urbano e habitação em Salvador (1890-1940)**. In: Revista de arquitetura e urbanismo. V.3, nº1, p.20-29, 1990. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/rua/article/view/3103/2221>. Acesso em: 10/04/19.

SILVA, Barbara-Christine Nentwig, SILVA, Sylvio Carlos Bandeira de Mello e. **Cidade e região no Estado da Bahia**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1991.

SILVA, Jackson Ronie Sá; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe Guindani. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. In: Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Ano I - Número I - Julho de 2009. Disponível em: <https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/6/pdf>. Acesso em: 9/04/19.

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (organizadores). **Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad X, 1999, 4ª edição, 501p.

SOUZA, Itamar. **A mulher e a Revolução Francesa: participação e frustração.** Revista FARN. Natal, v2, n2, jan/jul 2003.

STUMPF, Ida Regina. *Pesquisa Bibliográfica.* **In:** DUARTE, Jorge Duarte & BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005, p.51-61.

TAVARES, Luís Guilherme Pontes. *Anotações sobre Cincinnato José Melchides e a sua Typographia Bahuana.* Salvador: edição do autor, 2017.

ZICMAN, Renée Barata. **História através da imprensa: algumas considerações metodológicas.** **In:** Revista História e Historiografia. São Paulo, n. 4., jun. 1985, p. 89-102. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12410>. Acesso em: 12/06/19.